FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 26 DE MARÇO DE 1960

ANO 39.º — NÚMERO 13 396

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2

EDITOR—J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A PROPÓSITO DA VISITA DE KRUCHTCHEV A FRANÇA — (6)

A crise nas relações *franco-soviéticas* após o pacto de Moscovo

por ATTICUS

PARIS, Março — A atitude, na aparência sistematicamente anti-francesa de Estaline explica-se sem dificuldade. Em seguida á guerra os Russos sentiam-se dominados pela ideia de uma modificação do equilíbrio da balança de forças na Europa e do ressurgimento económico e militar da Alemanha, graças á protecção anglo-americana para o qual a França contribuiria sob a sua pressão. E' por este prisma que devemos encarar a crise nas relações franco-soviéticas depois da assinatura do pacto de Moscovo, em Dezembro de 1944. Essa crise reflectia as divergências, já então latentes, entre a União Soviética, por um lado, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, por outro, as quais começaram a fazer-se sentir ainda antes do termo das hostilidades. As relações franco-soviéticas não podiam deixar de se ressentir delas.

Por esse motivo Estaline, que contra a oposição de Churchill e

(Continua na página seguinte)

A sr.ª Nina Kruchtchev, no palácio do Eliseu, entre a esposa do general de Gaulle e a sr.ª Mairey, cujo marido organizou o programa da viagem do chefe do Governo russo a França

Kruchtchev começou as visitas às cidades francesas da província

PARIS, 26. — O presidente do Conselho soviético iniciou, hoje a sua visita ás principais cidades da provincia francesa, partindo ás 8 horas (T. M. G.), num avião a jacto, para Bordeus.

O ministro da Educação, Louis Joxe, acompanhou Kruchtchev ao aeroporto, apresentando-lhe cumprimentos de despedida em nome do Governo francês.

Quando o cortejo de automóveis, fortemente escoltado por motociclistas da Polícia, atravessou as ruas de Paris, as pessoas que, àquela hora matutina, se dirigiam para o trabalho paravam á beira dos passeios e acenavam.

Com o presidente do Conselho soviético seguiram a esposa, Nina Kruchtchev, um filho, as três filhas e o genro. A viagem até Bordeus, e daí para outras cidades da França, faz-se num «Caravelle», a jacto, especialmente adaptado.

Bordeus, o primeiro ponto de escala, é um importante centro vinícola e porto atlantico. Kruchtchev visitará, depois, os campos de gás natural, em Lacq e Pau, nos Pirenéus, perto da fronteira espanhola.

O percurso da volta a França de Kruchtchev estende-se por nada

(Continua na ultima página)

MacMillan partiu hoje para os Estados Unidos

CATWICK (Inglaterra), 26. — O primeiro-ministro britanico partiu deste aeroporto para os Estados Unidos, onde vai efectuar conversações com o presidente Eisenhower.

O primeiro-ministro é acompanhado por «sir» William Penney, cientista nuclear e membro da comissão de energia atómica, por Con O'Neill, técnico de desarmamento do Foreign Office, por «sir» Norman Brook, secretário do gabinete, e pelo seu secretário particular.

As conversações entre MacMillan e Eisenhower realizar-se-ão em Campo David, perto de Washington. — (R.).

ADENAUER INSISTE NA FISCALIZAÇÃO DO DESARMAMENTO

TOQUIO, 26. — O chanceler Adenauer, falando numa conferência de Imprensa, declarou hoje que sem obter um progresso substancial na questão do desarmamento fiscalizado não será possível solucionar qualquer dos outros problemas que se apresentarão na próxima conferência no mais alto nível, em Paris.

Adenauer disse que há uma unica pergunta a fazer á União Soviética, na conferência de alto nível. A pergunta é: Está ou não a União Soviética preparada para aceitar o regime de céu aberto e submeter-se á inspecção aérea internacional?

E terminou por dizer:

«Deveremos enfrentar o facto de que os povos livres necessitam de se manter tão fortes quanto possível até a União Soviética verificar

(Continua na ultima página)

2.ª TIRAGEM

Ler na pág. central:

Futebol

•

A chegada da «B B»

Uma grande parte dos nossos navios militares já não aceita reparações susceptíveis de valorização efectiva

Alguém, que não assinava escreveu há meses, aliás, acertadamente, na revista «Economia e Finanças», um pequeno artigo sobre a precária situação do nosso material naval. E, a propósito da então recente chegada ao Tejo das fragatas «Pacheco Pereira» e «Álvares Cabral», construídas em 1945 e adquiridas no ano passado á Grã-Bretanha, graças a porfiados esforços do ministro da Marinha, o articulista em questão dizia o seguinte:

Com a chegada ao Tejo destas

MAURICIO DE OLIVEIRA

(Continua na 11.ª página)

Alguns dos navios do programa de 1930 — todos já ultrapassados pelo tempo e pela técnica

Nota do dia

CONTACTOS ÚTEIS

O sr. ministro dos Negócios Estrangeiros ofereceu ontem, no Palácio das Necessidades, um almoço aos directores dos jornais diários de Lisboa e Porto, durante o qual fez uma longa e brilhante exposição acerca da troca de impressões que teve com entidades políticas responsáveis nas suas recentes viagens a diversos países da Europa. Estavam representadas todas as correntes de opinião que têm curso legal no nosso País. O embaixador Marcello Mathias fez um largo «tour d'horison» em relação a alguns problemas da política internacional que, neste momento, mais podem interessar ao ponto de vista português, e manda a verdade dizer que o fez com uma clareza, mais do que isso, uma clarividência, uma elevação, um sentido das realidades e um poder de persuasão absolutamente notáveis. Não é fácil, como se compreende, a missão da Imprensa. Sempre nos pareceram, por isso, vantajosos contactos em que os jornalistas com responsabilidades de direcção fossem informados, esclarecidos, orientados — que mais seria lícito pretender? — acerca de determinados problemas que implicam exactamente com aquilo que se considera os superiores interesses nacionais. Esses contactos substituiriam com vantagem outros meios de acção e de prevenção usados para com esta nobre e incompreendida magistratura. O sr. ministro dos Negócios Estrangeiros assim o compreendeu, e muito bem. Mal-entendidos, incompreensões, leviandades, divergências que afectem a coesão moral de que o País necessita, hoje mais do que nunca, podiam desfazer-se e opiniões erradas podiam corrigir-se, se esta prática se adoptasse com mais frequência e contactos úteis e esclarecedores se repetissem entre as pessoas responsáveis e aqueles que têm a missão de orientar a opinião pública no sentido mais conveniente ao interesse nacional. E se outros ministros experimentassem seguir-lhe o exemplo?

Visado pela Comissão de Censura

CINCO GÉMEOS

KARNACK (Texas), 26.—A italiana Anne Collica, de 24 anos, deu, esta madrugada á luz cinco gémeos — três rapazes e duas raparigas — no Hospital de Karnack. A mãe e as crianças estão bem.—(A. N. I.).

Diario de Lisbôa publica hoje 32 páginas QUE INCLUEM MAGAZINE * JUVENIL * DE UMA SEMANA PARA A OUTRA

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Sentido humano e real da psicoterapia

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

QUAL o fim, a meta próxima ou longínqua da psicoterapia? Minorar o sofrimento aliviando o espírito do enfermo e, a seu tempo, descarregando-o de falsas interpretações, ligadas a sensações conscientes. Estes doentes (histéricos, fóbicos e angustiosos) imaginam-se vítimas dos outros e dos acontecimentos, mais do uqe o são na realidade.

A tendência é para ultrapassar o limite, ir além das próprias sensações, numa ânsia ilimitada de ser

(Continua na 13.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Diário da OUTRA BANDA

Almada precisa de um liceu oficial

O desenvolvimento do concelho almadense, patente nos mais variados aspectos, não se poderá considerar completo enquanto não houver estabelecimentos de ensino em numero suficiente. E' o caso das escolas primárias. Por outro lado, o ensino secundário, bem servido quanto a escolas técnicas, acusa deficiências no que se refere aos cursos liceais, pois não existe um liceu oficial, embora existam dois colégios (externatos) que cumprem a sua missão específica.

A frequência desses colégios não se pode considerar, porém, acessível á maioria dos habitantes, dado o custo das respectivas propinas. Porque os liceus da capital se encontram superlotados, não podendo, praticamente, receber mais alunos, importa solucionar, quanto antes, o problema de Almada, tanto mais que temos de considerar, nesta faceta, o termo almadense como zona nítida, de influência nos vizinhos concelhos do Seixal e de Sesimbra, constituindo há muito uma comarca judicial.

Na verdade, a existência de um liceu em Almada viria não só resolver a situação difícil de grande numero dos seus jovens, impossibilitados materialmente de seguir o curso que mais lhes agrada, como facilitaria também, a difusão do ensino pelos concelhos limítrofes, onde se desenha um progresso extraordinário, quer no sector industrial, quer nos sectores demográfico e urbano.

Atendendo a este conjunto de circunstancias, ponderáveis, a edilidade almadense, no seu ultimo plano de urbanização da vila-sede, localizou uma faixa de terreno destinada á construção de um liceu. Mais tarde, esse terreno foi indicado para a nova Escola Técnica Elementar, a erguer dentro em breve, fincando novamente prejudicada, pelo menos na aparência, a ideia do liceu. Todavia, confiamos em que o assunto, por importante e complexo, não será descurado, tendo-se em atenção os interesses, legítimos, de numerosas famílias que não podem manter os seus filhos a estudar em externatos, o que, inevitavelmente, prejudica o êxito de muitos rapazes.

Possibilitar o ensino secundário e superior a quantos deles careçam e mostrem verdadeira vocação, deve, ficando novamente prejudicapreocupações dos municípios, porquanto o seu real desenvolvimento depende, em boa parte, do próprio desenvolvimento dos seus munícipes.

E, neste caso de Almada e dos restantes concelhos da sua populosa comarca, a instalação de um liceu oficial, preferentemente com os três ciclos, está mais do que justificada.

Terrenos oferecidos

á Camara do Seixal para um bairro de pobres

A instalação de várias industrias na região do Seixal, assinalando-se especialmente o centro sul da Siderurgia Nacional, trouxe o consequente aumento do nível de vida da população e também, do custo de rendas de casa, com tendência nítida para se acentuar, não obstante o ritmo impressionante das novas construções urbanas. Para combater a alta que se desenha e impedir a edificação dos chamados «bairros de lata», resolveu o Munixalense erguer um bairro de cem moradias, de dois fogos cada, cujas rendas nunca serão superiores a 70$00, que importaá em cerca de 2.000 contos. Colaborando nesses objectivos, o sr. José Caetano, proprietário da Quinta da Boa-Hora, em Arrentela, atendeu ás solicitações dos srs. Manuel Bonaparte Figueira e Manuel Correia da Costa, respectivamente presidente e vice-presidente daquela edilidade, e cedeu, gratuitamente, á Camara 20 mil metros quadrados de terreno para o fim em vista. O sr. aquitecto Nereus Fernandes, consultor do Município, visitou já o referido terreno e ficou muito bem impressionado quanto á localização do projectado bairro.

O MERCADO DO RATO vai ser visitado

pelo presidente da Camara

O brigadeiro França Borges, presidente da Camara Municipal de Lisboa, no intuito de dar seguimento aos pedidos formulados pelas diversas Juntas de Freguesia da capital, por intermédio do vereador nomeado para representar o Município junto daqueles organismos, visita, depois de amanhã, dia 28, pelas 10 e 15, acompanhado do referido vereador, engenheiro-agrónomo D. Sigismundo do Carmo da Camara Saldanha, e pelos vogais da Junta de Freguesia de S. Mamede, o Mercado 31 de Janeiro, vulgo Mercado do Rato, a fim de observar as pretensões desta ultima, quanto ao assunto, expostas por ocasião da posse.

Gina

participa às suas Ex.mas Clientes que dentro de poucos dias realizará a sua Exposição de chapéus e Novidades no Avenida Palace Hotel, em Lisboa

Cinemas

COVA DA PIEDADE—*Recreativo Piedense* — Ás 21 e 15, «Dinheiro por um corpo» e «Panico na cidade (adultos).

MONTIJO — *Cinema-Teatro Joaquim de Almeida*—Ás 21 «Esta mulher é minha» e «Grande golpe» (17 anos).

BARREIRO—*Cinema ginásio C. U. F.*—Ás 20 e 45 «O rato que ruge» e «Com o signo das armas». (12 anos).

SETUBAL—*Salão Recreativo do Povo*—Ás 21 «A honra dos homens» e «Vivia com ela o pecado» (17 anos).

PORTO BRANDÃO—*Cinema*—Ás 21 «A mulher e a fortuna».

Farmácias de serviço

ALCOCHETE—*Gameiro* — Largo António S. Jorge, 9. Tel. 034100.

ALMADA — *Farmácia Central* — Rua Olivença, 11-B. Tel. 070504.

BARREIRO—*Farmácia Central*—Avenida Bélgica, 48. Tel. 023207.

COVA DA PIEDADE—*Castro Rodrigues*—Praça 5 de Outubro 1910, Tel. 070121.

MOITA—*Silva Rocha*—Praça da Republica, 16. Tel. 039029.

MONTIJO—*Moderna* — R. Bolhão Pato, 60. Tel. 030156.

SEIXAL—*Soromenho*—Rua Paiva Coelho, 38. Tel. 021580.

SESIMBRA—*Lopes*—Rua Candido Reis, 67. Tel. 029028.

SETUBAL—*Costa*—Rua da Misericórdia, 48 e 50. Tel. 22760.

A propósito da visita de Kruchtchev a Paris

(Continuação da página anterior)

Roosevelt, insistira pela entrada da França na Comissão Consultiva Europeia — criada em Outubro de 1943 na conferência tripartida de Moscovo convocada para estudar as questões europeias — opôs-se á entrada da mesma França na Comissão de Fiscalização Aliada para a Alemanha, a qual devia executar as disposições dos acordos de Potsdam. No fundo, a razão era a mesma. Segundo revelou o falecido secretário de Estado americano, Byrnes, Estaline dizia que fazê-lo e dando á França um lugar de destaque com prejuizo de outros países que valentemente tinham combatido o inimigo — por exemplo a Polónia e a Jugoslávia — era suscitar embaraços difíceis mais tarde de remover. Ainda com o mesmo argumento, Estaline opôs-se a que á França fosse dada uma zona de ocupação na Alemanha vencida. Segundo o relato de Byrnes dizia ele que «a França tinha apenas oito divisões a combater os alemães enquanto a Polónia com o Governo provisório de Lublin tinha dez».

O rompimento inevitável

Apesar disso, as razões de descontentamento que a França podia ter do seu aliado russo não bastavam para explicar a viragem que se operara nas relações entre os dois países. A mesma França tinha identicas, se não maiores razões de descontentamento em relação aos anglo-saxões sem que isso alterasse as relações que com eles mantinha. No caso da Russia havia, porém, motivos mais profundos, os quais eram de molde a explicar o que se passou entre os dois países. E' que os Russos consideravam a aliança com a França um elemento fundamental da sua política de segurança no pós-guera e como uma garantia dupla: contra a criação de um bloco ocidental e contra as veleidades dos anglo-saxões, inclinados a favorecer o renascimento do poder militar da Alemanha. Ora, em relação a estes dois pontos capitais, a França afastara-se progressivamente daquilo que em Moscovo consideravam o espírito da aliança franco-soviética e mesmo a sua letra. Tratava-se de uma reedição do que se passara com a aproximação entre os dois países depois da primeira guerra mundial. Sob a pressão dos seus aliados ocidentais com os Estados Unidos a desempenharem o papel que entre 1930 e 1938 desempenhara a Grã-Bretanha, a França afastava-se do caminho traçado pela aliança franco-soviética para enveredar por uma nova via a qual se orientava em sentido oposto. Ao romper com a União Soviética a França deu a sua adesão a um bloco ocidental — o pacto do Atlantico. Para os Russos a evolução da situação internacional no pós-guerra atingira o ponto que, a acreditar no que diz o general de Gaulle nas suas «memorias», ele tinha previsto ao dizer que «uma vitória na qual os Sovietes tivessem um papel capital era susceptível de fazer surgir novos perigos no Mundo».

Ao mesmo tempo a França afastara-se do seu aliado oriental quanto á maneira de encarar e resolver o problema alemão. Em vez das ideias e princípios que enformavam a aliança selada em Moscovo em 1944, os Franceses passaram a praticar outros diferentes os quais contribuiam para a ressureição do poder militar e económico da Alemanha, considerada indispensável ao equilibrio europeu em parte assegurado pela reaparição na cena europeia de um novo exército alemão. A aliança franco-soviética não podia resistir a uma tal provação. Quando foi assinado o pacto do Atlantico — Abril de 1949 — o Governo soviético anunciou que ele era incompatível com a sua aliança com a França. Nove anos depois da sua conclusão, a Russia denunciou a aliança com a França em sinal de protesto contra os acordos celebrados entre as nações ocidentais, os quais autorizavam o rearmamento da Alemanha.

Em Albufeira, o «Diário de Lisboa» é vendido por intermédio do sr. António Santos Labisa.

PRAIA DO SOL — COSTA DA CAPARICA

Goze as suas férias ou passe os seus fins de semana nesta maravilhosa Praia.

Serviços esmerados em magníficos estabelecimentos, como

PENSÃO SANTO ANTÓNIO — SNACK BAR COPA CABANA
CAVE REGIONAL COSTA BELA

FRIAL

Concessionária da General Motors para os produtos FRIGIDAIRE, tem o prazer de convidar o público em geral a visitar a exposição que se realiza no Jardim de Inverno do Hotel Ritz, de 25 de Março a 3 de Abril de 1960, onde poderá apreciar os últimos modelos de frigoríficos, máquinas de lavar roupa e loiça, secadores de roupa e ar condicionado.

A Gerência

MARÇO: 25, DAS 18,30 ÀS 24 HORAS — 26 E 27 DAS 15 ÀS 24 H. — 29 A 31, DAS 17 ÀS 24 H. — ABRIL: 1, DAS 17 ÀS 24 H. — 2 E 3, DAS 15 ÀS 24 H.

ACABA DE SAIR

DO CÉU VEM O AUXILIO

ROMANCE DE

MAX DU VEUZIT

1 vol. de 250 páginas — 15$00

Últimos volumes publicados da autora:

Paixão que domina — Destinos que se afastam — Tenho Direito ao Amor — Estranho Casamento — O melhor é casar — A Misteriosa Desconhecida — Castelã por um dia — O Amor levanta a luva — Coração Apaixonado

Edições ROMANO TORRES

À VENDA NAS LIVRARIAS E TABACARIAS

HOTEL EMBAIXADOR

APRESENTA

no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»

RITA REYS

A VOZ REVELADORA DAS IMAGENS PALPITANTES DO «JAZZ»

Acompanhada pelo seu pianista PIM JACOBS

E GERI FANTASISTA E CARICATURISTA DA T. V. INGLESA

AMANHÃ: «Matinée» com atracções. Chá completo, 25$00

MAIORES DE 17 ANOS

Em Alhandra, o «Diário de Lisboa» é vendido por intermédio do n/ agente Cecílio Augusto Costa.

TEMPO
EI NEM ROQUE

POR

ALFREDO BRAZ

me lhe chamam os astrónomos, tacam sido observados e até tografados muitos anos do lançamento dos satélites, nem sequer ignorava a espantosa grandeza sses factos de chama provocados pelas explosões solares, cuja tura chega a atingir cerca de 1 lhão de quilómetros. Mas só os Sputniks», dotados de um perfeisimo equipamento e colocados no elhor ponto de observação possível, conseguiriam fornecer-nos informações precisas acerca desse nómeno.

Numa conferência realizada em oscovo, o sábio americano John tewart recordou que antes dos nçamentos dos satélites, todos estavam convencidos da existência do azio para além de 250 quilómetros e altitude. Sabe-se agora, acrescentou o sábio, que mesmo a 500 ou 600 quilómetros, o espaço é vinte vezes mais denso do que se julgava. Essa última substância da Terra está irrigada por torrentes violentas que arrastam partículas cuja origem é solar.

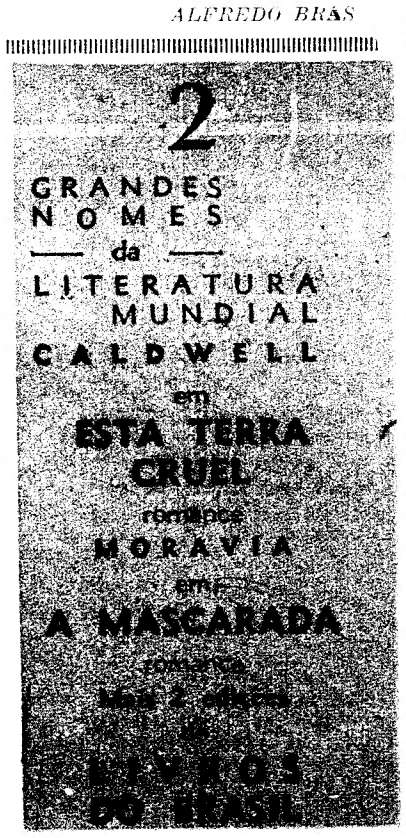
Respondendo ao seu colega americano, o sábio russo Tindo, falando das torrentes espaciais que alteram o nosso clima, deu o seguinte exemplo: a 7 de Novembro de 1957, os sinais regulares do «Sputnik I», que se encontrava a 400 quilómetros de altitude, cessaram bruscamente. Não mais se ouvia o «bip bip» habitual, mas um ruido imprevisto. Uma explosão solar havia desencadeado contra o satélite uma torrente eléctrica mais poderosa que o costume: 72 partículas por segundo em lugar de 18. «Este acontecimento, disse o professor Tindo, contará para a nossa vida, as nossas colheitas e a nossa segurança». Foi sem duvida esse fenómeno o grande responsável, a dois anos de distancia, das perturbações meteorológicas que sofremos em 1959. E os efeitos dessas inundações eléctricas vindas do Sol continuarão por mais algum tempo, porquanto o «Sputnik III» registou outras explosões análogas que permitem predizer três anos de profundas perturbações climáticas, antes que o curso das estações retome a sua regularidade.

Mas as tempestades atómicas do Sol têm efeitos ainda mais extraordinários. O casal de sábios Stoiko demonstrou que, depois das recentes erupções solares, a distancia entre Paris e Nova York diminuiu 39 centímetros. Tal deformação da crosta terrestre, ainda que mínima, põe bem em evidência as fantásticas energias postas em acção.

A ciência ainda não dispõe de armas que lhe permitam lutar contra forças de tal modo poderosas e contenta-se, por enquanto, em vigiar constantemente a actividade solar. Essa espionagem não se limita, porém, aos satélites artificiais e a América mantem em plena actividade uma esquadra aérea de vigilancia estratosférica, a AN-AMQ-15, cuja missão é planetária. Equipada de aviões-laboratórios e de foguetões, essa esquadra, que assegura a inspecção do céu té 800 quilómetros de altitude, trabalha em estreita colaboração com a esquadra russa do general Siforov e ambas se empenham em recolher o máximo de informações sobre os cataclismos solares e as suas consequências terrestres. Os sábios de muitas outras nações, embora sem disporem de meios técnicos tão evoluídos, colaboram também na interpretação dos informes alcançados. Espera-se assim chegar a prever e a dominar as colossais forças que, segundo agora sabemos, governam as nossas estações e o nosso clima.

ALFREDO BRAS

ão é uma camponesa ribatejana com o seu lenço a assinalar vestígios árabes. Também não é uma campaniça alentejana. Trata-se simplesmente de uma mulher do povo da India de cara queimada e enrugada da luta pela vida nessa terra das fomes edémicas



ACTORES NÃO PROFISSIONAIS
NUM GRANDE FILME

A grande, a maior divisão que existe entre as pessoas na Africa do Sul, é entre Brancos e Negros.

«Regresso a Africa» é uma obra impressionante realizada por Lionel Rogosin que, a pretexto de fazer um filme musical, obteve das autoridades oficiais autorização para filmar em Joanesburgo.

Antigo engenheiro naval, Rogosin foi seduzido pelas possibilidades mágicas da camara de filmar e realizou, com actores não profissionais, um extraordinário documento sobre o problema da segregação social na Africa do Sul.

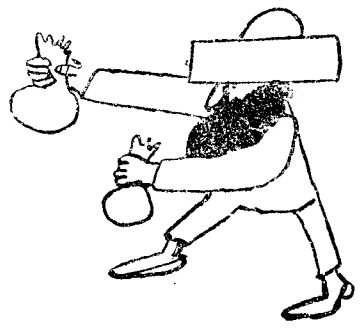
*

E' um documento sensível, inteligente e humano. E' também uma obra duma grande beleza, cujas miragens permanecem na nossa memória muito tempo depois de termos visto o filme.

«Quis mostrar sobretudo — diz Rogosin, o que se evita ver, mostrar os homens ignorados, fazer filmes que devem ser feitos e que ainda não se tinham feito».

Tem interesse acentuar de novo que a interpretação é totalmente obra de amadores e parece que este extraordinário documento ganha verdade com esse facto.

CUBA
EM CALDA DE AÇUCAR



Quem tem acompanhado mais ou menos de perto a evolução da América Latina, e, em particular, o que ultimamente tem ocorrido na pequena ilha de Cuba que o dr. Fidel de Castro tornou agora ainda mais conhecida, leu, de certo, um telegrama da Agência «France-Presse» com esta frase muito pitoresca: «Antigamente, antes da revolução, Cuba era o país de sonho onde se podia ganhar milhões de dólares sem se estar colectado, ou pelo menos sem que o Estado pudesse obter o pagamento dos impostos correspondentes a essas enormes somas. A lei exigia, efectivamente, como em qualquer país, a declaração anual dos rendimentos, mas os advogados especializados neste ramo de actividade encontravam sempre maneira de iludir a lei».

*

O antigo regime cubano destruído pelas forças do barbudo general Fidel de Castro não era tido como exemplar em vários aspectos já conhecidos. Mas ignorava-se que também estivesse muito evoluído no que diz respeito a matéria de fraude fiscal. Aliás, estas coisas estão todas ligadas entre si. Quando há violência e corrupção das classes mais favorecidas nos negócios a doença alastra e manifesta-se em todos os domínios da vida da nação.

O novo Governo tem procurado meter o nariz em todos os campos da vida cubana e entre as muitas tarefas que se julga com força e direito para levar por diante uma é a de tentar lavar essa nódoa fiscal. Assim a primeira coisa que decidiu fazer nesse domínio foi regressar às taxas fiscais anteriores a 1955. Fez um rigorissimo inquérito a tudo que foi feito posteriormente e decretou que todos os impostos devidos e não pagos referentes a esses exercícios deviam estar completamente regularizados num dado prazo que fixou. Caso contrário, os que insistissem em fugir ao cumprimento dessa ordem arriscavam-se a pesadas penas de prisão. Ora, como toda a gente sabe, pelas notícias que de vez em quando nos chegam dessas bandas, parece que Fidel de Castro não é homem muito dado a perdoar.

E parece que foi isso mesmo o que compreenderam todos os retardatários no pagamento dos impostos, correspondendo quase em massa à intimação. A recolha dos impostos em dívida e subtraídos ao fisco foi feita rua a rua, e nos bairros ricos de Havana chegou a constituir-se verdadeiras bichas para pôr em regra todos os infractores.

Aliás, todos os impostos sobre rendimento acabam de ser agora aumentados com efeitos retroactivos e a normalização dos atrasos terá de ser feita pelas novas taxas.

Dizia, a propósito, um dos novos chefes de Cuba que vistas bem as coisas não foi mal que tivesse havido «atraso» no pagamento dos impostos, porque assim é o novo Governo que arrecada (e de que maneira!) os impostos «em vez de terem ido parar aos cofres sem fundo do general Baptista».

De ontem para hoje

TURISMO NO NORTE

A Foz do Douro, com os seus azuis frescos, com as velas e gaivotas que roçam pelos casarios e pelos cais a sua brancura devancadora, pode surgir aos olhos do turista nacional ou estrangeiro como um recorte de quimérica viagem, tal o seu encanto envolvente. É, porém, a vida, na sua pujança o motivo fascinador dos arredores policrómos da capital do Norte, ás vezes enevoados de uma melancolia atlantica, quase céltica, que, ao rasgar-se, acentua a graça dos verdes doirados, nesta quadra em que Minho e Douro, assim que a furia do mar e do vento se acalmem, parecem regressar á sua condição paradisíaca. Matosinhos, Leça, Vila do Conde são jóias das mais valiosas, ainda que nem sempre louvadas do nosso património turístico. Justiça lhes fez, ao visitar ontem Matosinhos e Leça, o sr. secretário da Informação, que se interessou pelos problemas de que depende a valorização da região. Esta terá em breve novos ornatos, e, mais do que ornatos, fontes de felicidade, para os sentidos, e para a alma, que tais são as consequências do progresso, quando, na sua marcha, se não perde o sentido da Natureza e da contemplação. Assim a esplanada da «Meia Laranja» verá nascer, na sua enseada, uma piscina de marés e uma casa-de-chá-restaurante aparecerá no tope da Boa Nova. A gare-restaurante de Leixões será também realidade. Nas quintas da Conceição e de Santiago, ambas de interesse turístico, serão levados a cabo vários melhoramentos, entre eles uma biblioteca-museu. E assim, em muitos outros pontos vizinhos da capital do Norte se vai lutando, com entusiasmo e com alegria, não só pelo surto económico de uma região pródiga tanto em riquezas naturais como em virtudes humanas, mas ainda pela revelação das suas belezas e pelo acréscimo das comodidades necessárias á fruição dos encantos da existência...

FEIXE DE NOTÍCIAS

ANTÓNIO Quadros fez ontem á noite na Casa do Alentejo uma conferência sobre «O Romance Brasileiro Contemporaneo» que se deve assinalar como modelo de equilíbrio, de isenção crítica, de larga generosidade humana aliada a essa funda penetração e a essa consciência do essencial em que timbra o autor da «Existência Literária». António Quadros viu o romance brasileiro em duas perspectivas: uma clássica, racionalista, focando de preferência os meios citadinos, em que integrou Machado de Assis e Raul Paupeia; a outra exuberante, nascendo das forças da Natureza ou das obscurezas do ser. Esta ultima tendência filiou-a António Quadros no barroco português e nela integrou o próprio Jorge Amado, apesar dos aspectos dialécticos da sua obra, considerando ainda seus representantes Guimarães Rosa, prodigioso estilista e criador de mitos, que seria para a terra de Minas o mesmo que José Lins para o Nordeste, numa fase mais adiantada da compreensão do romance como arte de integração do homem no cosmos; e o Fernando Sabino do «Encontro Marcado», já no limiar do romance existencial.

✱ A Camara Municipal de Lisboa informou de que tudo está preparado para que no primeiro dia do mês de Abril entre em funcionamento novo sistema de recolha e transporte dos lixos há muito previsto, agora praticado pelo alargamento de meios para tal efeito. O lixo será a partir de então, recolhido também aos domingos, logo depois das 6 e 30. Fica, apenas, por resolver, o problema da obrigatoriedade do uso de recipientes regulamentares e o do aproveitamento económico dos lixos recolhidos.

✱ Terminou ontem o ciclo de conferências sobre produtividade promovido pelo Instituto Nacional de Investigação Industrial. O sr. Pierre Bize, notável economista, falou, no Instituto Superior Técnico dos níveis de acção englobados numa política de produtividade, na escala das empresas ou das profissões, com vista a tornar mais eficazes os métodos de trabalho, divulgar as novas técnicas, provocar a melhoria de relações entre dirigentes e executantes. Afirmou que as iniciativas privadas e as publicas neste quadro relativamente limitado podiam conduzir a resultados felizes. «Foi assim — afirmou — que se começou em França, há dez anos e tornou-se possível resolver muitos problemas concretos. Disse depois que haviamos chegado a um momento em que estava indicada a cooperação e ajuda mutua entre vários paises. Este o objectivo da criação da Agência Europeia de Produtividade.

JORNAL PEQUENO

COM o sr. Presidente do Conselho trabalharam ontem os srs. ministros da Presidência, da Defesa, das Finanças e da Saúde. ✱ Na Rua dos Terreiros, em Guimarães, o menino Alberto da Silva Machado, de 5 anos, caiu numa funda poça de água das chuvas, onde morreu afogado. ✱ Na estação de Aveiro, o ferroviário Joaquim Borracho Godinho, de 37 anos, revisor de material de tracção, morreu em consequência de um acidente de trabalho.

Termas de Monfortinho

ESPECIALMENTE DESTINADAS AO TRATAMENTO DE AFECÇÕES HEPATICAS, GINECOLÓGICAS E DOENÇAS DE PELE E DOS CLIMAS QUENTES

Director clínico: **Dr. Lívio Lopes Ferreira**

ABERTURA EM 1 DE ABRIL

HOSPEDE-SE NO

HOTEL FONTE SANTA—Telefs. 4 e 28

Faça o seu trabalho caseiro sem dores nas costas!

O ácido úrico em excesso, poderá ser a causa das dores nas costas sempre que se baixa ou curva. Kruschen, uma combinação de sais minerais, auxiliaram a suavisar os seus padecimentos. Principie hoje mesmo a tomar Kruschen.

À venda em todas as farmácias.

UMA PROFESSORA que ensina há 45 anos foi homenageada pelos antigos alunos

Antigos alunos e seus pais, professores e amigos da sr.ª dr.ª D. Maria Evangelina da Silva Pinto, prestaram-lhe esta tarde, na Casa do Leão, no Castelo de S. Jorge, significativa homenagem por ter sido agraciada com o grau de oficial da Ordem de Instrução Publica.

Terminando em 1915 o seu curso de Medicina, em Lisboa, a sr.ª D. Maria Evangelina Pinto exerce o professorado há 45 anos consecutivos, sempre com o carinho e o entusiasmo dos primeiros tempos. Actualmente, acumula com as funções de professora as de directora do Colégio Feminino Francês.

Cerca de 200 pessoas, incluindo numerosos antigos e actuais alunos, participaram na expressiva homenagem, durante a qual um representante da inspecção do ensino particular, a prof.ª D. Virgínia Lima, pelos professores; o sr. dr. Belarmino da Costa Pinto, pelos antigos alunos; e a menina Filipa Alberta, em nome das actuais discípulas da sr.ª D. Maria Evangelina da Silva Pinto, realçaram os méritos de inteligência, capacidade e sacerdócio pela bela missão do ensino da homenageada.

Homenagem a um director da C. U. F.

Em festa de homenagem ao sr. dr. Frederico da Cruz Rodrigues, pela sua nomeação para o cargo de director da C. U. F., os funcionários daquela empresa que com ele colaboraram durante o tempo em que desempenhou funções de chefe da secção de adubos, reuniram-se hoje num almoço, a que se associaram várias individualidades.

Almoço de homenagem ao eng.º Francisco Gavicho

Na Adega Mesquita, os funcionários da divisão de Via e Obras da C. P. promoveram esta tarde um almoço em que foi homenageado o sr. eng. Francisco Gavicho que, durante 37 anos, prestou serviço na C. P. e passou agora á situação de reforma.

Presidiram o director-geral daquela Companhia, sr. eng. Espergueira Mendes, e o subdirector, sr. eng. Pedro Brion. Entre outras pessoas, encontrava-se presente o sr. eng. Joaquim de Barros, chefe de divisão a que pertencia o homenageado.

O PORTO pelo telefone

Comandante da Guarda Civil Espanhola

PORTO, 26.

Continua nesta cidade o general-comandante da 4.ª Divisão da Guarda Civil espanhola, D. Henrique Serra Algarra que, acompanhado pelo general Costa Lopes, comandante-geral da Guarda Fiscal, e major Francisco Nazaré, comandante do 3.º batalhão da mesma unidade, e de outras individualdades, visitaram vários pontos da cidade.

O ilustre militar espanhol, Cruz Laureada de S. Fernando, individual, tem manifestado o seu agrado pela sua primeira visita a Portugal e hospitalidade recebida. Esta manhã, visitou as instalações da Real Companhia, fundada pelo marquês de Pombal. A' tarde, no consulado de Espanha, ser-lhe-á oferecida recepção.

Estudantes finalistas

Os finalistas da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis promovem esta tarde no cinema Rivoli, uma sessão de cinema com o filme «Nenhum foi tão bravo». O produto do espectáculo reverte para uma viagem de estudo.

CARTAZ DO PORTO

NUN'ALVARES — As 21 e 30 — A peça «Quanto importa ser leal» pelo T. E. P.
SA DA BANDEIRA — As 21 e 30 — «A vedeta imaginária».
AGUIA DE OURO — A's 21 e 45 — A revista «Quem sabe, sabe...».
RIVOLI — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Profissão perigosa».
COLISEU — Ás 21 e 30 — «Quarta-feira de cinzas».
SÃO JOÃO — As 15 e 30 e 21 e 45 — «Vidas separadas».
BATALHA — Ás 21 e 30 — «As grades do inferno».
TRINDADE — As 15 e 30 e as 21 e 30 — «Porque vens tão tarde»
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «Herodes, o grande».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O Sobe e Desce».
JULIO DINIS — Ás 21 e 30 — «O xerife e a loira».

A CIDADE

Pelos hospitais

QUEIMOU-SE COM SOPA — Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José, onde ficou internado, Fernando Jorge Soares, de um ano, residente na Rua Nova do Almada, 18, 5.º, que se queimou no rosto com sopa fervente.

Quem perdeu?

Na secção administrativa da P. S. P. (Governo Civil), encontram-se depositados os seguintes objectos achados ontem em Lisboa:

Chapéu de chuva para homem; touca de «nylon» para criança; luvas de senhora; bilhetes de identidade de António da Silva e Sousa e Pedro Alves Tomás; duas plantas; duas sombrinhas; pulseira de fantasia com 3 medalhas; luvas de sirmanadas; cinto de vestido; sapato de senhora; meias para senhora; argolas com chaves; várias chaves; pulseira de ouro.

No posto policial da Camara Municipal de Loures, encontra-se um óculo, com estojo de cabedal, «Kassel, 15x40, achado em Fevereiro, na Quinta da Várzea-Póvoa de Santo Adrião.

Também se encontra no Sindicato dos Motoristas de Lisboa, o seguinte: óculos graduados; sombrinha; livro de contas-correntes; chapéu-de-chuva para homem; carteira com documentos de António G. D. Tomás.

Na Polícia da Administração do Porto de Lisboa encontra-se o seguinte: duas chaves e um anel de prata com uma pedra.

PEDITÓRIO da Cruz Vermelha a favor das vítimas de Agadir

Por iniciativa da direcção da Secção Auxiliar Feminina da Cruz Vermelha, cerca de 24 senhoras efectuam hoje um peditório a favor das vítimas de Agadir, nas sessões da tarde dos cinemas Condes, Odeón, Eden, Aviz, Roma e Promotora.

O peditório prossegue á noite, nos mesmos cinemas, excepto no Eden, por falta de quem o leve a efeito. Pelo mesmo motivo, não há peditório no Coliseu que aderiu á iniciativa da Cruz Vermelha, no sentido de lhe facultar a sua casa de espectáculos.

Esta manhã, em virtude do mau tempo, foi adiada a missa de sufrágio pelas almas de todas as pessoas que morreram em Agadir, mandada rezar pela Secção Auxliar Feminina. Ainda não está fixada a nova data de realização.

A Casa das Beiras promove também esta noite, a partir das 22 horas, uma festa, a favor das vítimas do sismo.

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — *Stadium* — Às 21 — «Sorrisos de uma noite de Verão» e «Engano» (17 anos).

CASCAIS — *Académico* — Às 21 — «O Rio Bravo» (12 anos); *S. José* — Às 21 e 30 — «O aprendiz do diabo» (12 anos).

ESTORIL — *Casino* — Às 21 e 30 — «A flor que não morreu» (17 anos).

PAREDE — *Royal Cine* — Às 21 e 15 — «Legião de condenados» e «Rio do massacre» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Combatentes, Ld.ª*, Av. Combatentes da Grande Guerra, 166. Tel. 013953.

CASCAIS — *Marginal*, Av. Marginal. Tel. 080078.

ESTORIL e MONTE — *Costa*, Av. Sabóia. Monte. Tel. 060085.

OEIRAS — *Godinho*, R. Candido Reis, 98. Tel. 043090.

PAÇO DE ARCOS — *Trindade Brás*, R. Costa Pinto, 184. T. 042034.

PAREDE — *Grincho*, Av. Republica, 87-A. Tel. 047204.

FEIRAS DA EUROPA

Com a SABENA está em boas mãos

5 Serviços semanais à partida de Lisboa sempre com correspondências em Bruxela para todos os pontos da Europ

SABENA LINHAS AÉREAS BELGAS

Av. da Liberdade, 13-1.º D.º e 13-A, Lisboa-Telef. 35572

Atrás do reposteiro

- No paquete «Angola», chegou ontem vindo de Lourenço Marques, a actriz brasileira Neide Landy, que fez parte do elenco da companhia de revistas do empresário Giuseppe Bastos, na sua digressão pelo nosso Ultramar.
- A companhia que está no Avenida ensaia o repertório que vai representar na sua próxima digressão a Africa.
- A companhia do Monumental apresenta-se, sábado de Aleluia, no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, com a peça musicada «Margarida da Rua».
- Intitula-se «Bas-fonds» de Paris», um dos finais de acto da revista em ensaios no Avenida.
- Maria Lalande está indicada para o elenco que, no Odeon, vai representar comédias, em espectáculos á tarde.

Primeiras exibições

«Semente Ruim», no Eden

Freud destroçou o conceito simplista de uma vida psicológica posta num só plano. Se o nosso tempo se pode classificar pelas importantes realizações no campo da psicologia, é verdade que se está a criar uma atmosfera doentia em volta da psicanálise. Como Raymond Cartier, Vladimir Pozner, L. Mathias e Pierre Duminos notaram, com maior ou menor seriedade, nas suas obras sobre a América, a psicanálise é, naquele país, uma preocupação doentia, uma ideia fixa, uma terapêutica para tudo e para todos».

«Semente ruim» é uma sátira contra esse clima. Mervin Le Roy dá-nos um drama riscado por uma aguda ironia. O confronto das duas teorias da hereditariedade e influência do meio ambiente na formação do indivíduo parece-nos um pouco forçado, dado que ambos os elementos são reconhecidos como efectivos. Aliás, a película na narrativa de uma menina que comete, imperturbávelmente, os mais desconcertantes crimes, arrastada pela força irresistível da hereditariedade é uma prova (escusada para nós) da importancia do primeiro elemento.

«Semente ruim», que é um drama satírico, não pode ser considerado um filme esclarecedor e positivo. Depois de hora e meia de tensão e «suspense», durante a qual Mervin Le Roy nos expõe o problema angustiante da mãe que oculta a verdade sobre os crimes da filha, o filme termina com um sorriso, a original apresentação dos personagens, finalizada por uma vigorosa e jovial «tareia á «moda antiga». Este epílogo, que quebra a tensão pelo sorriso, parece constituir uma apologia de um processo primitivo.

«Semente ruim» tem o interesse da interpretação, sem duvida excepcional. Mais que a inquietante criança interpretada por Patty McCormack, impressionou-nos a mãe, Nancy Kelly que se revela uma actriz do nível de Betty Davies e Susan Hayward. Sobre um fundo que não nos parece inteiramente conseguido — interessa a comparação com o clima de «suspense» de Hitchcock — as personagens movem-se como figuras de tragédia, que um fio oculto mas fundamental de ironia destroi interiormente.

Bons documentários — *Visor 18.*

«Casino de Paris», no Condes

Os apreciadores de «music-hall» têm á sua disposição, no Condes, um excelente filme do género, com três vedetas de méritos firmados — Catarina Valente, Gilbert Becaud e Vittorio de Sicca — e, ainda, as famosas «Blue Bell Girls» do não menos famoso «Lido» de Paris.

Um argumento agradável, em que se debate o eterno tema do triangulo amoroso, serve de ligação a meia duzia de belos quadros de «music-hall», apresentados com luxo, nos quais se põem em evidência os já consagrados dotes vocais de Catarina Valente e de Gilbert Becaud, que igualmente se mostram excelentes actores.

Os complementos apresentados são agradáveis. — *Visor 25.*

(Continua na 13.ª página)

SÃO JORGE

TELF. 54153 / 54154

APRESENTA ORGULHOSAMENTE

A MAIOR SENSAÇÃO DA TEMPORADA!

HOJE - ESTREIA

AS 21,30 H.

COM A HONROSA PRESENÇA DE BRIGITTE BARDOT, SEU MARIDO, O ACTOR JACQUES CHARRIER E ANTÓNIO VILAR, QUE SE DESLOCAM EXPRESSAMENTE A PORTUGAL

DESENROLADO NO CENARIO PITORESCO DA ANDALUZIA E DURANTE A TRADICIONAL FEIRA DE SEVILHA

BRIGITTE BARDOT ★ ANTÓNIO VILAR

com DARIO MORENO

Produtor executivo CHRISTINE GOUZE-RENAL

A mulher e o fantoche

(LA FEMME ET LE PANTIN)

O ÚNICO FILME QUE JUSTIFICOU A VINDA DA UNIVERSALMENTE FAMOSA BRIGITTE BARDOT A PORTUGAL, NUM FACTO SEM PRECEDENTES

DYALISCOPE EASTMANCOLOR

UM FILME DE JULIEN DUVIVIER

DIÁLOGOS DE MARCEL ACHARD

ADULTOS (MAIORES DE 17 ANOS)

UM EXCLUSIVO JAROFILME

A obra de onde foi extraido este filme foi editada por Publicações Europa-América na colecção das «Três Abelhas»

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE

Adultos (Maiores 17 anos)

Musica de baile por VILAÇA E SUA ORQUESTRA

NO SALÃO TÍPICO: CEIAS FADOS E GUITARRADAS

SENSACIONAL!... VIBRANTE!... MARAVILHOSO!... TODOS O DIZEM!...

O BALLET DE ARTE ESPANHOL DE CARMEN TOLEDANO y MANOLO CALVO

A ESPANTOSA ATRACÇÃO ACROBÁTICA TRIO GUALTIERI

COM A EXCEPCIONAL VEDETA CONTORCIONISTA TIZIANA

MUITO BREVE MAIS ESTREIAS

TEATRO MONUMENTAL T. 55133

(Adultos M/17 anos)

HOJE ás 21.45 h.

EXITO!

102.ª representação

LAURA ALVES

RUI EM

MARGARIDA DA RUA

a comédia e a musica que triunfam em todo o Mundo...

No elenco TITO, RUI e PAULO

Dir. Musical de ISSI FABRA

Amanhã ás 18.30 h. no MONUMENTAL para m/4 anos O REI TEM ORELHAS DE BURRO

TEATRO AVENIDA T. 27273

(Adultos M/17 anos)

HOJE ás 21.45 h.

Triunfo!

172.ª representação

IRENE ISIDRO

ALINA EM

A MALA DA BERNARDETTE

a farsa que o publico exige em cena...

No elenco HENRIQUE SANTANA

HENRIQUE SANTOS

Tágide Palm Beach

HOJE E SÓMENTE DURANTE MAIS 2 DIAS

O PÚBLICO DE LISBOA TERÁ A OPORTUNIDADE DE VER 3 DAS MAIORES ESTRELAS DO «BALLET» MODERNO

COLETTE MARCHAND

GEORGES REICH

VASSILI SULICH

O célebre Trio que os Americanos denominaram «O TRIO DO MILHÃO DE DÓLARES»

Maiores de 17 anos

SÓMENTE NA TÁGIDE

Sábado e Domingo

«MATINÉE»

Das 17,30 às 19,45 horas

O espectáculo será apresentado às 18,30 horas

PREÇOS

Tágide — Tarde: Esc. 30$00 de entrada e Esc. 30$00 de consumo obrigatório. Noite: Esc. 100$00 de entrada e Esc. 30$00 de consumo obrigatório.

Palm Beach — Sómente espectáculo á noite: Esc. 70$00 de entrada e Esc. 30$00 de consumo obrigatório.

MAIS DE MIL MOTIVOS DECORATIVOS DIFERENTES!

2 GRANDES PRÉMIOS E 1 MEDALHA DE OURO NA EXP. INT. DE BRUXELAS DE 1958

SANTOS & ARAÚJO, LDA. — R. Garrett, 49-51 — Tel. 2 87 39 — LISBOA

Em S. João da Madeira

Instale-se no «Monte Belo». (Classificada de 1.ª classe pelo S. N. I.) Restaurante e óptimos aposentos.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

BENAVENTE EM FESTA!

DOMINGO, 27 de Março de 1960

GRANDIOSA E SENSACIONAL INAUGURAÇÃO DO

RESTAURANTE TÍPICO

«Pôr do Sol»

dentro do magnífico

«SOLAR DE BENAVENTE»

Toda a alegria RIBATEJANA num ambiente castiço e de inexcedível gosto

FOLCLORE, FANDANGO E FADOS

com a grande artista e popularíssima vedeta do Teatro, Rádio e Televisão

Hermínia Silva

Que cantará durante o almoço acompanhada por todo o ELENCO DE OIRO da sua casa típica

e a gentil colaboração da distinta cantadeira

Maria Pereira

Acompanhamentos á Guitarra e Viola pelos exímios Professores

Victor Ramos e Alfredo Mendes

e os guitarristas privativos de MARIA PEREIRA e ainda a grande atracção portuguesa de categoria internacional

O Rancho Típico Sete Saias

10 artistas, que ficarão privativos, dançando e cantando as suas canções e bailados característicos, num palco colorido e próprio da região! Sob a direcção artística do cantador da velha guarda

JACINTO PEREIRA

Um verdadeiro acontecimento de arte que vem revolucionar todo o típico RIBATEJO!!! * M/6 anos

---

HOJE AS 21,30 SENSACIONAL ESTREIA NO CAPITOLIO

Pela primeira vez em Portugal: A nova coqueluche do Mundo:

MIJANOU BARDOT — A talentosa irmã da célebre

B. B.

NO FILME QUE MARCA O COMEÇO DA SUA CARREIRA

RAMUNTCHO

com FRANÇOIS GUERIN e GABY MORLAY

A HISTÓRIA DE UMA JOVEM A QUEM O DESTINO TEIMA EM DESPEDAÇAR O SEU AMOR POR UM FORAGIDO...

O FAMOSO ROMANCE DE PIERRE LOTI NUMA REALIZAÇÃO ADMIRÁVEL

EM AGFACOLOR (MAIORES 12 ANOS)

Pasapoga

SEMPRE O MELHOR EM MUSIC-HALL

Telef. 23584

ADULTOS (Maiores 17 anos)

UM DESFILE INCOMPARÁVEL DE ATRACÇÕES EM SURPREENDENTE ÊXITO!

A FAMOSA SUPER-VEDETA DO TEATRO ESPANHOL

AMPARITO VALCANERA

E O SEU EXTRAORDINÁRIO FRISO DE BELDADES EM

BALLET PASAPOGA

ARTE—BELEZA E RITMO NUM CONJUNTO MARAVILHOSO

O NOTÁVEL E VIBRANTE **BALLET MIRAT**

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

MARIA VITORIA

Emp.º «E. Salvador e R. Martins, Lt.ª»

DOMINGAS

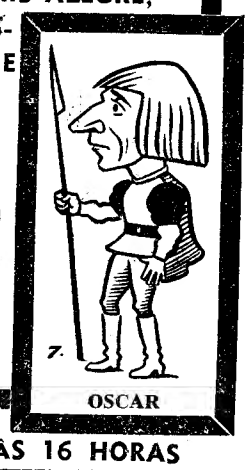
LISBOA RI COM O NOVO ESPECTÁCULO DE SALVADOR

A SUA MAIS ALEGRE, MODERNA, ESPECTACULAR E

LUXUOSA REVISTA

TACO A TACO

com BIBI FERREIRA e ANTÓNIO SILVA



OSCAR

Às 20.30 e 22.45 Adultos—M/17 anos

AMANHÃ ESP.º À TARDE ÀS 16 HORAS

TRINDADE

HOJE ÀS 21,45 — 17 ANOS

SÓ ATÉ AMANHÃ

ÚLTIMAS DA MELHOR COMÉDIA DE OLAVO D'EÇA LEAL

O AMOR, O DINHEIRO E A MORTE

A PEÇA QUE LEVANTOU A OPINIÃO PUBLICA CONTRA A CRÍTICA

ESTREIA DE HOJE — «A Mulher e o Fantoche» — SÃO JORGE

SÃO LUIZ — Telefone 27172
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
3.ª SEMANA
INTRIGA INTERNACIONAL
Um super Hitchcock de máximo suspense
c/ Cary Grant e Eve Marie Saint

EDEN — Telefone 20769
15.30 - 18.30 e 21.45
Adultos—17 anos
Uma impressionante realização de Mervyn Leroy
SEMENTE RUIM
com Nancy Kelly e Patty Mckormack
O mais cruel dilema que uma mãe e mulher podem suportar!

ALVALADE — Telefone 763080
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
3.ª SEMANA
Em Vistavision
INTRIGA INTERNACIONAL
c/ Cary Grant — Eve Marie Saint e James Mason

ODEON — Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
MARIKA RÖKK, em
AO RITMO DO MAMBO
Um espectáculo alucinante, como só os Alemães sabem fazer.

MONUMENTAL — Telefone 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
ENCONTROS COM O DIABO
O filme mais espectacular da nossa época. — Eastmancolor.

TERRASSE — Telefone 20917
21.00 (M/17 anos)
OS AUDACIOSOS
O CONQUISTADOR

TIVOLI — Telefone 50505
A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
(M/17 anos)
2.ª SEMANA de
MAY BRITT e CURT JURGENS
na notável superprodução em CINEMASCOPE — Cor De Luxe
O ANJO AZUL

POLITEAMA — Telefone 26305
15.15 - 18.15 e 21.30
7.ª Semana do maior êxito de gargalhada do ano, com o famoso
CANTINFLAS, na prodigiosa farsa
O SOBE E DESCE
com Teresa Velazques e «Borolas»
EASTMANCOLOR (Maiores 12 anos)

CONDES — Telefone 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (Adultos)
Catarina Valente — e Vitorio de Sica em
CASINO DE PARIS
O mais espectacular filme de grande «music-hall» em luminoso Technicolor e Franocope.

AVIS — Telefone 47163
15.30 - 18.30 e 21.45 (Adultos)
Retoma a sua sensacional carreira em 4.ª SEMANA de lotações esgotadas
MULHERES PERIGOSAS
com Sylva Koscina e Dorian Gray

LIZ — Telefone 48560
21.00 (M/12 anos)
BABETTE VAI À GUERRA
No progr.: O MORDOMO DA ILHA DESERTA

IMPÉRIO — Telefone 55134/5
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Brigitte Bardot e Henri Vidal
na história da «série negra» transformada numa comédia cor-de-rosa
VOCÊ QUER DANÇAR COMIGO?
Eastmancolor

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54157
21.30 (M/17 anos)
ESTREIA
Brigitte Bardot
António Vilar
em
A MULHER E O FANTOCHE
A's 18.15 — Ultima — M/12 anos — «O aprendiz do diabo».

ROMA — Telefone 727779
15.30 - 18.30 e 21.45 (Adultos)
A RUA DO PECADO
com Françoise Arnould e Massimo Girotti
Um filme de violência e emoção «Chantagem»... Crimes...

ROYAL — Telefone 845037
21.00 (M/12 anos)
TOTÓ e MARCELINO
No prog.: O ULTIMO APACHE

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M/17 anos)
A AMADA INFIEL
com Gregory Peck

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
21.00 (M/17 anos)
TRAFICANTE DE COCAÍNA
A ESCONDIDA

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
A FLOR QUE NÃO MORREU
com Audrey Hepburn

HOTEIS

ERICEIRA — VALE DE LOBOS

Saia de Lisboa para arejar e espairecer. Almoce ou jante no HOTEL DE TURISMO DA ERICEIRA ou no HOTEL VALE DE LOBOS

Magnífico serviço a preços normais

TODOS OS DOMINGOS ENCONTRA:

NA ERICEIRA — a já famosa PAELHA DE LAGOSTA!!!

EM VALE DE LOBOS — o já célebre LEITÃO A' VALE DE LOBOS!!!

Informações e Reservas — Telef. 094846 ou 25 — ERICEIRA

UMA PEGA 6$50

DOÇARIA CASEIRA — CAFÉ DE BALÃO — Praça do Areeiro, 11-D, no

BAR RIBATEJO

DESPORTOS

A «TAÇA DE PORTUGAL»

O Sporting recebe o Farense enquanto o Benfica e o Belenenses vão a Viana e à Covilhã respectivamente

Novamente, se interrompem os campeonatos nacionais para se dar lugar a mais uma eliminatória da «Taça de Portugal», este ano com um figurino que ainda não convenceu totalmente.

A jornada de amanhã, primeira «mão» da terceira eliminatória, comporta os seguintes jogos:

Sporting da Covilhã-F. C. Porto
Sporting de Braga-Belenenses
Sporting-Farense
Vianense-Benfica
Desport. de Chaves-Barreirense

Em Lisboa, um jogo apenas, entre um sério candidato ao título do «Nacional» da 1.ª Divisão e o 4.º classificado da zona Sul, do «Nacional» da 2.ª Divisão. Evidentemente, perante a disparidade, o favoritismo inclina-se para o Sporting Clube de Portugal, esperando-se no entanto boa réplica por parte do Sporting Farense.

O Benfica desloca-se a Viana do Castelo para enfrentar o Vianense. Os Lisboetas, que ainda não perderam, serão fáceis vencedores. Esclareça-se que os Vianenses ocupam o 8.º lugar na zona Norte, do «Nacional» da 2.ª Divisão.

Os jogos em que intervêm sòmente clubes da 1.ª Divisão oferecem perspectivas de interesse mais equilibrado, devendo considerar-se a dificuldade de que se revestem as visitas do F. C. Porto e Belenenses à Covilhã e a Braga, respectivamente.

Nos dois encontros, a vitória pode pertencer a qualquer dos protagonistas, embora a capacidade dos visitantes constitua um factor a considerar.

O único jogo entre clubes da 2.ª Divisão, Desportivo de Chaves-Barreirense, promete um embate caloroso, cujo resultado se afigura problemático.

EQUIPAS PROVAVEIS

SPORTING DA COVILHÃ — Rita; Helder e Couceiro; Lãzinha, Lourenço e Martinho; Ilo Caldas, Coreles, Suarez, Walter e Manteigueiro.

F. C. PORTO — Acursio; Virgílio e Barbosa; Teixeira, Arcanjo e Monteiro da Costa; Hernani, Ferreirinha, Daucik, Noé e Morais.

SPORTING DE BRAGA — Freitas; Armando e José Maria; Pinto Vieira; Calheiros e Trenque (ou Passos); Velez, Livinho, Teixeira, Carlos e Sílvio.

BELENENSES — José Pereira; Pires e Carlos Silva; Marciano, Paz e Vicente; Dimas, Yauca, Martinho, Matateu e Estêvão.

SPORTING — Octávio Sá; Lino e Hilário (ou Morato); Mendes, Lucio e Julio; Hugo, Vadinho, Fernando, Diego e Morais.

FARENSE — Mário; Reina e Tino; Atraca, José Maria e Bento (ou Gonçalves); Garcia, Rialito, José Bento, Vinagre e Queimado.

VIANENSE — Hipólito; Neto e Pinho; Hrotko, Gonçalves e Szabo; Lutero, Carneiro, Gelucho, Barros e Carlos Ferreira ou Gerardo.

BENFICA — Costa Pereira; Mário João e Angelo; Neto, Artur e Cruz; José Augusto, Santana, Aguas, Coluna e Cavém.

G. D. CHAVES — Martin; Adão e Valdanta; Toni, Feliciano e Amandio; Luís, Paulino, Rosário, Cardoso e Vasconcelos.

BARREIRENSE — Isidoro; Faneca e Ezequiel; Lenine, Pinto e Lança; Madeira, Correia, Avelino, Mascarenhas e Lito.

VOLEIBOL

Lisboa Ginásio e Benfica

principais candidatos à vitória no Torneio de Abertura

A «poule» final do Torneio de Abertura de voleibol, na sua primeira jornada, ontem, á noite, disputada no ginásio do Técnico perante entusiástica assistência, tinha um encontro que era tido antecipadamente como o «clou» da sessão, ou não se tratasse de um jogo entre os velhos rivais.

Afinal, para a crítica e para os próprios adeptos da modalidade o melhor, o mais renhido, o mais bem disputado encontro travou-se entre o L. Ginásio e o Técnico. Fases de ataque e defesa excelentes, equilíbrio pontual e potencial, em suma um jogo de excelente recorte técnico, tendo em vista que estamos no início da época.

E' facto que qualquer dos «seis» pode e valerá certamente mais do que evidenciou, mas a «amostra» já foi boa. O triunfo tangencial do L. Ginásio aceita-se pelo seu maior ataque, embora nos engenheiros fique o arrependimento de terem feito substituir todos os titulares quando venciam por 2-1.

Como ultimo apontamento refira-se os bons momentos dados por José Borges e Frederico Heitor, a correcção de todos e a boa arbitragem de Mário Paiva.

O Benfica-Sporting não correspondeu. Os «encarnados» começaram em grande e esmagaram os «leões» no primeiro «set». Depois, quando se aguardava a continuação do seu bom rendimento perante um adversário longe do seu valor, houve uma baixa nítida da equipa do Benfica, um certo equilíbrio e, finalmente, o triunfo merecido mas algo incaracterístico dos campeões de Lisboa. Triunfo justo mas de que apenas se recorda o acerto do «set» inicial.

Francisco Freire e Xara Brasil foram os melhores valores das duas equipas, que se defrontaram sob a direcção de um juiz a quem falta experiência de encontros desta natureza. Aliás, sempre muito difíceis de arbitrar.

Resultados técnicos:

Técnico, 2-L. Ginásio, 3 (15-3, 16-18, 15-9, 7-15 e 4-15) e Benfica, 3-Sporting, 1 (15-5, 12-15, 15-19 e 15-11).

NUNO MOTA

—O «almoço» de amanhã é... «canja»!...

ÁRBITROS

espanhóis ou ingleses no Benfica-Sporting?

A Comissão Central de Árbitros continua na disposição de convidar uma equipa de arbitragem estrangeira para a direcção do importantíssimo jogo Benfica-Sporting, marcado para o próximo dia 10 de Abril, no Estádio da Luz.

Duas hipóteses estão a ser encaradas pelos dirigentes da C. C. A.: árbitros espanhóis ou ingleses.

A primeira deve vir a merecer a preferência, embora o temperamento dos britanicos constituisse uma garantia de êxito, visto que se prevê um encontro extraordinàriamente caloroso, dentro e fora do rectangulo.

Dado que qualquer das hipóteses implica o dispêndio de verbas não previstas, a C. C. A. consultará a nova direcção da Federação e os clubes interessados e só depois assentará numa resolução definitiva.

HOJE, À NOITE

ASSEMBLEIAS — Na Associação de Handebol de Lisboa, ás 21 horas, para a apreciação do relatório e contas e eleição dos corpos gerentes.

No F. C. Porto, para a apresentação da comissão administrativa.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional: Barreirense-Sporting, no Barreiro; Ginásio Figueirense-F. C. Porto, na Figueira da Foz; e Académica-Vasco da Gama, em Coimbra, todos ás 21,30 horas.

HANDEBOL — Campeonato Nacional, na variante de sete (seniores): Universitário do Porto-Benfica e F. C. Porto-Sporting, na Constituição, a partir das 21,30 horas.

Campeonato Regional da 1.ª Divisão. No rinque do Ateneu da Madre de Deus, a partir das 20,45 horas: Campo de Ourique-Amoreiras, Liberdade F. C.-Ginásio do Sul e Lisboa-Ginásio-Oriental.

JUDO — Torneio mensal (Tsuki Nami Shiai), no Judo Clube de Portugal, ás 18,30 horas.

HÓQUEI EM PATINS — A equipa do Sport Lisboa e Benfica exibe-se em Viana do Castelo, enfrentando o Vianense, em jogo particular.

HÓQUEI EM PATINS

O Sporting foi para o Benfica adversário assaz difícil traduzido na derrota por 1-0

O encontro da primeira mão das meias-finais, do Torneio de Abertura da Associação de Patinagem do Sul, entre o Benfica e o Sporting, esteve quase para ser adiado devido ao atraso dos «leões» na sua entrada na pista. Se assim sucedesse, ao Sporting seria averbada uma derrota por 5-0, que tinha um sabor bem mais amargo do que o desaire de 1-0 que sofreu...

O primeiro «score» tirava aos sportingues quase todas as probabilidades de eliminar o seu eterno rival. Assim, as coisas mudam de figura... Amanhã, nos Maristas, os homens de verde e branco encararam o despique com bem outra disposição, o mesmo sucedendo, aliás, aos benfiquistas.

Entretanto, há para salientar a correcção do desafio ontem presenciado por numeroso publico, a despeito da chuva impertinente que caiu durante quase toda a partida, publico esse também compreensivo.

O confronto entre os dois quadros lisboetas teve, na generalidade, uma figuração de equilíbrio. Os visitantes, actuando no sistema do «quadrado», isto é, com Gonzaga sempre a apoiar de perto o seu companheiro da defesa, Reis, sacou ao binário adversário, bem apoiado pelo excelente médio Urgeiro, grandes possibilidades de êxito.

Por seu turno, os avançados visitantes, embora entregues a si próprios, não deixaram de criar bons ensejos de alterar a marca de 1-0, que foi conquistada aos 13 minutos, por Perdigão, após «falhanço» infeliz de Gonzaga. Contudo, Carlos Pereira houve-se nas balizas dos donos da casa de tal modo que os arietes «verdes-brancos» não lograram nunca alcançar os seus intentos.

Há ainda a registar — e como nota justificativa do êxito tangencial dos «encarnados» —, que estes desperdiçaram nos ultimos minutos da partida, cinco grandes penalidades (2 por Mário Lopes, Perdigão, Urgeiro e Albino).

Alinharam sob a arbitragem de Octávio de Andrada, os seguintes jogadores:

BENFICA — C. Pereira, Albino, Urgeiro, Mário Lopes, Perdigão e Lisboa.

SPORTING — Teixeira, Reis, Gonzaga, Gonçalves, Cascais e Geraldo.

Campeonatos Nacionais

2.ª Divisão: jogos em atrazo 3.ª Divisão: 11.ª jornada

A realização da 1.ª mão da 3.ª eliminatória da «Taça de Portugal» deu ensejo ao acerto do calendário do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, dado que em cada uma das Zonas há um jogo em atraso.

Na verdade a quatro jornadas do fim da competição é da máxima conveniência não prolongar o atraso, até porque nesses dois encontros existem motivos de decisiva influência para as aspirações dos clubes.

Na Zona Norte, o Académico de Viseu recebe o Marinhense (0-7, na 1.ª volta). Os Visienses estão em penultimo lugar (17 p.) e o Marinhense em 5.º (24 p.). As diferenças de pontos entre estes clubes e o «lanterna-vermelha» e o 3.º classificado é de 1 e 2 pontos, respectivamente. Fácil é calcular o interesse com que ambos vão lutar — tão necessitados estão da vitória O vaticínio é de um empate.

Na Zona Sul, defrontam-se o Portimonense e o S. L. Olivais (3-5 na 1.ª volta). Os Algarvios têm aspirações ao 3.º lugar e podem, de certo modo, consolidá-las se ganharem amanhã, o que é o mais provável.

OS JOGOS DA 3.ª DIVISÃO

O Campeonato da 3.ª Divisão prossegue com os encontros da 11.ª jornada — 4.ª da 2.ª volta.

Eis o programa:

ZONA A — 1.ª Série

EM PENAFIEL — Futebol C. Penafiel-Murça Sport Club; EM FAMALICÃO — Futebol C. Famalicão-Sport C. Mirandela; EM BRAGANÇA — Grupo Desp. Bragança-Sport Clube Régua; EM ARCOS DE VALDEVEZ — Clube A. Valdevez-Gil Vicente Fut. Clube.

2.ª Série

NO PORTO — Académico Fut. Clube-Pejão A. Clube; NA PÓVOA DE VARZIM — Varzim Sport. Clube-Clube Desp. Feirense; EM ARRIFANA — Clube Desp. Arrifanense-Futebol C. Avintes; EM OVAR — Ass. Desp. Ovarense-Leça Futebol Clube.

ZONA B — 3.ª Série

EM CERNACHE DO BONJARDIM — Grupo Desp. Viação Cernache-Mortágua Fut. Clube; EM VISEU — Lusitano Fut. Clube-Grupo Desportivo Santacombadense; EM GOUVEIA—S. C. Gouveia-Sport Benf. Castelo Branco; EM LAMEGO — Sporting C. Lamego-Futebol Clube Estrela.

4.ª Série

NA FIGUEIRA DA FOZ — Asso. Naval 1.º de Maio-Gin. C. Figueirense; EM PALEÃO, Soure — Clube Desp. Ed. Fís. Norte e Soure-União R. Mirense; EM CANTANHEDE — Clube Fut. «Os Marialvas-Futebol C. Marrazes; NA NAZARÉ — Grupo Desp. «Os Nazarenos»-Ginásio C. Alcobaça.

ZONA C — 5.ª Série

EM ALHANDRA — Alhandra Spt. Clube-União Desp. Vilafranquense; EM BENAVENTE — Grupo Desp. Benavente-Clube Desp. Torres Novas; EM CORUCHE — Grupo Desp. «O Coruchense-Sport G. Sacavenense; NO TRAMAGAL — Tramagal S. União-Sport G. Scal. «Os Leões».

6.ª Série

EM LISBOA — Clube Desp. Olivais-Seixal Fut. Clube; EM SESIMBRA — Grupo Desp. Sesimbra-União Fut. Clube Moitense; EM SINTRA — Sport União Sintrense-Clube Desp. Cova da Piedade; NO BARREIRO — Luso Futebol Clube-Casa Pia Atl. Clube.

ZONA D — 7.ª Série

EM CAMPOMAIOR — Sporting C. Campomaiorense-Rec. Art. Caiipolense; EM PORTALEGRE — Grupo Desp. Portalegrense-Grupo União Sport; EM VENDAS NOVAS — Estrela Fut. Clube-«O Elvas», C. A. D. EM EVORA — Sport Lisboa Evora-Sport Clube Estrela

8.ª Série

EM SILVES — Silves Futebol Clube-Sport C. Min. Aljustrelense; EM S. BRÁS D'ALPORTEL — Clube Desp. S. Brás-S. Domingos Fut. Clube EM LOULÉ — Louletano D. Clube-Sporting C. Ferreirense; EM BEJA — Despertar S. Clube-Futebol C. Unidos Sambrazense.

Futebol particular

Amanhã, ás 10 e 30, no Estádio Pina Manique, realizar-se-á um desafio de futebol comemorativo do 26.º aniversário da firma «Adão, Camiseiros», em que a equipa do seu grupo desportivo defrontará a da «Confidente», seguindo-se um almoço de confraternização.

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P. — É invulgarmente vasta a actividade dos filiados da M. P., prevista para amanhã. Assim, teremos:

ATLETISMO — Continuação do «Torneio de Mínimos», (3.ª jornada), a partir das 10 e 30 h., nos campos de treinos do Estádio Nacional, com as provas de 800 metros (planos) e salto em altura.

— Continuação (2.ª jornada) do «Torneio da Primavera», nas pistas do Estádio Nacional, ás 10 h. para atletas sem distinção de categorias, nas seguintes provas: 110 m. barreiras, 100 m., 1500 m., 400 m., 10000 m., 4×100 m., altura, disco, triplo e dardo.

Haverá provas extras: peso, para aspirantes, e 60 m. para «cadetes».

BADMINTON — Começa no ginásio da Escola «Nuno Gonçalves», ás 9 e 30 h., o campeonato individual (singulares), em vanguardistas A e B.

— No ginásio da Faculdade de Ciências, das 9 e 30 ás 24 horas, em quatro «courts» continuação dos Campeonatos Abertos do G. D. de Direito.

BASQUETEBOL — A contar para a 2.ª jornada do campeonato de «iniciados», ás 9 e 30 h., no ginásio do Colégio Militar. C. E. E. 59 c. Colégio Militar.

— Prosseguem os campeonatos nacionais da 2.ª e 3.ª Divisões, com os seguintes encontros:

2.ª Divisão — Atlético c. Tabacos; Vit. de Setubal c. Lisboa Ginásio;

(Continua na página seguinte)

PROVAS DA A F L

O 2.º Torneio popular

principia amanhã

reunindo 28 clubes

Vinte e quatro clubes dos vinte e oito que se inscreveram no 2.º «Torneio Popular» fazem amanhã a sua estreia.

Como na primeira «edição», a prova é organizada pela A. F. L. e tem o patrocínio de «O Século», o que inegávelmente empresta ao certame um cunho de seriedade e de organização cuidada, que não seria possível nas condições em que normalmente tem sido promovidos certames similares.

A utilidade deste campeonato é tão evidente que dispensa comentários. Resta desejar que tudo corra pelo melhor e que o certame venha a oferecer muitas revelações de jogadores. O programa da jornada de abertura é o seguinte:

Série A—Lisboa F. C.-Fonte Santense, Intendente-Silvado e Fontainhas-Liberdade — todos no Estádio Nacional (treinos-duro), ás 12,30, 14,30 e 16,30 h.

Série B — F. C. Lisboa-Lisboa Oriental, Varejense-Cova da Moura, Frielas-Casalense — todos no campo de Sacavem, ás 12,30, 14,30 e 16,30.

Série C — Campolide-Penha, Santos-Sete Moinhos e Pena-União — todos no campo «Pina Manique» (treinos), ás 12,30, 14,30 e 16,30.

Série D — Mouraria-Aguias, Andorinha-Campo Santana e Laranjeiras-Monte Pradense — todos no campo «José Ramos», ás 10, 12 e 14 horas.

Os restantes torneios

Das restantes provas da A. F. L. estão marcados para amanhã os seguintes encontros:

Campeonato Distrital da II Divisão — Palmense-Odivelas, no campo «José Ramos», ás 16 h.; Fanhões-Ericeirense, no campo da Matinha, ás 15 e 30 h.; Amadora-Charneca, no campo do Estrela, ás 15 h.; Santa Iria-União Povoense, no campo «Reynolds», ás 15 h.; Castelo-Vialonga, no Estádio do Restelo (treinos), ás 15 h.

Campeonato Distrital da III Divisão — Série A — (Jogo em atraso): Bom Sucesso-Alto da Eira, no campo «António Estêvão Simões Alves».

Série B — Lourel-Queluz, no campo «Arménio Fernando Luís»; Vila Verde-Montelavarenses, no campo «Afonso Araujo de Sommer»; Mucifalense-Belas, no campo do Marcador; 1.º de Dezembro-Malveira, no campo «Conde de Sucena».

Série C — Bucelenses-Camarate, no campo «Julio Camilo Alves»; P. de Loures-Tojal», no campo «Major Arsénio Rosa Bastos; Caneças-Povoense A. C., no campo da Lapa; P. de Frielas-Loures, no campo do «Bonjardim»; Zambujalense-Castanheira, no campo «Conde de Mendia».

Todos estes desafios se realizam ás 15,30 h.

Campeonato Distrital de Juniores da II Divisão — 2.ª Fase — Série A — Mirantense-Cascais, no campo «Alfredo Marques Augusto», ás 11 h.; F. Benfica-Tarujense, no campo Francisco Lázaro, ás 11 h.; Camarate-Sacavenense, no campo da «Quinta dos Barros», ás 10,30 h.

Série B — União Povoense-Operário, no campo do «Telhal»; Sintrense-Amadora, no campo «Manuel Soares Barreto; Odivelas-Vitória, no campo da Lapa (Caneças) — todos ás 10,30 h.

Prova Distrital de Principantes — Série A (Jogo em atraso) — Casa Pia-Palmense, no Estádio «Pina Manique», ás 11 horas.

Notícias de Futebol

■ O Sporting tem reunidos num hotel de Lisboa, em regime de concentração, os seguintes jogadores: Octávio de Sá, Carvalho, Lino, Hilário, Mendes, Pérides, Lucio, Julio, Galaz, Hugo, Vadinho, Fernando, Diego e Morais.

■ Serra, do Benfica, deve retomar os treinos durante a próxima semana.

■ Francisco Mega foi hoje homenageado com um almoço oferecido pelos corpos gerentes da Associação de Futebol de Lisboa.

■ O Benfica não vê com simpatia a ideia de se convidar uma equipa de arbitragem estrangeira para dirigir o encontro com o Sporting.

■ A hipótese de Graça ingressar no Belenenses não parece fácil de concretizar-se.

■ Depois de amanhã, entram em estágio os jogadores da selecção nacional de juniores. Armando Carneiro é o monitor.

■ Sessenta sócios do Belenenses seguem amanhã, num avião especial, para o Porto, a fim de irem assistir ao jogo com o Sporting de Braga.

■ Os jornais espanhois continuam a afirmar que Fernando Daucik passará a servir, na próxima temporada, o Valencia como treinador.

■ Julio Cernadas Pereira (Juca) é, presentemente, adjunto de Mário Imbelloni, treinador do Sporting.

Várias provas de amanhã

(Continuação da página anterior)

Queluz c. Oriental (os três ás 10 e 30 h.) e Montijo c. Liberdade (ás 11 e 15 h.) todos nos campos dos clubes indicados em 1.º lugar.

2.ª Divisão — Combatentes c. Alvalade, Moscavide c. Sporting de Torres, Campolide c. Mundet, Lisgás c. Seixal, Carnide c. C. Quebradense, Sacavenense c. Luso do Barreiro, Arroios c. C. D. U. L. e Ávila c. Almada — todos ás 10 h., excepto o ultimo que é ás 11 h. nos campos apresentados pelos clubes indicados em primeiro lugar.

—, Disputam-se os encontros em atraso dos campeonatos de juniores e infantis da A. B. L. — Sporting A c. Cruz Quebradense, no Passadiço, ás 9 e 30 e 10 e 30.

CICLISMO — Final da 3.ª «Grande Prova de Iniciação», no seguinte percurso: Estádio de Alvalade, C. Grande, Sacavém, Póvoa de Santa Iria, Cabeço da Rosa, Bucelas, Freixial de S. Gião, Venda do Pinheiro, Malveira, V. F. do Rosário, Gradil, Murgueira, Paz, Mafra, Malveira, Loures, Calçada de Carriche e Estádio «José Alvalade». Partida ás 8 e 30 horas.

— No Porto, disputam-se os campeonatos nacionais de fundo para independentes, na distancia de 245 quilómetros e para juniores, na distancia de 155 quilómetros.

DESPORTO CORPORATIVO — Continuação da fase final do campeonato nacional (distrital de Lisboa) de futebol da 2.ª Divisão. No campo da Companhia dos Telefones, á Picheleira: A. Gaudêncio c. Comp. Caris, F. C. Regina c. Companhia dos Telefones e Fábrica Simões c. Covina, respectivamente, ás 11, 13 e 15 horas.

— 2. fase do campeonato nacional da 1.ª Divisão — apuramento do vencedor da 3.ª Zona: Robbialac (Lisboa) c. Empresa Capristanos (Leiria), ás 10 h., no campo do Sporting de Torres Vedras.

DESPORTO UNIVERSITÁRIO — Campeonato de futebol de salão, de manhã, no Pavilhão dos Desportos: Ciências B c. Económicas B, Belas-Artes B c. Farmácia e Veterinária B c. Direito B.

— Campeonato de basquetebol — Ciências A c. Técnico A e Letras c. I. N. E. F., no I. S. Técnico, ás 10 e 11 h., respectivamente.

FUTEBOL — 1.ª jornada da fase final do campeonato de «iniciados», no campo de treinos do Estádio Nacional, ás 10 h., com o desafio «Liceu Charles Lepierre»-Colégio Militar.

— 2.ª jornada do campeonato de juniores, no campo de treinos do Estádio Nacional, ás 11 e 15 h., com o desafio Liceu Gil Vicente-Escola Académica.

HANDEBOL DE SETE — Encontros considerados em atraso, no campo do Liceu «Pedro Nunes»: ás 10 h., Esc. Ag. D. Dinis c. Colégio Militar em «vanguardistas» A; ás 10 e 45 h., C. E. 10 e C. E 25, em «vanguardistas» B.

— 3.ª jornada do campeonato nacional de «seniores» (fase final), no Porto, no campo da Constituição: ás 14 e 30 h.: C. D. U. L. c. Sporting, ás 15 e 45 h.; F. C. Porto c. Benfica.

— Continuação do campeonato de Lisboa, de juniores (6.ª jornada da 2.ª volta) no «rink» do Ateneu da Madre de Deus: C. Ourique c. Madre de Deus, Belenenses c. Monte Pedral, C. D. U. L. c. Glória e Benfica c. Liberdade F. C., ás 9, 9 e 50, 10 e 40 e 11 e 30 h., respectivamente.

HÓQUEI EM CAMPO — No Estádio Universitário, a partir das 15 h. equipa B de Lisboa c. equipa do Porto e equipa A de Lisboa c. equipa norte-americana de «The Privateers».

HÓQUEI EM PATINS — Continuação (2.ª jornada) do campeonato do Sul, de juniores e do Torneio de Principiantes, com os seguintes encontros juniores — Série A — E. Física c. Belenenses, Paço de Arcos c. H. C. Sintra, Cascais c. Benfica A e Parede c. L. M. R. Algés. Série B — Fut. Benfica c. C. Ourique, Benfica B c. Azeitonense e Sporting c. Liceu Francês — todos ás 10 e 30 h. nos rinques dos clubes indicados em primeiro lugar.

— Principiantes — Oeiras c. Mundet, C. Ourique c. Liceu Francês, Sporting c. Cascais e Benfica c. Paço de Arcos — todos ás 10 h. nos rinques dos clubes indicados em 1.º lugar.

GOLFE — No campo do Estoril, encerramento da «Semana Internacional», com a realização das finais dos Campeonatos Internacionais de Portugal (singulares homens, singulares senhoras e repescagem), de manhã e á tarde.

RAGUEBI — Prosseguimento do campeonato nacional: Belenenses c. Direito, no Restelo, ás 14 h.; Benfica c. A. A. Coimbra, no Campo Grande, ás 15 h.

— Campeonato de reservas: Belenenses c. Direito, no Restelo, ás 9 e 30 horas.

REMO — 1.ª jornada do «Torneio de Preparação», com regatas contra-relógio, em «yoles» de 4, em local a designar.

TÉNIS DE MESA — Continuação do campeonato, por equipas, a partir das 9 e 30, na Escola «Nuno Gonçalves», em «vanguardistas» B e «cadetes».

VELA — Continuação das provas de preparação olímpica, em «finns», em frente de Belém.

— Festival da Brigada Naval, de manhã, constando de provas de «snipes», «sharpies» e «finns». Haverá, ainda, assembleia geral, seguido de almoço.

VOLEIBOL — 4.ª jornada do campeonato, a partir das 9 e 15 h., no ginásio da Escola «Eugénio dos Santos», em «infantis», «vanguardistas» A e «cadetes».

TÉNIS DE MESA — Continuação do campeonato regional de infantis: jogo em atraso, Benfica B c. Musical União, na mesa do Benfica, ás 10 h.; Arroios c. Belenenses, no Ateneu, ás 10 h.

Vida religiosa

Procissão em Santa Engrácia

Efectua-se amanhã, a habitual procissão do Senhor Jesus dos Passos de Santa Engrácia com o seguinte itinerário: Calçada dos Barbadinhos, Rua da Cruz, a Santa Apolónia e Rua do Vale de Santo António, onde se procederá á cerimónia do encontro, Rua de Sapadores e novamente Calçada dos Barbadinhos, até á igreja paroquial. Em seguida haverá sermão pelo pároco da freguesia do Beato, padre José Maria de Freitas. As cerimónias terminam com o cantico do «Miserere» e missa vespertina.

A igreja católica no Japão

A convite do conselho administrativo da Fundação da Casa de Bragança, o professor Tomás Kiichi Matsuda, da Universidade de Osaka, vai proferir amanhã, ás 16 horas, no Palácio Ducal de Vila Viçosa, uma conferência, subordinada ao título «Breve história da igreja católica no Japão», que será ilustrada com projecções.

As cerimónias de ámanhã em Mafra

MAFRA, 26 (Pelo telefone) — Amanhã, quarto domingo da Quaresma, haverá, na Basílica Nacional desta vila a festa dos Santos Terceiros Franciscanos e a comunhão colectiva da paróquia. O programa das cerimónias é o seguinte: ás 9 e 30, missa e comunhão; ás 11 e 30, missa paroquial; ás 16 e 30, missa vespertina e solene e comunhão pascal; e ás 17, a tradicional e imponente procissão dos Santos Terceiros Franciscanos, na qual se incorporarão dez andores, seguida de sermão e bênção com o Santíssimo.

A FESTA ANUAL

do Colégio Moderno

No Teatro da Trindade realiza-se amanhã á tarde a festa anual do Colégio Moderno, acreditado estabelecimento de ensino que o sr. dr. João Soares fundou e dirige.

O programa da festa compreende numeros de canto, recitações e musica.

Um grupo de antigos alunos representará a peça «O Doido e a Morte» e Raul Brandão e outros alunos representam a peça de Molière, «As Velhacarias de Scapris», em tradução de Leopoldo de Araujo.

Na terceira parte os recitativos são uma panoramica de poesia portuguesa dos séculos XIV a XX, desde João de Lobeira a Fernando Pessoa.

A parte musical é orientada pela professora Candida Mota Pereira e a direcção artística está a cargo da artista dr.ª D. Maria Barroso Soares.

UM SARAU

na Voz do Operário

Integrado nas comemorações do 77.º aniversário da benemérita Sociedade A Voz do Operário, efectua-se, hoje, ás 21 e 30, no seu magnífico salão de festas, um sarau em que actuarão o Orfeão do Sport Lisboa e Benfica e a Banda da Força Aérea.

Conferências

O ciclo da Fundação Gulbenkian, sob temas musicais, para estudantes universitários

A série de conferências sob temas musicais, que a Fundação Gulbenkian organizou para este ano, em apoio das actividades circum-escolares dos estudantes universitários portugueses, o sr. prof. Mário Simões Dias, do Instituto de Musica de Coimbra, que tem desenvolvido uma notável actividade como conferencista e musicólogo, faz, hoje, ás 21 e 30 h., na Faculdade de Letras de Lisboa, uma conferência sobre «A evolução da musica de arco».

As ilustrações musicais estão a cargo do violinista Vasco Barbosa, que, recentemente, regressou dum estágio em Nova York, como bolseiro da Fundação Gulbenkian; do violista de arco, Robert Phillips, que executará composições de autores antigos em viola soprano, viola de gamba e violino quinton; e da pianista D. Grazi Barbosa, que fará os acompanhamentos ao piano.

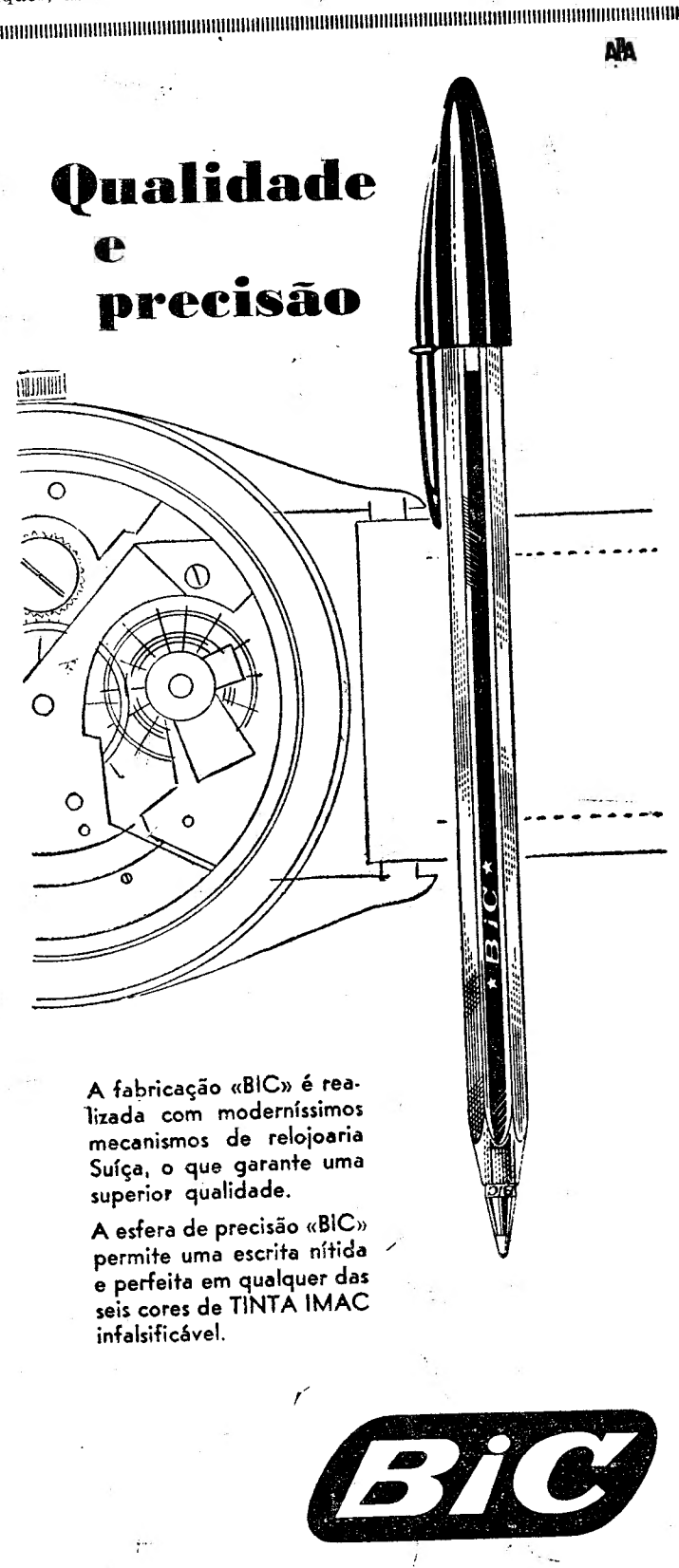
A mesma conferência repete-se na segunda e na terça-feira, respectivamente, no Porto, na Faculdade de Medicina, ás 18 horas, e na Faculdade de Letras de Coimbra, ás 21 e 30.

FOI ANTECIPADA

A REUNIÃO

da Câmara Municipal

A reunião da Camara Municipal de Lisboa, que devia realizar-se em 20 de Abril próximo, ás 10 e 30, foi antecipada para o dia 13 do mesmo mês, á mesma hora, pelo que foram publicados editais nesse sentido.



"Não sei se serei um símbolo da nossa época, mas gostaria de o ser"

— disse a B. B., assaltada no aeroporto por uma multidão de adoradores

Brigitte Bardot chegou esta tarde a Lisboa sob uma chuvada torrencial, a lembrar um dilúvio.

Junto do gradeamento da pista concentrava-se uma multidão heteróclita; e a ânsia de ver a beldade era tal que não faltavam imprecações e empurrões. As varandas do primeiro andar estavam pejadas de pessoas de todos as condições sobretudo jovens e adolescentes de guarda-chuva aberto.

A's 15 e 10 em ponto chegou o avião, com a sua preciosa carga. Os fãs precipitaram-se para o aparelho atropeladamente.

Muitos dos presentes não eram jornalistas, apesar do rigoroso serviço de polícia montado no aeroporto.

Em volta da escada, logo que ela foi encostada á porta do «Constellation», formou-se um enorme cacho humano, ruidoso e gesticulante.

A B.B. vestia um «tailleur» de camurça castanha e trazia chapéu de feltro de longas abas tombadas sobre o rosto. Na face bem maquilhada, destacavam-se os lábios grossos e juvenis. Foi a ultima a descer do avião, após todos os passageiros, e precedida pelo marido, o simpático Jacques Charrier, que vestia um casaco de cabedal negro, estilo «blouson noir». Lino Ventura, o «gorila», que devia acompanhá-los não vinha no mesmo avião.

Funcionários da Air France, com grandes guarda-chuva, protegeram os sorridentes esposos deste temporal primaveril!

Ao assentar os pés na pista, logo a B. B. se vê rodeada pela multidão. O sr. José Amado, gerente do cinema São Jorge, protegera-a dos seus mais fervorosos e ardentes admiradores, enquanto ela sorria, um tanto amedrontada pelo entusiasmo violento dos Lusitanos.

Perdida num mar de gente, a gentil Babette olhava em torno e perguntava:

— Onde está o carro?! Onde está o carro?!...

António Vilar, sem gabardina, completamente encharcado, os cabelos molhados colados á testa, tentava desesperadamente, alcançar a sua «partenaire» em «A mulher e o fantoche».

Empurrada pelos seus tresloucados admiradores, Brigitte não pôde sequer segurar dois grandes ramos de orquídeas oferecidas pelo «São Jorge», que dois meninos, trajando de campinos, lhe queriam entregar.

Enquanto a multidão, no gradeamento da plataforma, exigia aos gritos Brigitte Bardot, a escultural estrela era já levada para o «Citröen» de António Vilar, que se encontrava na pista a alguns metros de distancia do avião.

Mal acomodados ainda no carro, Brigitte e Jacques Charrier, já o motorista pusera o veículo em andamento, surgiu António Vilar, batendo nas vidraças e a gritar:

— Eu quero entrar, eu quero entrar!... O carro é meu!...

O «Citröen» seguiu ainda pela pista até á porta de entrada do aeroporto, onde parou; e aí a B. B. se apeou para entrar numa das salas da aerogare, com o marido e António Vilar, a seu lado. Nesse momento, a multidão, extremamente jovem, prorrompeu em ovações. Era inumeras as adolescentes no estilo da B. B., com as mesmas formas agressivas, olhos maliciosos e risonhos e com idêntico penteado.

Na sala, aguardavam a artista mais de cem jornalistas, fotógrafos, operadores da televisão, repórteres radiofónicos. A pedido de António Vilar, Brigitte e Jacques Charrier sentaram-se numa poltrona, sob o fogo dos projectores e das lampadas de magnésio.

Sempre sorridente, mas visivelmente inquieta, a B. B. enfrentou o ataque dos jornalistas.

Em voz quase sumida, afirmou:

—Não e a primeira vez que venho a Portugal. Já aqui estive há nove anos. Visitei a Nazaré, que fiquei a amar e onde quero ir. Estou profundamente satisfeita por me encontrar entre vós, apesar de esperar outro clima.

António Vilar interrompeu-a, afirmando patrióticamente, embora sem convicção, que se tratava apenas de chuvada passageira e que não tardaria o Sol a raiar, para receber a mais atraente das vedetas da tela.

B. B., de perna traçada, sorria mais uma vez, declarando:

—Não sei se serei realmente um símbolo da época que vivemos. Mas, de qualquer forma, gostaria de o ser.

Depois, sempre entre o alvoroço febril de quantos eram continuamente rechaçados, já ali se haviam novamente infiltrado e recusando satisfazer de momento todos os pedidos de autógrafos, a B. B., escoltada pelos srs. Foster e José Amado, da empresa do «São Jorge», dirigiu-se de novo para o «Citröen», que a conduziu ao hotel Ritz, onde se instalou com seu marido.

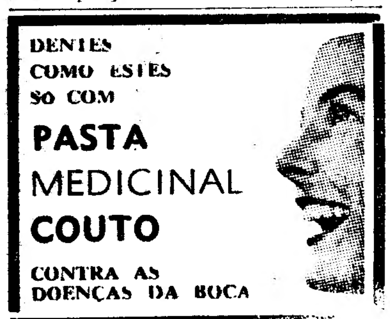
A B. B. e seu marido, acompanhados de António Vilar, á esquerda, á chegada ao aeroporto

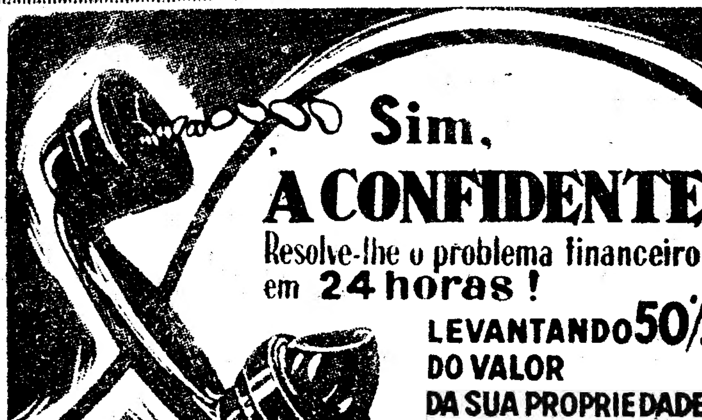
O Palácio dos Calharizes apareceu hoje com a sua nova fisionomia

Desapareceram os tapumes que encobriam o mais solene edifício do Largo do Calhariz, que tem já uma fisionomia mais agradável. O velho Palácio dos Calharizes, situado entre as ruas da Atalaia e da Rosa, construído por D. Francisco de Sousa, morgado do Calhariz, no começo da época de 1700, e, depois, património da Casa Palmela, tem a sua fachada restaurada.

Além de moradia ducal, o edifício albergou, no decorrer dos tempos, a Academia Real de Fortificações, que precedeu a Escola do Exército, a Camara Eclesiástica, o Ministério dos Negócios Estrangeiros, a Liga Naval, o Automóvel Clube de Portugal, o Grémio Lírico, o Centro Nacional de Esgrima, dirigido pelo antigo e falecido atirador olímpico António Martins, e a Tipografia Beleza, onde se imprimiu o «Sport Lisboa», que foi o primeiro jornal desportivo do País.

Actualmente, o Palácio do Calhariz pertence á Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, que nele promoveu importantes obras de adaptação.





O fim-de-semana trará bene

ao comércio em ger

— declara um dos m

da comissão de empregados comerc

Orlando Gama Antunes

Recrudesce a amplitude da campanha em prol do «fim-de-semana» dos empregados no comércio lisboeta, justa e antiga aspiração dos corteses funcionários.

Enquanto crescem as adesões, obtivemos o depoimento de um dos principais membros da comissão encarregada de tratar do assunto, directamente, com as entidades competentes: o sr. Orlando Gama Antunes, empregado na firma Adão Camiseiros.

Ele começou por nos dizer:

— Estou certo de que o «fim-de-semana» é tão desejado por empregados como por patrões, pois não haverá prejuizo para ninguém. O negócio passaria a fazer-se nos dias anteriores da semana, até porque o encerramento, segundo a nossa proposta, seria ás 19 e 30. Tratar-se-ia de uma compensação e muito facilitaria aqueles que saem dos seus empregos ás 18 horas. Repare que mesmo durante o Inverno aqueles que dispõem da tarde de sábado pouco a aproveitam para as suas compras, devido á chuva e ao frio. Preferem, normalmente, ficar em casa ou no «café», ir ao cinema ou á caça...

E o sr. Orlando Antunes prossegue:

— E quando vier o bom tempo acontecerá o mesmo. As pessoas preferem fugir da cidade, para a praia ou para o campo. A tarde livre de sábado permite fazer mais turismo, melhorar a saude, praticar desporto e tudo isto conta para a boa disposição de uma semana de trabalho e, consequentemente, para o melhor rendimento de cada funcionário. E esta possibilidade desejamos vê-la extensiva ao empregado no comércio.

— Acha que o publico se adaptaria fácilmente a esse horário?

— E' tudo questão de princípio.

Também se veri
quando do estabe
tervalo de duas h
ço. Começou em r
tal, e hoje é já d
os próprios patrõ
ciados. Quantos de
moçar a casa? Mu
davam buscar o a
no próprio estab
não o abandonar...
rificam vantagens

Continuando, a
aquele funcionário

— De resto, veja
habituado a não u
dos de tarde, ba
publicas e escri
mente porque e
E vou mais longe:
na» traria até be
comércio em gera
assoberbado de c
ria a um maior c
gos necessários a
tamento desse t
mente livre.

Por fim:

— Quanto a nós,
de 25 mil, haverá
conhecermos os b
paisagens do noss
por falta de temp
um dia livre para
conhecemos tão p
negócio em geral e
ficiariam com o
mana».

Comunhão dos cadetes da Academia Militar

Celebrou-se hoje, na capela da Academia Militar, a comunhão pascal dos alunos daquele estabelecimento de ensino. Presidiu ás cerimónias religiosas o sr. arcebispo de Metilene, que foi acolitado pelos reverendos padres cónego dr. Reis Rodrigues, capelão e professor da Academia, e pelos beneficiados Policarpo Canas e Isaías Rocha. No altar-mor tomaram lugar os srs. subsecretário de Estado do Exército, o primeiro e o segundo comandantes da Academia Militar, e muitos outros oficiais. A bandeira nacional, o estandarte Nun'Alvares e o guião da Academia, cuja guarda de honra era feita por 10 alunos, figuravam igualmente no altar-mor. À elevação, a fanfarra executou a marcha de continência. Ao Evangelho, o sr. arcebispo de Metilene, proferiu uma homília.

Comunhões no Governo Militar de Lisboa

Por sua vez, promovidas pelos serviços religiosos do Governo Militar de Lisboa, começaram a realizar-se outras comunhões, destinadas aos oficiais, sargentos e praças das várias unidades militares da cidade. A primeira celebrou-se hoje, na igreja de Nossa Senhora de Fátima, com a assistência do respectivo governador militar, sr. general Luís Domingues e nos dias 30 e 31, á mesma hora, nas igrejas do Rato e da Graça, respectivamente, para os soldados do R. A. L. 1, e do B. S. C. F., e para os do B. T., C. de Adidos e 1.ª G. C. Saude.

O ministro do Exército

visitou Penamacor

PENAMACOR, 26. (Pelo telefone). — O ministro do Exército, sr coronel Almeida Fernandes, chegou hoje a esta vila, a fim de visitar a Companhia Disciplinar de Penamacor.

TAÇA «FÉL

O Sport

vencer

O torneio de r
«Félix Bermudes»,
A. F. L., prossèg
com dois dos três
respondentes á 6.ª
da segunda volta.
O S. L. Olivais
impossibilidade de
Tapadinha e o Atl
pontos da vitória.

Sporting, 2-

Jogo no Estádio
com razoável assis
do ás condições do
Os grupos forma
SPORTING — C
e Peleje: Ferreira
Alexandre Baptista
Manuel, Monteiro,
BENFICA — Ba
e Zézinho; Roque,
cio; Vieira Dias,
Mendes e Palmeiro

A Sorel, Limitada

tem o prazer de convidar os seus clientes, amigos e o público e
geral, a visitarem a exposição dos últimos modelos de au
móveis da General Motors, que tem lugar no Hotel Rit
(jardim de inverno), de 25 de Março a 3 de Abril de 196

A Gerência

MARÇO: 25, DAS 18,30 ÀS 24 H. — 26 E 27, DAS 15 ÀS 24 H. — 29 A 31,
DAS 17 ÀS 24 H. — ABRIL: 1, DAS 17 ÀS 24 H. — 2 E 3, DAS 15 ÀS 24 H.

rará benefícios

rcio em geral

clara um dos membros

e empregados comerciais

pras, devido
eferem, nor-
asa ou no
á caça...
unes prosse-

bom tempo
pessoas pre-
para a praia
rde livre de
nais turismo,
ticar despor-
para a boa
nana de tra-
ente, para o
cada funcio-
dade deseja-
o empregado

ico se adap-
e horário?
de princípio.

Também se verificaram duvidas quando do estabelecimento do intervalo de duas horas para almoço. Começou em regime experimental, e hoje é já definitivo, pois até os próprios patrões foram beneficiados. Quantos deles iam antes almoçar a casa? Muito poucos. Mandavam buscar o almoço e comiam no próprio estabelecimento, para não o abandonar... Hoje todos verificam vantagens nesse intervalo.

Continuando, afirmou ainda aquele funcionário:

— De resto, veja: o publico está habituado a não utilizar, aos sábados de tarde, bancos, repartições publicas e escritórios, simplesmente porque estão encerrados. E vou mais longe: o «fim-de-semana» traria até benefícios para o comércio em geral, ás vezes tão assoberbado de crise, pois obrigaria a um maior consumo de artigos necessários a um bom aproveitamento desse tempo agradávelmente livre.

Por fim:

— Quanto a nós, que somos mais de 25 mil, haverá possibilidade de conhecermos os belos recantos e paisagens do nosso País, do qual, por falta de tempo — pois apenas um dia livre para nada chega — conhecemos tão pouco... Creia, o negócio em geral e o publico beneficiariam com o nosso «fim-de-semana».

O mar encheu de grandes pedras o largo fronteiro ao castelo da Foz do Douro. (Telefoto transmitida pelos C. T. T.)

Melhorou o tempo no Norte

O ministro das Obras Públicas esteve em Espinho

PÓRTO, 26 *(Pelo telefone)*. — A despeito de durante a madrugada o mar ter voltado a fustigar as praias e ruas que o circundam com água, areia e pedras que, em alguns sítios impediram o movimento de veículos, algum tempo. Todavia, hoje, nada há a assinalar de anormal. A chuva fez mais um compasso de espera e o Sol espreitou de quando em quando. Tal como ontem, dezenas de pequenas embarcações de pescadores procuraram na convergência do Douro com o mar a pesca da babugem, já que a agitação das águas não lhe permitem fazer-se ao alto. Entretanto, a ondulação da barra é grande e perigosa, o que obriga os pilotos a uma vigilancia aturada e nem sempre compreendida pelos pescadores. Em consequência da melhoria do tempo, a barra do Douro foi reaberta á navegação.

Em Leixões entrou o navio-motor holandês «Tramp», procedente de Roterdão, carregado com 300 toneladas de batata para consumo do norte do País.

O ministro das Obras Públicas em Espinho

ESPINHO, 26 (Pelo telefone) — Para avaliar dos estragos aqui causados pelas arremetidas do mar embravecido, chegou hoje, ás 13 horas, o sr. ministro das Obras Publicas, que era acompanhado pelo seu secretário, sr. eng.º Sousa Viana; pelo director-geral das Obras Publicas e director dos Serviços de Obras Publicas Marítimas. Era aguardado, na estação, pelo governador civil de Aveiro, pelo vice-presidente da Camara de Espinho e vereação, pelo comandante da P. S. P., pelo director da piscina Solar-Atlantico, etc.

O sr. eng.º Arantes e Oliveira ouviu o parecer dos técnicos e regressou ao Porto, de onde segue para Lisboa.

O secretário da Informação visitou Braga

BRAGA, 26 (Pelo telefone) — O secretário nacional de Informação, que desde ontem se encontra nesta cidade, visitou hoje, acompanhado pelo chefe do distrito, presidentes do Município e da comissão de turismo, e do chefe dos Serviços Técnicos da Camara, as zonas onde se projecta construir um hotel, no cruzamento das avenidas de D. João XXI e Marechal Gomes da Costa, e a piscina do Estádio 28 de Maio. O sr. dr. César Moreira Baptista esteve depois no Governo Civil, onde recebeu várias individualidades que se propõem construir melhoramentos que valorizarão a cidade. Depois, recebeu os componentes da Junta de Turismo de Gerez, que lhe apresentaram sugestões para valorização turística da estancia. Finalmente o secretário nacional de Informação visitou a Falperra, Sameiro e Bom Jesus, sendo-lhe ali oferecido um almoço intimo. A's 17 horas, recebe os jornalistas e, á noite, é-lhe oferecido um jantar pelo Município.

Várias hipóteses surgem em torno do crime misterioso da Charneca do Milharado

O crime de que foi vítima o trabalhador José Pereira, nas proximidades da Charneca do Milharado, continua envolto em denso mistério. Estão, porém, agora entregues as investigações a uma brigada da Polícia Judiciária, especializada em homicídios. O caso apresenta-se sem duvida dificil, não só porque a vítima era um desses muitos desgraçados sem arrimo que longe da sua terra vêm buscar trabalho á aventura, como ainda porque o possível criminoso se encontrará no numero de outros homens sem modo de vida definido, tendo-se provávelmente afastado da região logo após o seu criminoso acto. Outras hipóteses são ainda de formular. Estaria, por exemplo, o José Ferreira, autorizado a pernoitar no barracão em cujas imediações encontrou a morte? E' muito possivel que sim, mas também pode suceder que não. Saliente-se que o proprietário da herdade onde foi encontrado o cadáver, ali guarda produtos do seu cultivo, sem que o barracão reuna condições para tal, pois não possui sequer uma porta. Segundo averiguámos, é poiso favorito dos desprotegidos que ali se acolhem com regularidade, fugindo á chuva e ao vento, para, ao amanhecer, procurarem trabalho ou esmola.

Pode ainda admitir-se que tenha surgido qualquer desaguisado entre a vítima e algum trabalhador com funções de guarda e da confiança do proprietário. Só o desenrolar das investigações poderá confirmar ou refutar tais presunções. Entretanto, há ainda outros pormenores. Consta, assim, que a vítima trabalhou numa quinta em Montachique e que ao dirigir-se para o local onde encontrou a morte acamaradava com outros indivíduos em tabernas e que era habitualmente visto com um deles. De quem se trata? Uma coisa parece certa: a hipótese de roubo não é de considerar. Magros seriam os tostões do morto para tentar fosse quem fosse a suprimi-lo. A hipótese de conflito é bem mais susceptível de ter dado origem á cena. Entretanto, encontram-se em Mafra a proceder ás necessárias diligências o inspector juiz Geraldes Cardoso, auxiliado pelos chefes Afonso e Martinez e pelos agentes Lima e Sousa.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era moderado a forte de Oeste nas regiões a sul do Tejo e fraco de Sudoeste nas regiões a norte. O céu estava muito nublado e caiam aguaceiros em algumas regiões por acção duma massa de ar instável transportada na circulação duma depressão centrada a cerca de 150 quilómetros a oeste do Porto e que se desloca lentamente para o Sul.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS: Portalegre, 7°; Porto, 11°; Lisboa e Coimbra, 12°; Faro, 13°; Funchal, 16°.

TEMPERATURAS VERIFICADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 11°,7; na água do mar, 14°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 14°,9; mínima, 9°,9. No mesmo dia do ano passado: máxima, 18°,0; mínima, 12°,0.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Continuação do tempo de aguaceiros, com céu geralmente muito nublado. Vento moderado a forte, por vezes com rajadas nas regiões a sul do Tejo, e moderado a fraco de Sueste nas restantes regiões. Possibilidade de trovoadas e aguaceiros de granizo, em especial nas regiões montanhosas.

Homenagem

de repercussão internacional à memória

do dr. Sertório Sena

A Sociedade Oftalmológica Hispano-Americana, de Madrid, concede, anualmente, um prémio a um cientista da especialidade, pelo valor dos seus trabalhos, o qual foi atribuído, há pouco, ao dr. Gálvez Montes.

E' uma distinção expressiva, de larga repercussão nos meios científicos, que, este ano, se revestiu, também, do alto significado de homenagem á memória de um médico português, pois foi-lhe dado o nome do dr. Sertório Sena, em reconhecimento dos seus elevados méritos, como oftalmologista que conquistou posição de relevo nos meios científicos internacionais.

O saudoso médico, que morreu há dois anos, deixou uma obra notável, como director dos Serviços de Oftalmologia dos Hospitais Civis de Lisboa, e valiosos trabalhos altamente apreciados em reuniões e congressos no estrangeiro; e além da sua acção clínica, impôs-se sempre por uma extrema e compreensiva bondade e pela mais ampla generosidade para com os doentes pobres.

A justa homenagem, distinguindo um cientista de grandes méritos, é, também, um título de legítimo orgulho para a ciência portuguesa.

não

adetes

Militar

a capela da
omunhão pas-
le estabeleci-
sidiu ás ceri-
sr. arcebispo
acolitado pe-
s cónego dr.
lão e profes-
elos beneficia-
e Isaías Ro-
maram lugar
de Estado do
e o segundo
lemia Militar,
ais. A bandei-
darte Nun'Al-
cademia, cuja
feita por 10
gualmente no
o, a fanfarra
e continência.
arcebispo de
na homília.

erno Militar
a

movidas pelos
Governo Mi-
çaram a reali-
hões, destina-
gentos e pra-
ades militares
ra celebrou-se
Nossa Senhora
assistência do
or militar, sr.
ues e nos dias
ra, nas igrejas
respectivamen-
do R. A. L. 1,
ra os do B. T.,
C. Saude.

TAÇA «FÉLIX BERMUDES»

O Sporting e o Belenenses venceram os jogos desta tarde

O torneio de reservas da taça «Félix Bermudes», organizado pela A. F. L., prosseguiu esta tarde com dois dos três encontros correspondentes á 6.ª jornada — 1.ª da segunda volta.

O S. L. Olivais participou a sua impossibilidade de comparecer na Tapadinha e o Atlético averbou os pontos da vitória.

Sporting, 2-Benfica, 1

Jogo no Estádio «José Alvalade» com razoável assistência, atendendo ás condições do tempo.

Os grupos formaram:

SPORTING — Carvalho; Perides e Peleje; Ferreira Pinto, Galaz e Alexandre Baptista; Oscar, Carlos Manuel, Monteiro, Cafum e Quim.

BENFICA — Barroca; Marques e Zézinho; Roque, Alfredo e Inácio; Vieira Dias, Peres, Torres, Mendes e Palmeiro.

Arbitro — Salvador P. Soares, de Lisboa.

O desafio começou com jogadas repartidas pelos dois meios campos. No entanto, o Sporting mostrou-se sempre mais perigoso, sabendo explorar o flanco direito do Benfica, onde Marques não dava confiança á equipa. A passagem do quarto de hora, um «livre» apontado por Pérides, a castigar falta de Zézinho sobre Oscar deu o 1.º golo ao Sporting.

Até aos 35 minutos, tudo decorreu sem perigo para as balizas de ambas as equipas. Depois Torres perdeu magnífico ensejo de empatar.

Mas, aos 38 minutos, uma passagem de Peres a Torres, já dentro da grande área deu ASO a que o avançado-centro dos «encarnados» estabelecesse o empate.

Ao intervalo, 1-1.

Na segunda parte, na jogada de reatamento o Sporting fez o 2.º golo por intermédio de Cafum, acabando o desafio com o resultado de 2-1 a favor dos «leões».

Belenenses, 7-Torriense, 1

Jogo no Estádio do Restelo, com diminuta assistência. As equipas alinharam:

BELENENSES — Nascimento; Castro e Bento; Carlos Silva II, Figueiredo e Cravo; Miguel, Abdul, Mendes, Medaleiro e Chaves.

TORRIENSE — Montero; Raul e Gilberto; Nuno, Narciso II e Margaça; Mário, Carlos António, Hermínio, Mendes e Narciso I.

Arbitro: Joaquim Ganadeiro.

O Torriense começou o jogo ao ataque, ganhando dois cantos. O Belenenses, porém, cedo se tornou perigoso e, aos 10 minutos, Chaves, sobre passe de Madaleno, abriu o activo. Os visitantes reagiram e, aos 17 minutos, estabeleceram o empate, por intermédio de Mendes.

Aos 25 minutos, Alemãozinho entrou para o lugar de Mendes. O Belenenses tornou-se, depois, perigoso e, aos 40 minutos, Madaleno fez o 2.º golo da equipa da casa. Aos 43 minutos, Alemãozinho, sobre um passe de Chaves elevou a conta para 3-1, resultado com que se atingiu o intervalo.

Na segunda parte, os «azuis» marcaram mais quatro golos por (Chaves (aos 12, 14 e 30 minutos) e por Miguel (aos 43 minutos).

No fim Belenenses, 7-Torriense, 1.

CARAVANA OFICIAL de Música Brasileira

Foi-nos particularmente grato receber a visita de um grupo de prestigiosos componentes da Caravana Oficial de Musica Popular Brasileira. Acompanhados do nosso prezado camarada de Imprensa António Rosado, do «Notícias», de Lourenço Marques, vieram á nossa redacção o dramaturgo Joracy Camargo, o maestro Radamés Gnattali, Eduardo Nadruz e Luciano Pereira, que nos manifestaram a sua satisfação por se encontrarem em Lisboa, nesta agradável missão cultural, que conta com o patrocínio do embaixador do Brasil e o simpático acolhimento do publico da capital.

BAR EXPRESSO TERMINUS

R. Primeiro Dezembro, 71
Telefone 24597

Amanhã: Domingo

Lampreia á Moda do Minho
Paelha á Valenciana

Reserve a sua mesa

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços, compramos.

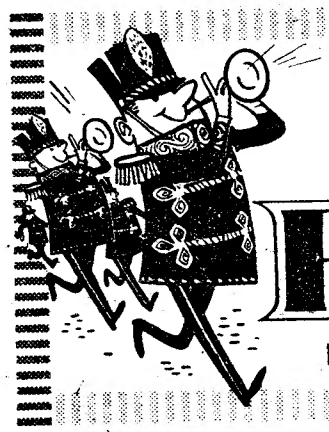
Pagamos muito bem.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

Rua da Prata, 257

migos e público em
os modelos de auto-
gar no Hotel Ritz,
de Abril de 1960.

A Gerência

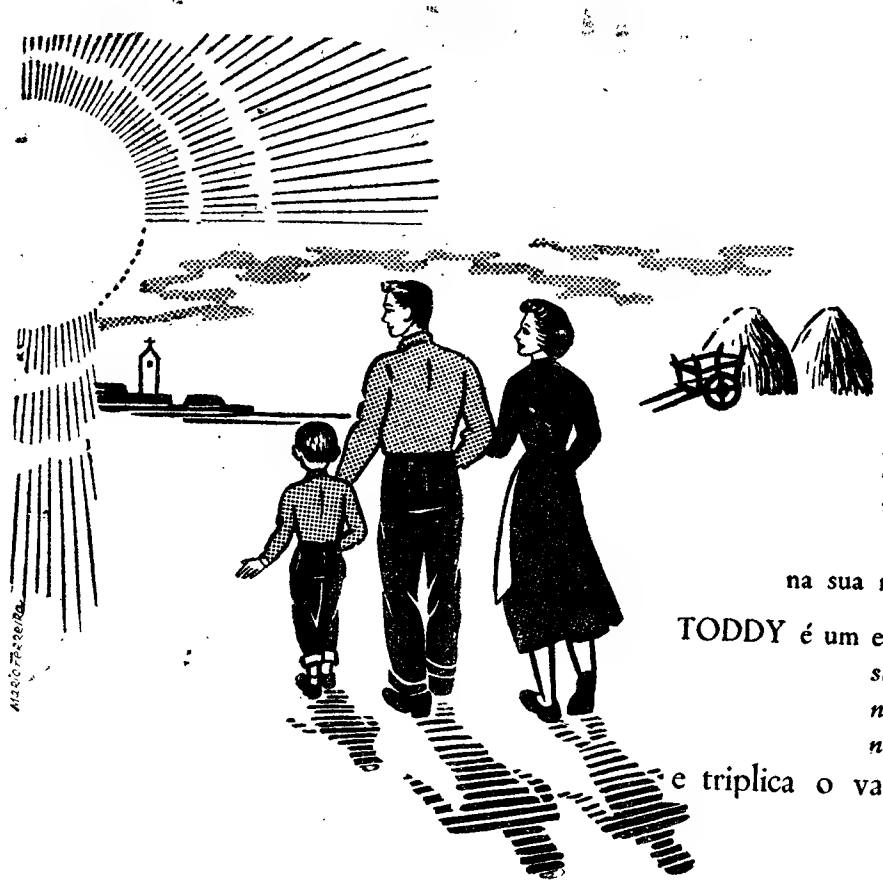


Eis os novos Concessionários FRIGIDAIRE
para venda e assistência técnica de produtos domésticos
e comerciais no distrito de Lisboa

FRIAL

Rua Gonçalves Crespo, 26 A e B (ao Conde Redondo)

Tel. PPC 73 44 48



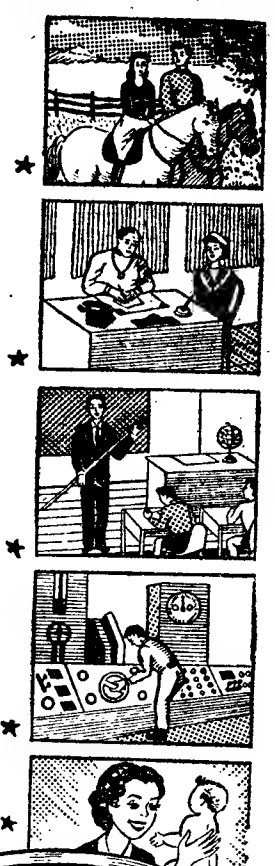
ALGO DE NOVO SOB O SOL DE PORTUGAL!

AGORA já podem tomar o seu TODDY todos os dias!

TODDY é agora produzido em Portugal na sua mais moderna e bem apetrechada fábrica do Mundo.

TODDY é um extracto dos alimentos mais nutritivos da Natureza,
sabe deliciosamente,
não é pesado nem enjoa,
não exige esforço digestivo
e triplica o valor alimentício de um copo de leite!

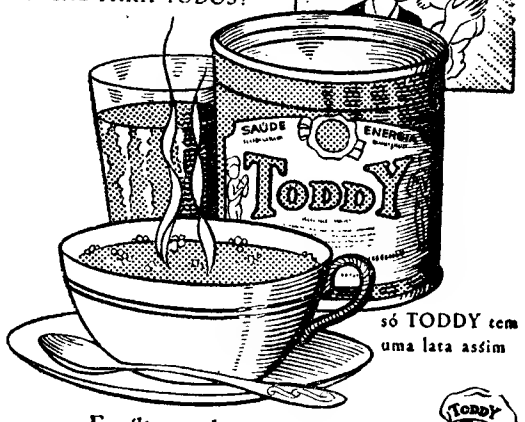
★ Para desportistas e intelectuais, estudantes e professores, crianças e senhoras que vão ser mães ou amamentam, trabalhadores do campo e operários: TODDY É O ALIMENTO IDEAL PARA TODOS!



TODDY é o resultado de longos ensaios feitos por eminentes especialistas de dietética, que conseguiram reunir, científica e lògicamente doseadas e concentradas, todas as substâncias necessárias ao perfeito equilíbrio mental e físico; proteínas, hidratos de carbono, sais minerais, ferro, potássio, vitaminas, cálcio e fósforo.

TODDY

nutre e fortalece



só TODDY tem uma lata assim

Facílimo de preparar
toma-se quente ou frio

Milhões de pessoas em todo o Mundo tomam o seu TODDY todos os dias

TODDY está à venda em todos os bons estabelecimentos a

LATA MEDIA (½ Libra = 18 doses) Esc. 16$00 - LATA GRANDE (1 Libra = 36 doses) Esc. 26$00 - LATA GIGANTE (5 Libras = 180 doses) Esc. 112$50

METROPOLITANO DE LISBOA

S. A. R. L.

Concessionária do exclusivo da instalação e exploração do metropolitano de Lisboa

SEDE: AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, N.º 28 — LISBOA

CAPITAL: Esc. 64.000.000$00

EMISSÃO DE 60.000 OBRIGAÇÕES

Autorizada pelo Decreto-Lei n.º 42.886, de 25 de Março de 1960

Estas obrigações, às quais é dado o aval do Estado, têm o valor nominal de Esc. 1.000$00 cada, e serão representadas por títulos nominativos e ao portador (cupão), de 1, 5, 10, 50 e 100 obrigações.

Vencem o juro de 4% ao ano não passível de imposto, pagável aos semestres em 1 de Abril e 1 de Outubro de cada ano, com início em 1 de Outubro de 1960.

A amortização far-se-á em 20 semestralidades, a partir do décimo primeiro ano a contar da emissão, em Abril e Outubro de cada ano, com início em 1 de Outubro de 1970, por sorteios e pelo valor nominal.

CONDIÇÕES DA SUBSCRIÇÃO

A subscrição, sujeita a rateio, estará aberta desde 28 de Março a 2 de Abril, inclusive, nos seguintes estabelecimentos de crédito e suas dependências, que a tomaram firme:

- **CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA**
- **BANCO DO FOMENTO NACIONAL**
- **BANCO BORGES & IRMÃO**
- **BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA**
- **BANCO FONSECAS, SANTOS & VIANNA**
- **BANCO JOSÉ HENRIQUES TOTTA**
- **BANCO PINTO & SOTTO MAYOR**
- **BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO**
- **CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS**

As obrigações são oferecidas ao preço de Esc. 1.000$00 a pagar integralmente no acto da subscrição.

Lisboa, 26 de Março de 1960.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

ESCUTISMO

A Fraternal dos Antigos Escuteiros promove hoje, ás 21 e 30, na sua sede, na Rua de São Paulo, 254, 1.º, a reunião do Conselho Nacional, para apreciação do relatório e contas do biénio de 1958/59 e eleição dos corpos gerentes para o biénio de 1960/61.

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações electricas, aprovado pelo Decreto-lei n. 26.852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal de Almada, em todos os dias úteis das nove ás doze e das catorze ás dezassete horas, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento de um ramal misto a 6 kV com 159 metros (parte aérea com 53 metros e parte subterrânea com 106 metros), do poste n.º 5 da linha Fontainhas-Cacilhas ao posto de transformação n.º 1-19, de Caranguejais, no referido concelho.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, Secção de Licenças, em 22 de Março de 1960.

Pelo Engenheiro Chefe da Secção

Vasco da Gama Brandão

A General Motors expõe em Lisboa 28 modelos de carros

A General Motors de Portugal, Limitada, inaugurou, ontem, em dois salões do Hotel Ritz, uma atraente exposição de vinte e oito automóveis diferentes importados dos Estados Unidos e de diversos países europeus, num conjunto original e admirável, que engloba desde o automóvel prático e económico, como o «Vauxhall-Victor» ou o «Opel-Delivery», até ao «Cadillac» de 390 contos, que, por acaso, já entrou na exposição vendido.

Para inauguração do certame, que estará patente ao publico até 3 de Abril, e que é, por certo, uma bela demonstração para os apaixonados pelo automobilismo, a General Motors convidou representantes da Imprensa, Rádio, Televisão e Cinema e os seus concessionários em todo o País, que foram recebidos pelos srs. F. C. Lynch, director-gerente, D. S. Schiffman, gerente-financeiro, R. H. Boniface, chefe de vendas, e J. Granger Pinto, chefe do pessoal e relações publicas. Os dois ultimos discursaram para salientar a importancia da iniciativa e saudar os convidados, tendo o sr. Rudolf Boniface afirmado, ainda, que o negócio de automóveis atravessa uma certa crise em Portugal, pois o volume das vendas registado este ano é substancialmente inferior ao do ano passado, para o que, em seu entender, contribuiram três factores: o pesado aumento dos impostos alfandegários, incluindo a taxa para o Fundo do Fomento; a expectativa por uma suposta redução nos preços dos veículos quando, em Julho, entrar em vigor a Associação Europeia de Comércio Livre, declarando o orador que a situação actual em quase nada se modificaria; e o mau tempo, que se tem prolongado no nosso País de uma forma que não é habitual.

Muitos dos carros em exposição trazem curiosas novidades, como alguns americanos que dispõem de um mecanismo que toca um sinal de alerta logo que o condutor atinge uma velocidade préviamente assinalada como limite ..

«Remanso de S. Martinho»

Deu entrada na Camara Municipal de Lisboa mais um projecto do sr. João Terenas. Tratar-se-ia de um aprazível retiro — o «Remanso de S. Martinho, o Santo Baco por excelência» — a criar na serra de Monsanto, em local apropriado e de aspecto essencialmente rustico e bucólico, dominando um vasto horizonte.

Verdadeira reconstituição histórica da vida do velho e tradicional retiro português, este «Remanso de S. Martinho» poderia constituir um atractivo de valor para o turismo nacional, além de um cartaz vivo e expressivo da melhor propaganda a fazer de especialidades e vinhos portugueses.

O estado actual da nossa Marinha de Guerra

(Continuação da 1.ª página)

duas fragatas não se resolve nem se atenua a difícil situação da Marinha de Guerra portuguesa que perante tarefas cada vez maiores, e em face de perspectivas sombrias de evolução mundial, se encontra com meios insuficientes para cumprir a sua missão.

Depois de analisar o tempo de serviço dos nossos actuais navios de guerra, o autor acrescentava:

Se exceptuarmos os draga-minas, patrulhas e a fragata «Pero Escobar», verifica-se que a Marinha de Guerra nacional é constituída por velhas unidades, sobretudo se atendermos a que a vida média de um navio de guerra não deve exceder 15 anos. É uma situação confrangedora que se não coaduna com as nossas tradições marítimas nem com meios insuficientes para cumsa presença no Ultramar.

E, a terminar o seu artigo, acentuava:

Urge que se tomem medidas imediatas no sentido de se dotar a Marinha nacional dos meios necessários ao cumprimento da sua missão. A nossa posição atlantica, a realidade de uma nação una mas dispersa pelos quatro cantos do globo, impõem uma revisão da nossa política militar, de forma que à Marinha seja dado papel preponderante.

Verifica-se por este artigo que se vai alargando a outros sectores da Imprensa o espírito salutar e patriótico de defesa da Marinha de Guerra, o que significa que alastra pela opinião publica em geral um sentimento cada vez mais radicado a favor de uma Armada melhor. Esperemos e confiemos que este ano marque o início efectivo da reorganização da nossa Marinha de Guerra. Estas palavras não devem ser tomadas á guisa de paliativos para alimentar vagas esperanças, mas sim como traduzindo alguns prenuncios no pormenor dos quais não posso nem devo, de momento, ir mais além.

As razões justificativas

Valerá a pena, em boa verdade, enumerar justificações para a nova política naval que se impõe e que se avizinha? Valerá a pena falar das missões inevitáveis de uma Marinha que tem de levar a presença da Pátria e a sua bandeira a terras e a gentes espalhadas por continentes e por oceanos? Valerá a pena dizer, uma vez mais, que essa Marinha tem de assegurar a escolta dos transportes de tropas e de víveres através de muitos milhares de milhas; que tem de possuir navios especialmente concebidos para longas permanências em climas quentes; que deveria dispor de aviação embarcada (aviões e helicópteros) e ainda de uma força aérea privativa e sob o seu «contrôle» (pelo menos aviação anti-submarina e de exploração a longas distancias das bases); que deveria dispor, embora já disponha em parte, de forças de dragagem em proporção com o numero de portos-bases cujos acessos lhe competirá manter livres de minas; que tem de continuar a manter uma pequena força submarina capaz de assegurar o treino eficiente do pessoal detector dos navios de superficie; que tem de aumentar os quadros em relação com o material flutuante e com os serviços em terra; que tem, enfim, de se decidir sobre se mantém a escola de mar em navio de vela ou se opta pelas unidades militares para esse efeito? Não. Não vale a pena, porque é desnecessário repisar pontos tão debatidos.

Mas talvez valha a pena, sim, referir através de um pequeno, mas esclarecedor quadro, a provecta idade das nossos actuais unidades, especialmente as de maior porte e as de navegação submarina. Por esse quadro se verificará a posição de inferioridade quanto a navios maiores (ainda que sempre pequenos navios) os quais nos são, como se sabe, indispensáveis — os escoltadores oceanicos anti-submarinos e anti-aéreos.

Passemos então á análise desse quadro:

NAVIOS	TEMPO DE SERVIÇO	SITUAÇÃO ACTUAL
4 contratorpedeiros	Entre 24 e 26 anos	Excedido o tempo normal de serviço
Duas fragatas	16 anos	Prestes a atingir o tempo normal de serviço
Duas fragatas	17 anos	No limite do tempo normal de serviço
Duas fragatas	15 anos	Prestes a atingir o tempo normal de serviço
Uma fragata	3 anos	Navio novo
2 avisos de 1.ª classe	25 anos	Excedido o tempo normal de serviço
3 avisos de 2.ª classe	Entre 23 e 27 anos	Excedido o tempo normal de serviço
Três submersíveis	15 anos	Prestes a atingir o tempo normal de serviço
Seis navios-patrulhas	15 anos	Prestes a atingir o tempo normal de serviço
Oito navios-patrulhas	Entre 3 e 6 anos	Navios novos
16 draga-minas	Entre 5 e 6 anos	Navios novos

Nota — Excluem-se deste quadro unidades do trem naval e outros navios menores.

Depois de dedicar uns momentos á leitura deste pequeno quadro, quem poderá considerar exagerados ou pessimistas aqueles que dizem ser urgente *acudir á Marinha?* Não podemos esperar um programa naval eivado de espírito de grandeza, mas um programa certamente modesto, embora correspondendo na medida do possível ás necessidades mais prementes da nossa Armada. Teremos escoltadores rápidos, embora não de grande porte, teremos os navios para o Ultramar, não será esquecida a renovação da esquadrilha de submersíveis. Não se poderá fazer tudo de um jacto mas, como muito bem dizia há tempos nas páginas da revista «Defesa Nacional» o capitão-de-mar-e-guerra Guilhermino Martins de Magalhães, *«a tonelagem global deve ser escalonada por vários anos, de preferência os que representam a idade média dos navios, em parcelas aproximadamente iguais»*, procedimento que, *«além de tornar mais acessível o encargo económico resultante, apresenta a grande vantagem técnica de garantir a necessária continuidade na valorização dos navios».*

Defende ainda aquele distinto oficial — professor de oficiais e escritor naval de mérito — a política da homogeneidade dentro dos próprios tipos de navios, o combate a todo o custo contra a prejudicial tendência para a *marinha-mostruário* — mostruário de navios, de armas e de equipamentos.

O comandante Guilhermino Martins de Magalhães apresenta depois alguns elementos sobre a composição do programa naval que, em sua opinião, deveriamos construir: 90.000 toneladas, escalonadas por quinze anos (6.000 toneladas de construções novas por cada ano), reservando-se 40 % para escoltadores oceanicos, ou sejam 26 unidades de 1.400 toneladas. Não temos possibilidade de, em quinze anos, construir 26 unidades dessa tonelagem e mantê-las num sistema rotativo em que, findo aquele prazo, outras se construiriam para substituir as que fossem estando envelhecidas? Não sei, mas penso que, se se encararem os problemas e as missões da Marinha sob um prisma mais ajustado ás realidades, poderemos, sem duvida, suportar esses e outros encargos.

É, porém, razoável que se pergunte se, em face da evolução vertiginosa das armas e das concepções, será de aconselhar prever construções a dez e a quinze anos de vista. Que não se prevejam então as construções especificadas, mas que se orçamentem as dotações escalonadas para que se aproveitem no tipo de navios que se tornar aconselhável. Em qualquer caso, todavia, não pode deixar de haver um programa, para se evitar a *Marinha-mostruário* e se conseguir, sim, um nucleo eficiente formado por grupos homogeneos de unidades e não um amontoado heterogeneo com a sua inevitável babilónia de sobresselentes, de calibres e de munições. Isso é que nunca será Marinha para as tarefas dos nossos dias.

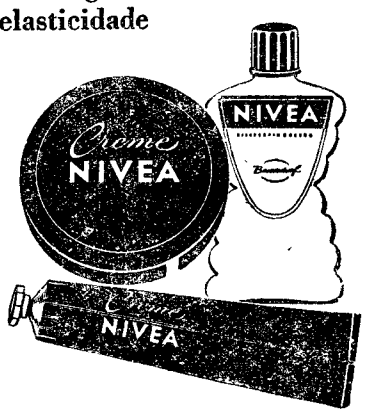
Seja, porém, como for, o que é facto é que a Marinha actual (quanto a navios de escolta e outros para missões no Ultramar, sem falar nos submersíveis) deixou, práticamente, de ser uma força operacional, para ser um conjunto de navios ultrapassados pelo tempo e pela técnica. A maior parte desses navios não justifica nem aceita reparações. É anti-económico fazê-las e anti-militar aconselhá-las. Reparações, não serão mais do que balões de oxigénio para prolongar vidas fictícias. Mas o problema, longe de estar descurado pelo Governo, encontra-se já em adiantada fase de atento estudo. Confiemos, então, em que as Comemorações Henriquinas assinalem uma nova data na vida da nossa Marinha contemporanea. — M. de O.

A pele tem "sede"...

quando começa a enrugar e a perder a sua elasticidade

Só a EUCERIT contida no *Creme* NIVEA apagará essa "sede" de juventude evitando que a pele se torne seca e áspera.

Para um tratamento ainda mais eficaz aconselhamos, como coadjuvante, o *Leite de Beleza* NIVEA



BETONEIRAS

simples ou com guincho de 180 e 210 Lts.

accionadas por motores PETTER

AA LISBOA

ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)

Rua Academia das Ciências, 5 · Boqueirão do Duro, 38 · LISBOA

Praça D. João I, 25-1.º - Telef. 24771 · PORTO

UMA OFERTA DO CAFÉ "LUSO-BRASILEIRO"

ÓPTIMAS APLICAÇÕES DE CAPITAIS

Possue a EMPRESA PREDIAL NORTENHA, em condições vantajosas para os Senhores Capitalistas. Prestamos toda a assistência e garantimos todos os envestimentos. Consultando-nos tem vantagens.

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

«Colham Referências»

LISBOA
Praça da Alegria, 58-2.º
Tels. 366812 - 32228

PORTO
Praça D. João 1, 25-1.º
Tels. 26706 - 30181

S. R.

Ministério da Economia
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-lei n.º 26.852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal de Almada, em todos os dias úteis das nove ás doze e das catorze ás dezassete horas, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento de um ramal misto a 6 kV com 85 metros (parte aérea com 10 metros e parte subterrânea com 75 metros), do poste n.º 21 da linha Fontainhas-Cacilhas ao posto de transformação n.º 1-14, na Quinta da Alegria, no referido concelho.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, Secção de Licenças, em 23 de Março de 1960.

Pelo Engenheiro Chefe da Secção
Vasco da Gama Brandão

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

DKW Junior

O automóvel apresentado sem adjectivos...

«ROAD-TEST» DA REVISTA «MUNDO MOTORIZADO» 20-2-1960

Entrando na rampa da auto-estrada Lisboa-Cascais em 4.ª velocidade e a apenas 50 km/hora (devido à complicação do trânsito) foi-nos possível atingir o topo dessa forte rampa a 80 km/hora em 3.ª velocidade (com duas pessoas a bordo), ultrapassando alguns carros utilitários e até de categoria média que atacaram mais ou menos simultâneamente a ascenção dessa rampa.

A sua suspensão concede a este automóvel uma segurança de marcha verdadeiramente invulgar, constituindo como que um padrão difícil de igualar em automóveis utilitários.

Tanto a sua frente como a sua silhueta, como a sua rectaguarda, têm um desenho simples, moderno e gentil que agrada ao automobilista que aprecia um carro elegante sem excessivos arrebiques e que gosta de um automóvel de aspecto moderno mas com um modernismo que não «envelheça» ràpidamente.

O seu motor a dois tempos e de 3 cilindros é um modelo de simplicidade construtiva e distingue-se pelo seu enexcedível silêncio de funcionamento, elevada elasticidade e grande facilidade de ser posto em marcha por mais baixas que sejam as temperaturas. É um pequeno motor, tão suave como um grande 6 cilindros a 4 tempos e, até a uma velocidade de 60 a 80 km/hora, nem sentimos o seu macio ronronar.

estes têm surgido naturalmente

«ROAD-TEST» PELO EX.mo SR. DR. AUGUSTO MARTINS «MUNDO DESPORTIVO» 12-2-1960

Quanto a segurança, o «Junior» pode medir-se com os carros mais cotados neste pormenor. Escolhemos para o ensaio, determinados troços que poriam bem à prova as suas qualidades de aderência, entre eles incluíndo a diabólica «Curva do Gonzalez», bem conhecida dos desportistas do volante.

O novo «D. K. W.» manteve-se em todas as curvas de forma absolutamente neutral. Quer travando ou acelerando ou, ainda, desmultiplicando, ele mantinha-se firme, sem sair da trajectória prèviamente idealizada.

Mesmo com o piso bem molhado, não se verificou diferença de comportamento na aderência, ganhando o condutor, dentro de pouco tempo, uma confiança plena na montada.

Os travões deixaram-nos excelente impressão, dominando perfeitamente o carro num curto espaço de tempo e actuando de forma regular e uniforme.

AUTO UNION
DKW

«ROAD-TEST» DA REVISTA «O VOLANTE» 15-2-1960

O novo modelo, que está na linha da tradição da Fábrica donde saiu — Auto Union — é um carro de grande beleza, espaçoso, elegante, tècnicamente perfeito e, além de tudo, aparece no mercado com um preço convidativo.

«ROAD-TEST» DA REVISTA ALEMÃ «DAS AUTO MOTOR UND SPORT» 10-10-1959

São impressionantes os rendimentos de aceleração das várias velocidades, pois com 29 segundos ultrapassam-se os 100 km/h. Na velocidade máxima constatada por nós de 116 km/h o motor não atinge, ainda, o seu número nominal de rotações, 4.300 por minuto, podendo por isso conduzir-se sem receio a altas velocidades constantes, obtendo-se fàcilmente em auto-estradas, médias de 100 km/h. ...

A forma como se comporta em curvas é assombrosa...

Os travões são excelentes... A estabilidade deste carro mantém-se inalterável em seco ou em molhado.

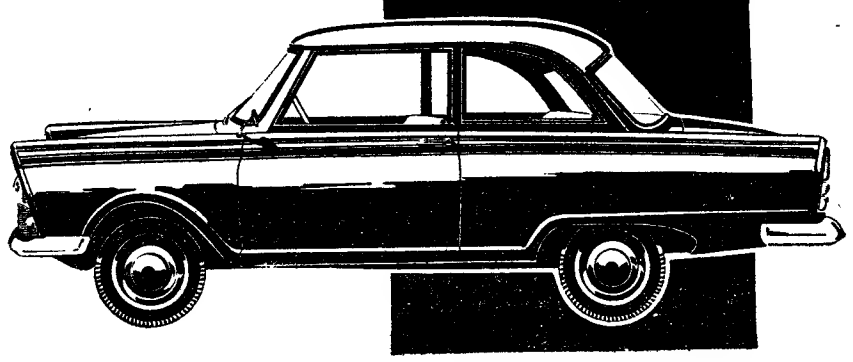
EXPERIMENTE TAMBÉM UM DKW JUNIOR

NO REPRESENTANTE

DECAUTO S. A. R. L.

RUA DUQUE DE PALMELA, 27-A, 27-B

OU NO SEU AGENTE MAIS PRÓXIMO



Companhia Portuguesa de Pesca

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL: Esc. 35.000.000$00

SEDE: Avenida 24 de Julho, 3, 2.º — LISBOA

DIVIDENDO DE 1959

De 28 de Março corrente a 2 de Abril próximo, estará a pagamento na sua sede, das 10 ás 11,30 e das 14 ás 16 horas, o dividendo do exercício de 1959, da importancia ilíquida de 59$60 por acção, pela forma seguinte:

Dividendo cativo	59$60
Impostos	9$60
	50$00

No dia 2 de Abril, sábado, o pagamento efectuar-se-á só até ás 11,30 horas

No Porto, esse pagamento será efectuado pelo Banco Bórges & Irmão.

Terminado aquele prazo, os pagamentos efectuar-se-ão ás quintas-feiras, ás horas e nos locais acima mencionados.

A assinatura dos recibos deverá ser reconhecida por notário ou abonada com selo branco.

Lisboa, 26 de Março de 1960.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

C.C.N.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE AFRICA	
«BENGUELA» 12 de Abril	Com escala por **Leixões**, para: **S. Tomé** (se necessário), **Luanda, Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.** Carrega em Lisboa até 9 de Abril.
«PÁTRIA» 22 de Abril	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala** (se necessário). Carrega em Lisboa até 19 de Abril.
LINHA DA AMÉRICA DO SUL	
«VERA CRUZ» 9 de Abril (ás 12 horas)	Com escala por **Funchal**, para: **S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.**
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 18 de Abril (ás 18 horas)	Com escala por **Vigo** e **Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Porto Everglades (Miami).**

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63—Telefs. 30131/8—PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9—Telef. 23342

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

mais, galgar por cima dos muros construídos pelo sentido inesperado da irrealidade.

Então, no domínio das fobias, das erradas e repetidas interpretações, no mundo deformado dos falsos pensamentos, que desarmonizam e desarticulam a personalidade, torna-se difícil carrear o doente para um campo limitado, já dentro da realidade afectiva.

A missão da psicoterapia, neste e noutros casos ainda mais complicados, que não vem a propósito citar perturbando o sentido desta particular informação, é a de reajustar o enfermo ao agregado social, à família e ao ambiente produtivo do trabalho quotidiano, preencher tanto quanto possível as falhas da personalidade transviada ou traumatizada por acontecimentos longínquos ou recentes. A insistência, por parte da família, num determinado sentido ou numa particular atitude, pode lançar o psiconevrótico numa crise cuja extensão nem sempre se torna fácil prever ou medir.

Em que consiste a chamada «fórmula da personalidade», tão discutida e, em geral, erradamente analisada?

No sentido puramente psicológico, não é mais do que a «unidade do eu».

Procura a psicoterapia, cujo estudo ultrapassa os limites acanhados da própria vida, actuar sobre o espírito, amparando-o e levando-o a interpretar correctamente os problemas mais diversos, impedindo que o consciente ou o inconsciente construam obsessões com materiais mal-didos e imaginados, que, por seu turno, esvaziam a vida do conteúdo real e humano, significativo e construtivo, lógico, sobrepondo-se e vencendo toda a sintomatologia funcional.

As fobias acompanham, em sua desenvoltura, a linha-de-rumo do progresso: o homem civilizado sofre mais do que o operário ou o trabalhador rural, fisicamente preso à existência, ausente de horas inutéis ou mortas para além do marcador do tempo.

A psicoterapia está, pois, sempre a necessitar da psicologia e a aproveitar-se dela para carrear o consciente, obrigando-o a constante ajustamento, reconduzindo o indivíduo à norma da vida, ao real e ao exacto, diminuindo e estreitando o campo deformado da imaginação, destrinçando a cada passo o palpável do irreal.

Vivem e alimentam-se os doentes em referência de sonhos, alicerçados em meras ilusões, num clima falsamente poético, gerador de emotividades e fantasias, sempre preparados a odiar os que se prendem a balizas fixas, a definições elementares, a conhecimentos primários, dogmàticamente arrumados em compêndios únicos escolares, ao alcance de todos, estropiada concepção de cultura e humanismo.

As falsas interpretações são independentes da vontade. A via encontra-se livre para o «erro das funções».

Este erro, enraízado nas falsas noções, repete-se e amplia-se todos os dias. Vai sempre mais além, amparando-se e servindo-se do sentido mistificador (inconsciente) da nevrose.

A «hora de ponta» infiltra-se em todas as horas, emprestando novo sentido ao sofrimento. Missão alta, pois, da psicoterapia (Baruk) é escavar fundo e procurar assim as raízes arreigadas para, em seguida, as amputar ou arrancar.

Os contraditores da psicoterapia, que os há — eram mais ontem do que hoje —, afirmam que as análises superficiais e profundas da consciência são lentas e demoradas, não evitando que os erros e as falsas interpretações deixem cicatrizes fundas, sempre visíveis.

Por sua vez, os defensores do método, entre os quais se destacam Thomas, Jung e Ferenczi, (além de Freud, é óbvio), explicam que o tempo conta e que a psicoterapia, a distância, conseguirá demover e esfumar os erros de interpretação.

A família do doente terá de colaborar com o analista, despistando as raízes psiconevróticas do indivíduo.

A incompreensão da família, a indiferença, hostilidade ou repulsa do próprio agregado social, falsos estímulos ou desvios de educação (ou reeducação) podem despertar reflexos condicionados, mais tarde modificados ou alterados pelo próprio doente.

Neste campo particular, as surpresas somam-se e sucedem-se todos os dias. O grande perigo da psicoterapia, em mãos pouco escrupulosas, ou quando aplicada sem discernimento, é tornar o doente escravo do analista, transformá-lo num ente sem vontade, vítima de pesadelos e das incongruentes manifestações do meio, cortina de terror que os separa da realidade e da vida, impedindo o reajustamento por processos lógicos e humanos.

Só comunidade completa entre analista e doente pode contribuir para a total resolução do problema, comunidade em que a mentira não tem lugar, pelo que a falsificação psicológica terá de ser combatida a cada momento.

Espírito, acção, sentimento, persistência, compreensão total, procurando prender o doente ao que é e «não ao que deveria ser», são elementos de cura.

Urge, por outro lado, não dar realidade exagerada a reacções elementares do sistema nervoso e deixar que a vida se complete, isenta de outros panoramas, sem alterar, consciente ou inconscientemente, a seriação fatal dos acontecimentos e dos dias.

A felicidade não é mais do que uma vaga representação mental, a que o homem se agarra, numa atitude de náufrago, nem sempre inteiriça com a verdade.

Não ter receio de rever e actualizar os problemas, fugindo ao imposto fatal, deveria ser o caminho mais fácil.

Sobretudo, não deixar que os complexos de inferioridade (condicionados ou não) modifiquem a acção, o sentido criador, a serenidade dos dias, os horizontes íntimos ou a tranquilidade da paisagem exterior.

A grande meta a atingir deverá ser esta: a conquista total humana diante do erro e do sofrimento.

Para esse efeito, impõem-se estas condições:

Não fugir, não sucumbir a medíocres e frequentes repreensões; não deixar que a vida seja revolta constante, encadeamento de hipocrisias e desvios perturbadores; ser homem em todas as ocasiões, desfiar vida normal em cada segundo útil, caminhar, enfim, para a libertação total, física, psíquica e sentimental.

O analista terá de convencer o doente de que a força está dentro e que o desânimo é sempre nocivo e incompatível com a criação interior, a única que satisfaz e conta vida fora.

A. d'E.

O «PÔR DO SOL»
será amanhã inaugurado em Benavente

Devido à iniciativa de Manuel Guerreiro, marido da popular actriz Hermínia Silva, será inaugurado amanhã, na ridente vila de Benavente um novo, moderno e luxuoso restaurante típico: o «Pôr do Sol», que vem admirávelmente completar a magnífica obra que é o magestoso «Solar de Benavente».

Ao acto assistirão altas individualidades e muitos artistas. Durante o almoço, servido no novo e excelente salão do «Solar», far-se-ão ouvir e admirar a «vedeta» Hermínia Silva e todo o elenco da sua casa típica de Lisboa, a castiça Maria Pereira, os professores de viola e guitarra Vítor Ramos e Alfredo Mendes e ainda a grande atracção de verdadeira categoria internacional rancho típico «Sete Saias». Na ida para o «Solar», Hermínia Silva será aguardada e escoltada, á entrada da vila, por uma autêntica parada de campinos a cavalo

Pensionistas da Índia

Avisam-se os pensionistas da Índia, que ainda não receberam as pensões e mensalidades de Fevereiro, de que as mesmas se encontram já a pagamento na sede da Agência Militar.

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 4.ª página)

Coliseu

Esta noite, às 21 e 30

O cinema é uma força poderosa. Só o cinema nos podia dar dois tão completos e intensos espectáculos como são «Terra de Ninguém», história fantástica da descoberta de um mundo monstruoso e pré-histórico no coração do Pólo Sul, e «Ilha Sangrenta», o drama dos prisioneiros de guerra ingleses nos campos de concentração japoneses. Na tela panoramica do Coliseu desenrolam-se duas aventuras empolgantes que o publico aplaude. Esta noite ás 21 e 30. Amanhã, ás 16 horas e ás 21 e 30.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21 e 30 — «A visita da velha senhora».
TRINDADE — A's 21 e 45 — «O amor, o dinheiro e a morte».
AVENIDA — A's 21 e 45 — «A mala da Bernardette».
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Margarida da rua».
MARIA VITORIA — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Taco a taco».

CINEMAS

S. LUIZ — «Intriga internacional».
TIVOLI — «O anjo azul».
S. JORGE — «A mulher e o fantoche».
IMPERIO — «Você quer dançar comigo?»
EDEN — «Semente ruim».
POLITEAMA — «O sobe e desce».
MONUMENTAL — «Encontro com o diabo».
ODEON — «Ao ritmo do mambo»
ALVALADE — «Intriga internacional».
CONDES — «Casino de Paris».
ROMA — «A rua do pecado».
AVIS — «Mulheres perigosas».
OLIMPIA — «A geração que salvou o Mundo»
IDEAL — «Traficantes de cocaína».
RESTELO — «A amada infiel».
PROMOTORA — «Musica de sempre».
JARDIM — «Cantinflas na ribalta».
COLISEU — «Terra de ninguém».
CAMPOLIDE CINE — «A seita do cavalo branco».
CINE NAZARE (Póvoa de Santa Iria) — «Anatomia de um crime».
CINE MOSCAVIDE — «Nathalie».
S. JOSÉ (Sacavém) — «A volta ao Mundo em 80 dias».

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II
TODAS AS NOITES, ÀS 21 E 30 — (17 ANOS)
e, aos Sábados, ás 15 e 30, Tarde Popular a preços reduzidos
MAIS UM EXITO CLAMOROSO
A VISITA DA VELHA SENHORA
de F. Durrenmatt, versão de Olavo d'Eça Leal
com AMÉLIA REY COLAÇO e ERICO BRAGA

TEATRO DA TRINDADE
FESTA ANUAL DOS ALUNOS DO COLÉGIO MODERNO
Dia 27 — Pelas 16 horas
O DOIDO E A MORTE
De Raul Brandão, por um grupo de antigos alunos
AS VELHACARIAS DE SCAPIN
De Molière, por o grupo cénico do Colégio
(Os poucos bilhetes que restam, estão á venda na bilheteira)

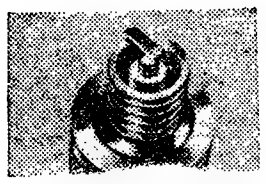
Hotel Vale de Lobos
Domingo, 27, das 16 às 20 horas
Mais um grandioso
«CHÁ DANÇANTE»
com a colaboração do Conjunto
do Folclore Nacional «OS BAMBINOS»
Maiores 15 anos
Inf. e Res. Telef. 094846

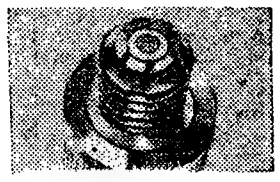
SORRENTO
RESTAURANTE ITALIANO
Especialidades do dia
Ravioli — Canellones — Lazzenha — Pizza Napolitana
Avenida Alvares Cabral, 86-B
Aberto até ás 3.30

PRINCESA MARGARIDA
Excursão de 7 dias a Londres por ocasião do casamento de
SUA ALTEZA REAL
INSCRIÇÕES NO
TURISMO PORTUGAL, LDA.
R. Alexandre Herculano, 12 - A — LISBOA
Telefs.: 59192 - 59193 - 52894

FRIMATIC
O FRIO AO ALCANCE DE TODOS
FRIO CONSTANTE
E REGULAR
FRIO HÚMIDO
40% de economia
"Blizzard-Flap"
O DOBRO DO FRIO
Modelos
ILE DE FRANCE . . . . . 4.500$00
CHAMPAGNE . . . . . 5.500$00
AQUITAINE . . . . . 6.500$00
ARMAGNAC (SEM SORVETEIRA ELÉCTRICA) 7.500$00
CHATELAINE (SEM SORVETEIRA ELÉCTRICA) 8.500$00
ARMAGNAC (COM SORVETEIRA ELÉCTRICA) 8.000$00
CHATELAINE (COM SORVETEIRA ELÉCTRICA) 9.000$00
SORVETEIRA ELÉCTRICA . . . . . 500$00
À VENDA NOS AGENTES AUTORIZADOS
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
Refrigeração POLAR LIMITADA
RUA DA EMENDA, 66 r/c F.
Telefones 29016/7/8 P. P. C. A. 3 linhas
Concessionário exclusivo no Norte
J. ROCHA
Rua Santo António, 173
Telef. 25575
PORTO
Concessionários exclusivos no Centro
PEDROS-IRMÃOS, L.DA
Rua da Sofia, 141 a 171
Telefs. 25493 - 25494
COIMBRA

VELA comum INJECTOR





Sujeitas a limpezas periódicas e afinações
Desgaste inevitável dos eléctrodos
Carbonização rápida
Nem sempre eficazes a altas temperaturas
Carecem SOBRETUDO de GASOLINA SUPER para melhor funcionamento

Não carecem de limpeza
Não carecem de afinação
Não carbonizam
Não alteram o seu funcionamento, mesmo a altas temperaturas e pressões operatórias
JAMAIS SE GASTAM
Pagam-se a si mesmo em 15.000 km percorridos
ECONOMIZAM DE 8 a 12 % de COMBUSTÍVEL
NÃO CARECEM DE GASOLINA SUPER

IMPORTANTE

A Estação de Serviço da COMAL (Secção de Electromecânica) para maior comodidade de todos os interessados, FAZ DEMONSTRAÇÕES, TÉCNICAS E MONTAGENS DE INJECTORES, não só durante o dia, como também à noite, das 21 às 24 horas

S. A. FIRE INJECTION SYSTEM

A COMAL, informa o Ex.mo Público, clientes e amigos, que possui toda a Gama dos Afamados **INJECTORES DE IGNIÇÃO**

OS SERVIÇOS TÉCNICOS DA COMAL RESOLVERÃO O SEU PROBLEMA

AGENTE NO NORTE
PREDIAL RUICAR
RUA SÁ DA BANDEIRA, 85,-2.º, DT.º — **PORTO**

AGENTE EM LEIRIA
F. H DA ROCHA MARQUES
AVENIDA COMBATENTES DA GRANDE GUERRA, 14

AGENTES NOS AÇORES

A. VIVEIROS & C.ª
LARGO CAMÕES
PONTA DELGADA

KARL HEINZ GRÖTZNER
HORTA

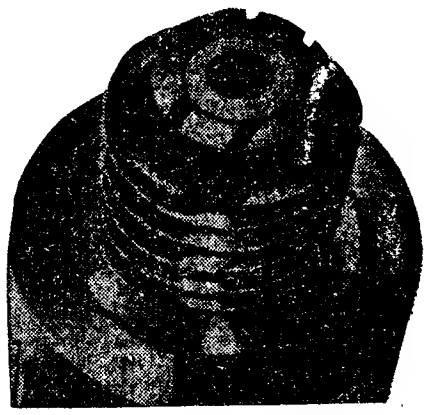
TOMÉ FERREIRA
ANGRA DO HEROISMO

COMAL

COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, LDA.
Avenida Álvares Cabral, 45-B e 45-C
TELEFONES 68 01 60 E 68 85 25

O MELHOR E MAIS RACIONAL SISTEMA DE IGNIÇÃO TOTAL

GARANTIDOS DE 60.000 A 110.000 QUILÓMETROS



INJECTOR DE IGNIÇÃO

Fácil de montar. Não requer modificações na instalação eléctrica. Apenas uma ligeira alteração na GOLGA original dos platinados, e afinação do carburador, devido ao melhoramento da combustão

Recintos de diversões

Na Sociedade Recordação Apolo, efectua-se hoje, pelas 21 e 30 h., um espectáculo de fados e guitarradas, com a exibição do trabalho «Homem ao mar», de Carlos Conde e Francisco Radamanto, vencedor do concurso do Coliseu. Na Academia Recreativa de Linda-a-Velha, será exibido, amanhã, ás 21 e 30 o mesmo trabalho, havendo também fados por Ilda Silva, Joaquim Silveirinha e Vítor Nunes.

— Celeste Rodrigues, Maria Marques, Mariana Silva, Maria Silvestre, Fernando Farinha, Manuel Fernandes e Manuel de Almeida deram a sua adesão á festa de Mário Rocha, que se efectua na quinta-feira, na Adega Mesquita.

ENGANO FATAL

FALL RIVER (Massachusetts), 26 — Três bebés morreram no Hospital de Santo António, porque a água destilada foi, substituida, por engano, por ácido bórico na preparação dos alimentos que eram ministrados ás crianças — anuncia a Polícia. — (A. N. I.).

O embaixador dos Estados Unidos

partiu de Bissau para Dakar

BISSAU, 26. — Partiu hoje de Bissau para Dakar, ás 9,35, num bimotor «Dakota», o embaixador dos Estados Unidos, Charles Bruce Elbrick, com sua esposa e comitiva. Antes de embarcar, no aeroporto Craveiro Lopes, aquele diplomata, falando á Imprensa, disse: «Fiquei muito impressionado com tudo o que vi na Província e admirado com a obra do governador Peixoto Correia. Foi uma visita inesquecível. Agradeço ao Governador e ás autoridades a calorosa hospitalidade durante a minha visita, e a todo o povo da Guiné Portuguesa quero dizer «muito obrigado, muito obrigado!».

Na viagem de Bissau para Dakar, de bordo do avião que o transportava, o embaixador Elbrick dirigiu um telegrama de saudações e agradecimento ao governador da Guiné, acentuando a sua impressão de progresso notório, colhida naquela Província.

O diplomata americano pernoitará hoje em Dakar, e seguirá amanhã de manhã, por via aérea para a Ilha do Sal, iniciando a sua visita oficial a Cabo Verde, que se prolongará até ao dia 30. — (L.).

O caso do cão

condenado por falta de licença

Encontram sempre eco nos corações generosos dos nossos leitores as histórias de cães que, apanhados pela carroça da Camara, ficam condenados á morte, se não houver quem lhes pague a respectiva licença. O caso que ontem contámos de um simpático rafeiro que pertence ao aprendiz de serralheiro Abel Carreira Jorge, e que caiu na rede, mais uma vez veio acentuar essa realidade tantas vezes demonstrada.

Várias pessoas se nos dirigiram, com o propósito de salvar o pobre animal. Recebemos mesmo alguns donativos anónimos, cujos remetentes não pudemos, por isso, informar de que o caso já fora resolvido, sem que a pronta ajuda dos nossos leitores se tivesse tornado necessária. A quantia de 40 escudos, proveniente desses donativos anónimos, vamos, todavia, entregá-la ao dono do cão, para que possa proporcionar ao animal salvo algumas refeições melhores do que aquelas que as suas escassas disponibilidades financeiras, por certo, lhe podem fornecer.

Vida artística

Exposição Pilar Toscano

Na chancelaria da Embaixada de Espanha, Rua do Salitre, está patente ao publico uma exposição que merece ser visitada, a de vinte quadros de Pilar Toscano, pintora andaluza que dos dois rios de Huelva, o Odiel e o Tinto, tem a imaginação para os temas audazes e a cor para os interpretar. Com rara originalidade e acentuada personalidade dá-nos Pilar Toscano quadros de ternura religiosa, paisagens espanholas, fantasias marinhas e figuras de «ballet», em cores de sonho, sonambulas, revelando um belo temperamento e uma perfeita técnica, interessando simultaneamente os amantes da pintura eterna e das modernas correntes artísticas.

OS EFEITOS DO TABACO

NOVA YORK, 26.—O dr. A. H. Burn, da Universidade de Oxford, declarou que o tabaco dá uma sensação de alívio e de libertação de fadiga, porque a nicotina provoca no cérebro o aparecimento de um composto químico, a norepinefrina, que actua como estimulante.

A norepinefrina é um produto químico semelhante á adrenalina que, salientou, é segregada naturalmente pelo organismo nos momentos de tensão, com o objectivo de acelerar a circulação do sangue.— (Reuter).

«Record» de altura em helicóptero

MOSCOVO, 26.—Um piloto soviético conseguiu hoje alcançar em helicóptero a altitude de 7.575 metros, com uma carga de 1.012 quilos — anunciou a Tass.

Esta altitude constitui um novo «record» do Mundo para helicópteros.—(Reuter).

Linha de SINTRA

Amanhã, mercado em S. Pedro

Amanhã, quarto domingo de Março, efectua-se, em São Pedro de Sintra, o segundo e ultimo mercado deste mês.

Cinemas

AMADORA — *Recreio*, ás 21 e 15: «O amor e uma cabana» (6 anos).

CACEM — *S. João*, ás 21 e 30: «Tormenta ao sol» (17 anos).

SINTRA — *Carlos Manuel*, ás 21 e 30: «Deus sabe quanto amei» (17 anos).

VENDA NOVA — *Cine Portugal*, ás 21 e 15: «Sissi e o destino» e «Os sinos da liberdade» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Central*, Avenida Cardoso Lopes, 25, tel. 930210; *Clabel*, Rua A, lote 5, loja D (Bairro Janeiro), tel. 931551.

QUELUZ — *Correia*, Rua Mateus Vicente Oliveira, 3, tel. 950905.

SINTRA — Marrazes, Largo Rainha D. Amélia, 25, tel. 980158.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Raul Rangel Tristão

Com 75 anos, faleceu hoje, na sua residência, no Bairro de Nossa Senhora da Conceição, na Cova da Piedade, o sr. Raul Rangel Tristão, funcionário aposentado da A. G. P. L. Era pai dos sr. José Adolfo Rangel Tristão e da sr.ª D. Maria Manuela Tristão Rosa. O seu funeral realiza-se amanhã, pelas 10 horas, da capela do Hospital da Misericórdia para o cemitério de Almada.

Companhia Nacional de Electricidade

S. A. R. L.

Avenida Casal Ribeiro, 50 — Lisboa
CAPITAL — 460.000 contos

DIVIDENDO DA GERÊNCIA DE 1959

Avisam-se os Senhores Accionistas de que a partir do dia 4 do próximo mês de Abril se encontra a pagamento o dividendo em referência (cupão n.º 13), referente às acções numeradas de 1 a 300.000, votado na Assembleia Geral Ordinária de 25 de Março corrente, à razão de 80$00 por acção, cativo de impostos.

São as seguintes as importâncias líquidas a pagar por acção:

ACÇÕES NOMINATIVAS

Averbadas a Caixa de Previdência ...	**79$29,85**
Averbadas a Associações de Socorros Mútuos	**79$29,85**
Averbadas a particulares	**67$29,85**

ACÇÕES AO PORTADOR

Registadas	**68$00**
Não registadas	**53$60**

IMPOSTO COMPLEMENTAR

A importância a declarar no modelo 2, relativa às acções nominativas e ao portador registadas, é de 72$00 por acção.

O pagamento efectuar-se-á na Sede da Companhia, todos os dias úteis das 10 às 12 e das 15 às 17 horas, excepto aos sábados, em que apenas terá lugar das 10 às 12 horas, e nas sedes e dependências dos seguintes Bancos:

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
Banco de Fomento
Banco Borges & Irmão
Banco Burnay
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fonsecas, Santos & Vianna
Banco José Henriques Totta
Banco Lisboa & Açores
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Crédit Franco-Portugais
Augustine, Reis & C.ª

Lisboa, 26 de Março de 1960.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

BOLETIM DO DIA

EFEMÉRIDES

No dia 26 de Março de 1954 foi pela Russia declarada a soberania da Alemanha de Estc.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Rádio rural; 21, Noticiário; 23 e 45, Noticiário; 0, Fecho.

Programa «A» — A's 19 : solos de piano; 19 e 15, Emissão infantil; 19 e 45, A Orquestra de Dino Olivieri; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Musica de «jazz»; 20 e 30, Album musical; 21 e 20, Canções de Itália; 21 e 30, Ritmos sul-americanos; 21 e 45, Serão para trabalhadores, organizado pela Emissora Nacional e pela F. N. A. T., e transmitido do Pavilhão dos Desportos. No intervalo, um conjunto «musette»; 23 e 30, Os discursos proferidos no banquete realizado no Palácio da Bolsa do Porto.

Programa «B» — A's 19: Temas portugueses; 19 e 10, «A Cantata Profana», de Bela Bartok, cantada pelos: tenor Dickie, baritono Hurshell, coro de camara de Viena, e a Orquestra Sinfónica de Viena, sob a direcção do maestro Hollreiser; 19 e 30, O violoncelista Janos Starker: «Suite n.º 4», de Bach; 19 e 50, Noticiário regional; 20, 12.º programa da série «Musica Popular de Israel», em gravações cedidas pela Radiodifusão de Israel, de Jerusalém; 20 e 18, Musica sinfónica: «Sinfonia concertante, ops. 125», de Prokofieff, pela Orquestra Sinfónica de Leninegrado, dirigida pelo maestro Zandering, com a colaboração do violoncelista Rostropovitch; 21 e 20, Concerto, pelas pequenas cantoras de Portugal; 21 e 15, Tempo de poesia, 22, Cartas a um musico desconhecido; 22 e 25, Que quer ouvir?: «Sinfonia n.º 8», de Bruckner, pela Orquestra de Concertgebow de Amsterdão, dirigida pelo maestro Van Beinum.

RADIO CLUBE — A's 18 e 5, Rita Reyes; 19, Orquestras e canções; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Motivos portugueses; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Solistas; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 50, Curso de língua inglesa; 22, Ritmos de baile do Casino Estoril; 22 e 15, Brasil; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Cançonetas; 23, Concerto, programa de divulgação; 23 e 30, Mário Lanza; 23 e 15, Noticiário; 2, Fecho.

Emissor de Miramar—A's 18 e 18, Cançonetas; 18 e 30, Cantos e recantos de Portugal; 19 e 1, Palestra de língua portuguesa; 19 e 15, Motivos portugueses; 19 e 30, Trechos de operetas; 20, Boletim informativo; 20 e 10, Variedades; 20 e 30, Curso de língua inglesa; 20 e 40, Vida desportiva; 21, Noticiário; 21 e 15, Um artista; 21 e 30, Programa Robbialac; 21 e 45, Brasil; 22 e 15, Intermédio musical; 22 e 30, Artistas portugueses; 23, Trechos recreativos; 23 e 30, Variedades; 0, Ritmos de baile; 0 e 28, Sumário; 0 e 30, Fecho.

RENASCENÇA — A's 18, Musica ligeira; 18 e 15, Migalhas doutrinais; 18 e 30, Terço e bênção da basilica dos Mártires; 19 e 5, Boletim religioso; 19 e 10, Sobre os ramos da azinheira; 19 e 25, Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30, Chuva de estrelas; 20, Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21, Cultura brasileira; 21 e 30, Fados; 21 e 40, Rádio rural; 22 e 5, Quando o telefone toca; 22 e 35, O pianista Carmen Cavallaro; 22 e 50, Noticiário; 23, A 28.ª hora; 0, Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 11 e 30 ás 19 e 30, Rádio Peninsular; das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; das 22 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

Mais um encontro

de formação profissional

A Direcção do Serviço de Intendência e Contabilidade do Subsecretariado de Estado da Aeronáutica promoveu hoje o décimo quinto encontro de formação profissional, visitando, a partir das 9 e 15, a Manutenção Militar. Depois de um almoço, oferecido pelo director daquele estabelecimento fabril do Exército, à visita continuou e foram feitos relatórios da mesma por diversos oficiais.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

TELEVISÃO

Hoje, ás 20 e 30, abertura; 20 e 32, telejornal; 20 e 50, programa juvenil: «Juventude no Mundo», Orquestra Infantil da Fundação Musical dos Amigos das Crianças e «Fury — o cavalo selvagem»; 21 e 45, Coro Universitário de Lisboa, realização de Bessa de Carvalho; 22 e 5, actualidades de Moçambique; 22 e 15, «O cavalo de pau», programa da série «Uma estrela e uma história». 22 e 40, actualidade desportiva; 23, telejornal; 23 e 15, «Naquele tempo...», pelo cónego dr. António dos Reis Rodrigues.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO L—Marques—E. de Benfica, 648, T. 780096; Sousa—Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B — Tel. 790942; Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B—junto á Avenida Brasil—Tel. 765262; Farmácia—Estrada da Portela, 5-A (a Alvalade—Pote de Agua Tel. 710131; Universitária—Rua 0, 29-D—Bairro Santos (Próximo ao Hospital de Santa Maria) T. 778953; Cartaxo — Avenida da Igreja, 21-C, Tel 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B/C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, T. 726462; **FATIMA—Av. de Berna, 24-B (junto á igreja de Fátima) T. 763107;** Sá da Bandeira — Avenida Duque de Avila, 203-B — Tel. 41961; Oliveira Viegas — Rua Viriato, 29-29-A — próximo da «Maternidade» e do Avis Hotel»— Tel. 48966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45578; Contemporanea—Rua Conde de Redondo, 26-30, Tel. 45048; Ascenso—Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olivais (Dos)—Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Salter — Rua de Xabregas, 63-65 — Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A — Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira) Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, Telefone 843381; Fonseca — Rua Carvalho Araujo 46-B/C, Tel. 841708; Europa — Avenida General Roçadas 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C—T. 862333; Rosa & Viegas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Alvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto á Rua das Amoreiras) Tel. 680627; D. João V —Rua D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca—Rua 4 de Infantaria, 28-A — Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, T. 671667; Lapa (Da) — Rua dos Navegantes, 10, Tel. 661734, Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, T. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C/D; Remísio—Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Sepol — Calçada da Boa Hora, 94-A — Tel 631958; Teles — Rua João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel. 631635; Lealdade — Rua do Olival, 226, T. 663441; Combro (Do) — Calçada do Combro, 78, Tel. 26059; S. Marçal — Rua de S. Marçal, 100, Tel. 25348; Bastos Andrade—Calçada de Santo André 107-111, Tel. 860450; Americana — Calçada de Santana, 3, Tel. 863984; Capuchos (Dos)—Rua Luciano Cordeiro, 2-A — Tel. 52076; Nacional—Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Azevedo, Irmão & Veiga — Rua da Misericórdia, 24, Tel. 23540 — A —; Avelar — Rua Augusta, 225 — Tel. 23977.

CONFERENCIAS

Na Faculdade de Letras, pelo sr. prof. Mário Simões Dias, ás 21 e 30.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Haverá festas, com bailes e vários atractivos, entre outras, nas seguintes agremiações, esta noite: Sociedade «A Voz do Operário», do 77.º aniversário; Casas de Trás-os-Montes e Alto Douro, dos Senenses, de Ferreira do Zêzere, do Distrito de Coimbra, da Comarca de Arganil e do Concelho de Gouveia, Academia Recreativa de Santo Amaro, Estrela Azul F. C. Amanhã, á tarde, Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, Clube Estefania, Casas do Alentejo, das Beiras e da Comarca da Sertã, Estrela Azul F. C.

FESTAS DE BENEFICÊNCIA

Na Casa das Beiras, a favor das vítimas do terramoto de Agadir, e na Academia Recreativa de Santo Amaro, do Grupo «Os Albertos», ás 21 e 30.

FESTIVAL DA PRIMAVERA

Promovido pela Emissora Nacional e pela F. N. A. T., ás 21 e 45, no Pavilhão dos Desportos, dedicado ao Sindicato Nacional dos Profissionais de Telecomunicações e Radiodifusão e incluido nas comemorações do Arcanjo São Gabriel, patrono das telecomunicações.

REUNIÕES CIENTIFICAS

No Instituto Superior de Agronomia, sobre aplicações agronómicas e silvícolas da foto-interpretação, ás 21 e 30.

REUNIÕES

Sindicato dos Empregados de Camara da Marinha Mercante, ás 18 horas; Empresa dos Recreios Lisbonenses, ás 21 e 30.

Semana do contribuinte

IMPOSTO COMPLEMENTAR — Apresentação até 15 de Abril próximo das declarações *modelo 2*, por todos os indivíduos que tenham rendimeitos superiores a 60.000$00

Apresentação até 31 deste mês, das declarações *modelo 3*, por todas as sociedades em nome colectivo, por quotas, em comandita simples e outras sociedades colectivas.

Apresentação, até ao dia 15 de Abril próximo, das declarações *modelo 4* pelas sociedades anónimas ou em comandita por acções.

Apresentação, até ao dia 31 deste mês, das declarações *modelo 5*, pelas sociedades de seguros que paguem rendas vitalícias.

Apresentação, até ao dia 15 de Abril próximo, das declarações *modelo 6*, pelas sociedades anónimas ou em comandita por acções.

CONTRIBUIÇÕES GERAIS DO ESTADO — Estão a pagamento, com juros da mora, as seguintes contribuições e impostos não pagos em Janeiro e Fevereiro findos: *Contribuição Predial; Contribuição Industrial — Grupos A, B e C; Imposto Profissional de Profissões Liberais, Empregados e Assalariados; Imposto sobre a Aplicação de Capitais — Secção A.*

RECLAMAÇÕES — Prédios devolutos — Podem apresentar-se até ao fim do corrente mês as reclamações para a anulação dos correspondentes duodécimos da colecta, respeitantes a prédios ou andares que estivessem devolutos durante o ano de 1959. *Contribuição Industrial e Imposto Profissional.* — Pode também reclamar-se até ao fim do corrente mês a anulação das colectas respeitantes a anos posteriores áqueles em que se tiver verificado a cessação de factos tributários. *Erros nos lançamentos* — Pode reclamar-se até ao fim do corrente mês contra qualquer erro havido nos lançamentos das Contribuições Gerais do Estado.

RELATÓRIOS E CONTAS — As sociedades e empresas deverão remeter os exemplares dos seus relatórios e contas aprovados, *á Inspecção-Geral de Finanças*, dentro de *sessenta dias* contados da data da sua aprovação; á Direcção de Finanças do distrito até *noventa dias* depois de expirado o prazo para a assembleia ordinária dos accionistas se reunir, á *Direcção Geral do Comércio* — Repartição do Comércio — até ao fim de Abril próximo; e á *Inspecção-Geral de Crédito e Seguros* até ao fim de Abril próximo.

ESTATÍSTICA — Todas as sociedades devem remeter *até ao dia 15 de Abril próximo*, ao Instituto Nacional de Estatística, o respectivo verbete estatístico, contendo os elementos nele indicados, acompanhado do relatório da gerência, com excepção das sociedades coloniais ou das que tenham de receber elementos do estrangeiro, ás quais é permitido completar o preenchimento do verbete até 30 de Junho próximo.

ELNA

MAQUINAS DE COSTURA

portáteis, bonitas e baratas

Reparações:

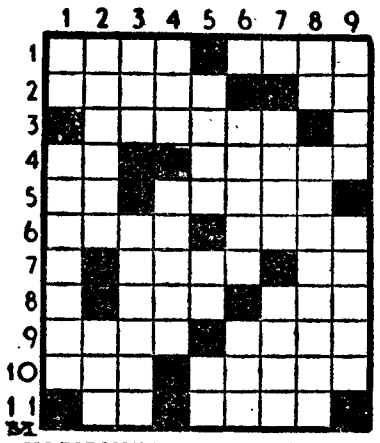
Largo da Trindade, n.º 17

LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 1904



HORIZONTAIS: 1 — Orlas. Tunda. 2 — Curar. Frequentar. 3 — Capital das Honduras Britanicas. 4 — Preposição e artigo. Pisa. 5 — Reis (abrev.). Planeio. 6 — Inteligência (pop.). Superfície. 7 — Círculo luminoso que por vezes se observa á volta do Sol e da Lua. Senhor (abrev.). 8 — Rio da Itália, afluente do Pó. Conveniente. 9 — Na qualidade de. Irritada. 10 — Olé. Guardar silêncio. 11 — Preposição. Infortunio.

VERTICAIS: 1 — Campeão. Antiquado. 2 — Estulta. Olá! 3 — Decametro quadrado. Denominam. 4 — Cloreto de sódio. Filtrado. 5 — Abastado. Nota de musica. Aqui. 6 — Virtuoso. Realiza. 7 — Elevado. Mexa. 8 — Lobriguei. Confortar. 9 — Região. Provocar.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1903

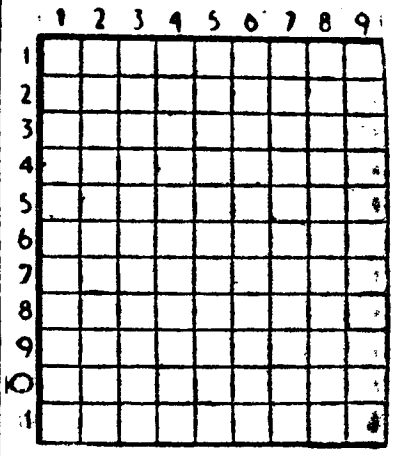
HORIZONTAIS: 1 — Com. Apage. 2 — Ri. Clãs. 3 — Estudo. Sé. 4 — TERRA. Pôr. 5 — Ia. Arre. 6 — NEGRA. Ora. 7 — Amoedava. 8 — Inibe. 9 — Dabuá. Dar. 10 — Os. Vara. 11 — Amenas.

VERTICAIS: 1 — Cretina. DA. 2 — Oise. Empa. 3 — Trigo. BOM. 4 — Curare. Use. 5 — Alda. Adia. 6 — PÃO. An. Vá. 7 — As. Providas. 8 — Sorrabar. 9 — Etérea. Era.

(Provérbio: TERRA NEGRA DA BOM PÃO).

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3951



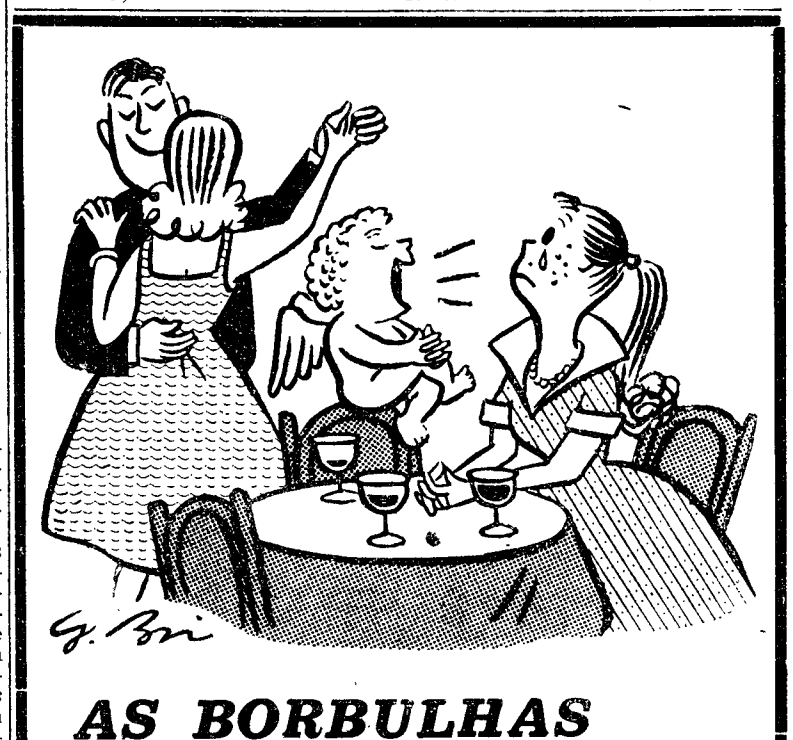
HORIZONTAIS: 1 — Estro poético. Paixão. 2 — Pedra de altar. Fileira. 3 — Abranda. 4 — Defende com arames. 5 — Letra grega. Membro de ave. O mais. 6 — Aves pernaltas. Capital do Peru. 7 — Nota musical. Fecha as asas para descer mais depressa. Figura. 8 — Outeiro. 9 — Espantada. 10 — Ilha portuguesa no Atlantico. Base aérea. 11 — Escarneciam. Cóleras.

VERTICAIS: 1 — Pelo de certos animais. Recorre para tribunal superior Senhor. 2 — Seguirá. Magneto natural. Progenitor. 3 — Ramagem. Guarda segredo. 4 — Rezasses. 5 — Partidos. Mana. 6 — Metera em mala. 7 — Esquife para transportar doentes. Olor. 8 — Olá!, Gosta muito de. Fruta do conde. 9 — Batráquio. Branco. Campeão.

Solução do problema n.º 3950

HORIZONTAIS: 1 — Opa. Açor. 2 — Alagara. 3 — Fa. Iris. 4 — Aba. Al. Sá. 5 — Sarar. Ror. 6 — Lês. Rim. 7 — Cos. Safar. 8 — Os. Pó. Aru. 9 — Lula. Aí. 10 — Aparais. 11 — Lisa. Aos.

VERTICAIS: 1 — Afãs. Coral. 2 — Abalos. Pi. 3 — Pã. Ares. Lãs. 4 — Ali. A's. Pura. 5 — Arar. Sola. 6 — Agil. Rã. Aia. 7 — Cãs. Rifa. Só. 8 — Or. Somara. 9 — Ralar. Ruir.



AS BORBULHAS INCOMODAM-NA?

ENTÃO TRATE-AS COM «PÓ SULFODERME»:

...um, dois, três e num instante as borbulhas, pústulas, pontos negros e manchas ficaram cobertas com «Pó Sulfoderme» e nesse mesmo instante começou o tratamento da sua pele, porque cada partícula de «Pó Sulfoderme» contém enxofre, substância activa de acção eficaz amplamente comprovada.

Assim, «Pó Sulfoderme» deve considerar-se o «Make-upe» por excelência, pois que a sua cor é bastante próxima da tonalidade da pele, o que permite a sua aplicação de noite e o seu uso durante o dia, como um vulgar pó de arroz.

UM MEDICAMENTO ALEMÃO DE ALTA QUALIDADE

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

PREÇO—ESC.—20$50

Está satisfeito
com a recepção em França o chefe do Governo russo

(Continuação da 1.ª página)

menos de 2.400 quilómetros, compreendendo 27 localidades.

As forças de segurança mobilizadas especialmente para a volta de Kruchtchev ao longo do país são constituidas por 46.000 homens: 30.000 soldados e 16.000 guardas da Polícia, sem contar com 10.000 guardas das diversas cidades. Além disso, acompanham o presidente do Conselho sovietico 18 elementos da sua guarda pessoal vindos da Russia. — (Reuter e A. N. I.).

CARTAZES CONTRA «K» NAS RUAS DE BORDEUS

BORDEUS, 26. — O «Caravelle» em que viajou Nikita Kruchtchev e a sua comitiva chegou ao aeroporto desta cidade ás 9 horas (T. M. G.), tendo percorrido em apenas uma hora o trajecto desde Paris.

Bordeus encontra-se escassamente decorada, vendo-se apenas algumas bandeiras nos edificios publicos. Indivíduos não identificados espalharam pregos entre o aeroporto e a cidade, mas os serviços municipais limparam a estrada cuidadosamente antes da passagem do automóvel de Kruchtchev. Apareceram colados nas paredes cartazes contra Kruchtchev, mas as autoridades ordenaram a sua remoção, reforçando as precauções de vigilancia.

UMA FORÇA DA AERONAUTICA MILITAR PRESTOU A GUARDA DE HONRA

No caminho do aeroporto de Bordeus para a cidade, Kruchtchev e sua esposa visitaram uma escola infantil de um bairro operário, cuja arquitectura é considerada modelar, beijando diversas crianças na face.

O tempo estava enevoado e a multidão que assistiu á passagem do cortejo era pouco numerosa. Kruchtchev não sorria mas acenava quando o povo aplaudia. A multidão tornou-se mais numerosa no centro da cidade.

No Grande Teatro foram apresentados a Kruchtchev, que tinha sido cumprimentado á chegada ao aeródromo de Mérignac por Chaban-Delmas, presidente da Camara Municipal de Bordeus, o presidente da Assembleia Nacional, os deputados e senadores pela região, membros do Comité Económico e Social, corpo consular, oficiais-generais, magistratura, conselho-geral e conselho municipal altos funcionários da Prefeitura, etc. Entretanto, na praça fronteira, espectadores desenrolavam duas tiras de pano, dizendo, em francês e russo: «Paz e amizade». Enquanto a maioria dos circunstantes aplaudia, partiram gritos de um grupo de rapazes: «Budapeste! Argélia francesa ..» e apitos. Houve uma curta desordem, mas a Polícia liquidou rapidamente o incidente.

Já antes, enquanto o chefe do Governo russo era recebido na Prefeitura de Bordeus, membros de organizações de reservistas, da extrema direita, foram depor uma coroa de cravos e rosas vermelhos ao monumento aos mortos da guerra. A coroa tinha uma faixa com os seguintes dizeres: «Em memória dos homens livres vítimas da barbárie soviética». Os reservistas observaram um minuto de silêncio.

Durante o almoço, oferecido em honra de Kruchtchev, no Município, Chaban-Delmas propôs um brinde ao «melhor conhecimento» entre os povos russo e francês. — (Reuter e F. P.).

UMA ESPINGARDA PARA «K»

BORDEUS, 26 — O chefe do Governo russo, grande entusiasta da caça, não pôde ocultar o seu prazer quando o presidente da Assembleia Nacional francesa, Chaban-Delmas, abriu um estojo de cabedal e lhe estendeu uma bela espingarda de dois canos.

Um jornalista presente perguntou-lhe que emprego lhe daria. Kruchtchev respondeu: «Caça e tudo quanto seja bom para servir á mesa».

Depois, confessou-se «muito satisfeito com a recepção que lhe foi dispensada pelo povo francês». Recusou-se a fazer comentários sobre as suas conversações com o presidente de Gaulle. — (A. N. I.).

Morreu de cancro
o «pai» dos raios X

CHICAGO, 26.—O dr. Emil Grubbe, «pai» dos Raios X e do tratamento do cancro por radiações, faleceu hoje nesta cidade, vítima da terrível doença.

Grubbe, que contava 85 anos, sofria há muito de cancro provocado pela constante exposição aos Raios X. Em 1895 sofreu as primeiras queimaduras produzidas por radiações. E' considerado a primeira vítima de radiações produzidas pelo Homem.

Fora submetido a noventa e três intervenções cirurgicas nas quais perdera diversas partes da face e das mãos.—(Reuter).

Desastre de aviação

WIESBADEN (Alemanha), 26 — Um avião militar norte-americano de transporte «C-47», com dezassete pessoas, caiu perto de Wiesbaden, mas apenas o comandante William White ficou ferido.

O aparelho caiu a 3.200 metros da pista, quando tentava tomar altura e o motor falhou —(A. N. I.).

A necessidade de desarmamento

(Continuação da 1.ª página)

que não pode vencer pela força e concordar com o desarmamento — (R.)

PERSPECTIVAS DE ACORDO ANGLO-AMERICANO

WASHINGTON, 26 — São boas as perspectivas de acordo anglo-americano quanto á recente proposta soviética de suspensão nuclear — afirma-se nos circulos diplomáticos.

Christian Herter, numa conferência de Imprensa, deu ontem a entender que os Estados Unidos não rejeitarão a proposta soviética mas apresentarão uma contra-proposta, tendo em linha de conta o ponto de vista britanico. As declarações de Herter criavam a impressão de que o presidente Eisenhower não acatará os conselhos dos seus mais próximos colaboradores, que eram favoráveis á rejeição pura e simples da proposta russa. — (R.).

O SENHOR «K» enviou as pedras à portuguesinha

NEWARK (Nova Jersey), 26. — Linda Rodrigues, uma pequenita filha de um Português que vive nos Estados Unidos, esteve o ano passado em Portugal. Ali começou a fazer uma colecção de pedras de diferentes espécies. Tendo escrito ao presidente do Conselho da U. R. S. S., a pedir-lhe amostras de pedras russas, recebeu ontem, de Nikita Kruchtchev, uma caixa com pedras diversas.

Linda Rodrigues tenciona escrever agora aos presidentes Nasser e Kubitschek de Oliveira, a pedir-lhes amostras de pedras egípcias e brasileiras. — (F. P.).

EXPLODIU UM PETROLEIRO num porto da Venezuela

CARACAS, 26 — Morreram ou desapareceram sessenta pessoas e cinco ficaram gravemente feridas ao explodir, no porto de La Cruz, o petroleiro panamiano «Mobil Astral», de 17.598 toneladas. O barco havia carregado 200.000 barris de petróleo.

Duas horas após a explosão, o casco despedaçado do petroleiro era um imenso braseiro. Bombeiros, forças do Exército e voluntários tentam extinguir o fogo, cujo clarão se avista a grande distancia.

As autoridades maritimas declaram que se ignoram ainda as causas do desastre. — (A. N. I.).

A polícia sul-africana
suspendeu a obrigatoriedade de apresentação de passes

PRETORIA (União Sul-Africana), 26 — O comandante-geral da Polícia Sul-Africana, general Rademayer, anunciou hoje a suspensão da obrigatoriedade de apresentação de «passes» pelos nativos, até nova ordem.

A Polícia de Pretória informou, ainda, que nenhum Africano será preso por não trazer consigo o referido «passe».

As manifestações contra a lei que exige que todos os Africanos de mais de 16 anos sejam portadores de documentos de identificação começaram na segunda-feira, em Sharpeville e em Langa.

Nessas manifestações, segundo os numeros mais recentes, foram mortas 71 pessoas e houve 171 feridos.

O comunicado publicado pela Polícia diz:

«Tendo verificado que os Bantu, em consequência de intimidações, receiam ser portadores de «passes» e de outros documentos, e até mesmo de dinheiro, foi decidido libertá-los dessa obrigação, a fim de afrouxar a tensão.—(R. e A. N. I.).

SERÁ DISCUTIDO NA CONFERÊNCIA DA COMUNIDADE O «APARTHEID» SUL-AFRICANO

WELLINGTON, 26 — O primeiro-ministro da Nova Zelandia, Walter Nash, revelou hoje que o «apartheid» e as leis correlativas deverão ser discutidos na conferência dos primeiros-ministros da comunidade britanica, que se realiza em Londres, em Maio.

Discursando na conferência anual em Christchurch, da Associação das Nações Unidas da Nova Zelandia, Nash afirmou que o seu colega sul-africano, Hendrik Verwoerd, perguntara ao Governo de Londres se as condições na sua pátria poderiam ser discutidas na Conferência dos Primeiros-Ministros da Comunidade.

Nash acrescentou esperar que se chegue a acordo, imediatamente, para que o «apartheid» fosse inscrito na agenda da conferência. E pediu aos delegados para se manterem em silêncio, como manifestação de simpatia pelas famílias daqueles que morreram nas desordens que ocorreram esta semana na África do Sul. — (R.).

OS AFRICANOS CONTINUAM A FALTAR AOS EMPREGOS

CIDADE DO CABO, 26. — O comandante distrital da Polícia em Athlone, um dos suburbios da Cidade do Cabo, informou que continuarão a ser patrulhadas, durante este fim-de-semana, as estradas que circudam os bairros indígenas de Langa e Nyanga, onde se registaram, nos ultimos dias, manifestações contra a lei que impõe a obrigatoriedade dos bilhetes de identidade.

Muitos Africanos, que não compareceram ao trabalho não receberam ontem as suas férias. Os proprietários de empresas situadas naquela zona informaram que cerca de 50 por cento dos trabalhadores Africanos não compareceram ao trabalho, estando a ser admitidos, em sua substituição, mestiços.

Foram nomeados os dois magistrados que procederão a um inquérito acerca das desordens que ocorreram em Vereeniging, perto de Johannesburgo, e na península do Cabo. São o conselheiro M. A. Diemont, da divisão do Cabo, e o conselheiro P. J. Wessels, da divisão do Natal. — (A. N. I. e R.).

APONTA-SE, DE NOVO, O EXEMPLO DO ULTRAMAR PORTUGUÊS

BRUXELAS, 26. — Numa mensagem enviada á agência noticiosa N. E. X., o conde A. de Looz Corswaren escreve:

«Por que motivo seguiremos nós, Belgas, o exemplo — agravando-o ainda — dos Ingleses e dos Franceses, que traem a sua missão, traindo, ao mesmo tempo, as populações dos territórios ultramarinos que abandonam á anarquia?

«Havia, no entanto, um outro exemplo a seguir — o de Portugal, que nada abandona, a bem das populações autóctones, do próprio Portugal e, até, do mundo livre, pois é, também, o seu prestígio que está em jogo».

Esta mensagem acompanha um artigo, em que se escreve:

«Se as nossas autoridades continuarem a democratizar o Congo á europeia, fica ali aberta a porta a todas as lutas. Económica e socialmente, será a decadência. Talvez a destruição. E, do ponto de vista do território, será a divisão, o despedaçamento.

«O *leitmotiv* dos nossos funcionários e dos nossos jornais é a *unidade do Congo*. Indignam-se quando se fazem referências ao seu desmembramento — para o qual, aliás, não se cansam de contribuir.

«Mas não haveria, antes, vantagem em se encarar um desmembramento:

«Se o Catanga se ligasse á Rodésia, que é um país próspero, não seria bom?

«E' necessário ver as coisas, tal qual são: um Congo democratizado á europeia, cem por cento negro, unificado e calmo, é um impossível.

Por fim, o conde Corswaren afirma:

«Possa o nosso Parlamento, se não conseguir compreender coisas tão evidentes, desinteressar-se o mais depressa possível do nosso Congo. Os chefes tradicionais, secundados pelos Belgas instalados no Congo, podem ainda, talvez, salvá-lo, parcialmente pelo menos». — (A. N. I.).

Teme-se a destruição da barragem do Ceará que sofreu uma rotura

RIO DE JANEIRO, 26. — A's 8 e 30, hora local, abriu-se uma brecha de 140 metros na barragem de Orus, no Ceará.

Receia-se a destruição total da obra. — (F. P.).

DESMENTIDO DAS NOTICIAS ALARMANTES DE ONTEM

FORTALEZA (Brasil), 26.—Não rebentou a barragem de Oros, no Ceará — foi oficialmente anunciado.

Quatro horas depois de ter sido radiodifundida a notícia, os engenheiros do Exército brasileiro comunicavam para a Presidência da Republica, no Rio de Janeiro, que a grande represa de Oros continuava a resistir á pressão do enorme volume de água ali concentrado pelas chuvas torrenciais que têm caído nas ultimas semanas.

O ministro dos Transportes, Ernani Amaral Peixoto, também desmentiu terminantemente que a barragem tivesse rebentado e que milhares de pessoas houvessem sido apanhadas pelas águas em furia.

Os habitantes do vale do rio Jaguaribe, onde está instalada a represa, estão a abandonar a região, como precaução. Pelo menos, setenta mil pessoas já abandonaram as áreas consideradas perigosas e, durante a noite e de madrugada, milhares de famílias continuaram o êxodo.

A notícia de que aquela obra de arte havia rebentado fora anunciada pelo posto de radiodifusão do Estado de Ceará e retransmitida pelas outras emissoras do sul do Brasil, com abundancia de pormenores.

Um posto da rádio do Estado do Ceará, ligado á represa e a outras obras contra a seca, comunicou, mais tarde, que a barragem fora dinamitada para permitir um fluxo controlado de água, o que reduziu consideravelmente o perigo de um colapso, embora não estivesse ainda afastado completamente.

Praticamente todas as pessoas que viviam nas áreas ameaçadas foram já evacuadas pelas forças armadas.

No Recife, capital da vizinha província de Pernambuco, realizou-se, a noite passada, uma enorme procissão religiosa, que rogou a São Pedro que este pare com as chuvas devastadoras.

O reservatório de Oros, com cerca de 24 metros de altura, no centro da chamada «Tijela do Pó» do Brasil, foi construída para fornecer água á área, que, habitualmente, sofre os efeitos da estiagem. — (France Presse, A. N. I. e Reuter).

A cápsula modelo do «Projecto Mercúrio» *resistiu à temperatura* de onze mil graus centígrados

WASHINGTON, 26 — Os astronautas do «Projecto Mercurio» podem ser trazidos de novo para a Terra, ilesos, depois da sua viagem num satélite, em volta do nosso planeta, projectada para o próximo ano — assim o indicam novas experiências realizadas pelo Centro de Investigações Ames, em Moffett Field, na Califórnia.

Informa a Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço (N. A. S. A.) que os cientistas «recuperaram um pequeno modelo experimental depois de efectuado o simulacro de reentrada na atmosfera terrestre, a velocidade de satélite». Num tubo em forma de trompa, reproduziu-se a variação da densidade atmosférica, inversamente proporcional á altitude. Para dentro desse tubo disparou-se uma cópia de satélite com menos de 6 milímetros e meio de diametro e o formato da cápsula «Mercurio», utilizando-se uma alma de percussão que lhe permitiu a velocidade de mais de 27 mil quilómetros horários.

Ao entrar na «atmosfera», o modelo deparou-se com condições de temperatura muito mais severas do que as que os astronautas do «Projecto Mercurio» poderão vir a encontrar — declara a N. A. S. A. O calor provocado pelo atrito vaporizou menos do que cinco por cento do material termo-absorvente que reveste o satélite e que é análogo ao que vai ser aplicado ao «Mercurio». Isto significa — explicam os cientistas — que a temperatura interior do modelo não ultrapassou os limites estabelecidos para os astronautas, embora o ar que o rodeava tivesse subido a cerca de 11 mil graus centígrados. — (A. N. I.).

Restaurante francês
GALEOTA
OS MELHORES PRATOS DA COZINHA FRANCESA
28 — Av. Sidónio Pais — LISBOA
Telefone 51281

VA TODOS OS DIAS AO
Restaurante «Imperial» do Carregado
Prato da casa: «Ensopado de enguias»
Diferente de tudo
Telef. 21

AÇORDA DE SÁVEL
FAMOSO PRATO
do Ribatejano de Salvaterra

Em Algés, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na tabacaria do Pavilhão Cristal.

O filho mais velho de Rossellini já ajuda o pai. Ei-lo a substituir o conhecido realizador

Quando Armstrong ainda só observava o belo sexo com lentes de fotógrafo, esta chinesa era um dos seus ideais fotográficos mais persistentes. Ela levou talvez a sério as poses e julgou que pousava definitivamente no coração do artista. Cessou tudo finalmente. O casamento exige ideais mais pacatos, menos orientais, menos exóticos. E o fotógrafo reformou o modelo.

magazine

Diario de Lisboa NÚMERO 89 Diario de Lisboa

Regresso à Terra

Viajando de avião chegaram ao Canadá 120 castores duma raça especial destinados a reforçar as reservas canadianas dessa linda espécie.

Depois das várias elegantes de todo o Mundo — e com grande culpa dos costureiros parisienses — terem provocado uma razia nos animaizinhos sacrificados ao capricho da moda, este verdadeiro regresso à terra tem o aspecto dum rebate de consciência.

Os homens, para satisfazer o bicho mulher, são capazes de tudo, até de arrancar a pele para lha pôr ao pescoo.

CAPIBERIBE CAPIBERIBE

por JOSÉ FERNANDES FAFE

CHEGADOS a Recife, fomos pôr as malas no hotel, ràpidadamente, e saímos logo a passear.

Estávamos cansados por uma noite de avião e todavia a novidade excitou-nos a ponto de preferir às camas convidativas ver a cidade, que nos apareceu airosa, de manhã limpa, e loquaz no babaréu dos habitantes.

Não sei se a sua vitalidade nos contagiou, nem se cada um de nós fez força para animar-se, ciente de só assim poder repelir as incursões da fadiga. Sei que mal tínhamos acabado de conhecer Recife já brincávamos com ela, confiadamente, ao jogo bonito, inofensivo, do «com que se parece».

(Continua na 3.ª página)

COM CERTEZA UMA CASA PORTUGUESA

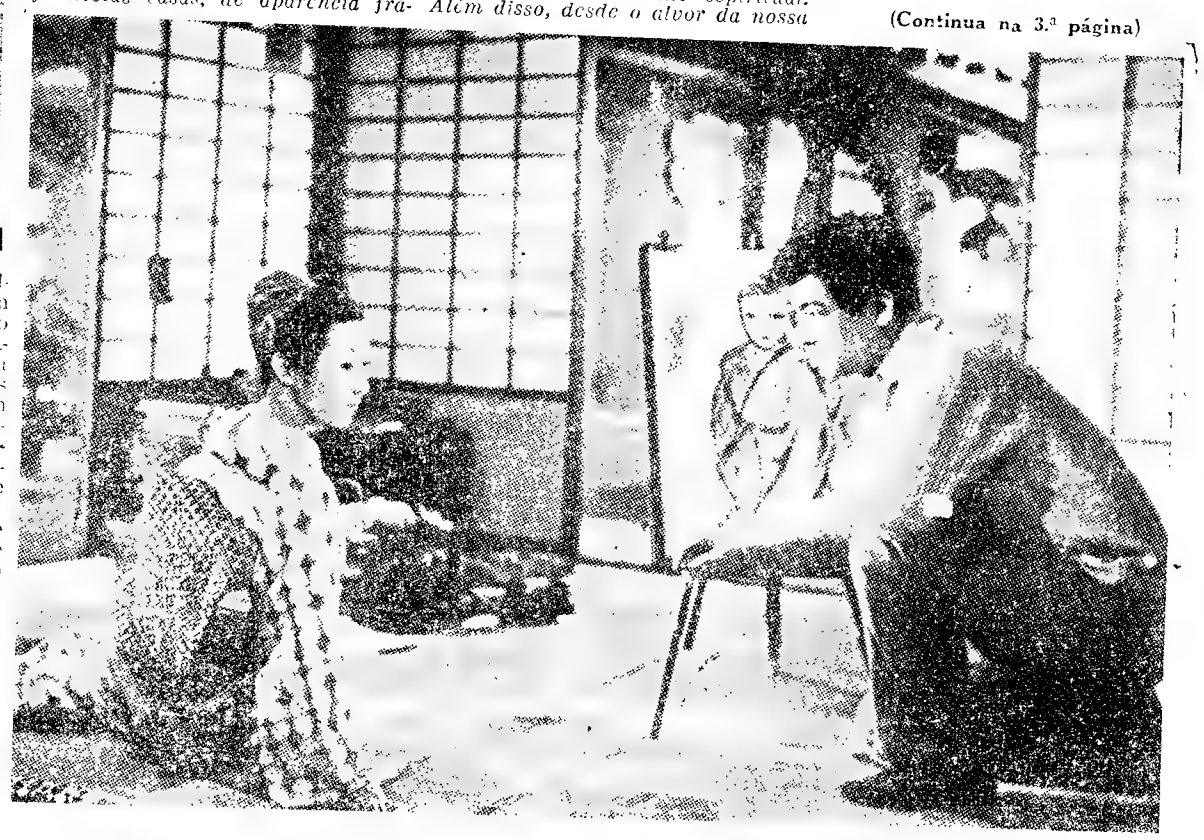
por SHUGI TAIWAMA

A ouvirem falar das nossas casas japonesas muitos ocidentais se admiram de como tais construções «em madeira e papel» se podem aguentar de pé num país violentamente sacudido por fortes tempestades e tufões e em que a terra treme vinte vezes em cada dia. Ora a verdade é que foi já nestas casas, de aparência frágil e pouco segura, que viveram os nossos antepassados, e salvo raras excepções, é ainda nelas que nós vivemos e desfrutamos uma vida tão segura e tão agradável como um francês na sua casa de pedra, ou um inglês na de tijolo. E' que esta arquitectura «em madeira e papel» é muito melhor para o nosso clima, tanto do ponto de vista material como espiritual. Além disso, desde o alvor da nossa civilização nós demos-lhe tal aperfeiçoamento, que, sob muitos aspectos ela influenciou hoje a moderna arquitectura do mundo ocidental.

Dois imperativos: ar e espaço

Em toda a forma de expressão do homem o clima joga um grande papel. Na arquitectura o meio am-

(Continua na 3.ª página)



CONGO REI DO URÂNIO E DA MOSCA TSE-TSE'

por HENRI BATAILLON

Diz-se que o Congo Belga é um «pequeno» Continente de África, exactamente porque é de entre as colónias africanas a mais industrializada.

O Congo Belga não é pequeno, como se diz, com os seus 2.350.000 quilómetros quadrados, quase a superfície da Europa Ocidental. Ocupa todo o centro da África Equatorial apoiado a sudoeste no lago Tanganica, no Nordeste no Sudão, a oeste no rio Congo que o atravessa deste em todos os sentidos, mas só comunica com o Oceano por um estreito corredor.

Região continental por excelência é tão vasta que abrange vários tipos de clima. Chove todo o ano com abundância em zona equatorial. E' o país da floresta virgem, dos elefantes, dos crocodilos, das cobras venenosas, das grandes árvores sempre verdes. Ao Norte e ao Sul, duas zonas tropicais, o regime [illegible]

[illegible] se o algodão e os cereais. Finalmente na parte este do país um clima mais temperado permite o trigo, o café e o chá. A temperatura média evolue de 23° no Catunga a 30° no Oubangui. Há algumas montanhas a este que atingem 2.000 metros de altura mas o conjunto do país é como que um planalto pouco elevado que o caudaloso Congo desce em cascatas, de queda em queda.

Onze milhões de Africanos e 50.000 Europeus (75 % Belgas e 20 % de Portugueses) vivem no Congo Belga. E belga porquê?

O caso passou-se em 1876, época em que o rei Leopoldo II sentiu desejos de imitar outros países europeus com territórios em Africa ou em vias de os conseguirem. Foi a época da célebre conferência de Berlim e do mapa cor-de-rosa. A opinião pública belga não estava

(Continua na 3.ª página)

AS METAMORFOSES DE FLICK

Início do mercado comum na Europa Ocidental traz até à boca de cena, como vedeta de primeiro plano, uma estranha figura: estranha e misteriosa personalidade, avarenta e mal encarada e que talvez seja, de momento, o mais poderoso financeiro da Alemanha Ocidental. Dantes chamavam-lhe, Flick, o nazi; agora passa a ser Flick, o Europeu.

Chama-se, efectivamente Friedrich Flick, tem 76 anos e foi condenado a 7 anos de prisão pelo apoio que dispensou ao antigo regime nazi. Não esperou muito para ser amnistiado e é-lo mais forte e mais influente que qualquer dos Thyssens ou Krupps. É ele, sobretudo, o principal animador, no plano bancário e financeiro, desse famoso eixo «Bonn-Paris», no qual cada uma das partes julga desempenhar o papel principal no quadro económico do mercado comum. Flick é a grande industria e a alta finança alemã; do outro lado é a Banca de Paris e dos Países Baixos são os petróleos do Sahara. Juntos acabam de criar a «Sociedade Europeia do Desenvolvimento Económico», primeira companhia financeira que simboliza a nova aventura franco-alemã.

Flick não é rei de qualquer coisa no sentido em que Krupp era rei do aço. É «apenas» um financeiro, um especulador bolseiro e tem relativamente pouco interesse conhecer o que produzem as fábricas ou oficinas que, transitoriamente, possui. Tem, de facto, passado toda a sua vida a comprar minas, forjas, fábricas químicas e de automóveis para logo a seguir, as vender, e, se for aconselhável, tornar a comprar. E as suas operações, melhor, as suas especulações fazem-se sempre, classicamente, no plano bolseiro, como no século passado. São apenas acções o que ele compra e torna a vender, por intermédio dum verdadeiro exército de homens, sem contado e iniciativa próprias, simples executantes da sua vontade e das suas ordens e que nunca se conhecem uns aos outros.

Mas como é possível «agotar» tanto? Muita gente diz de Flick possuir verdadeiro «faro» para o negócio. O que ele tem, sobretudo, é uma espécie de «trust» constituído por 60 bem informados economistas e financeiros trabalhando em sistema de seminário, e que lhe preparam as operações.

*

Até à segunda grande guerra mundial, da mesma forma que todos os outros grandes homens de negócios alemães, foi sobre a indústria pesada que Flick assentou o seu império. Tornado director-geral da «Forges de la Charlottenhütte», em 1915, a sua principal preocupação foi ir comprando acções da companhia onde trabalhava. Depois interessou-se também pelas de uma outra acearia na Silésia.

Bruscamente, ligou uma à outra, tornando-se o principal accionista, com grande surpresa dos administradores. Daí por diante salta de mina para mina, de accaria para accaria, vende, troca, compra, torna a vender e a trocar, sempre no melhor momento, e ao melhor preço.

Um dos seus mais lucrativos negócios foi a venda ao Governo de Brüning, em 1932, da sua participação na Vereinigte Stahlwerke. As acções foram-lhe pagas a 90 % do seu valor nominal, quando na Bolsa o seu valor não ultrapassava os 20 %. Alguns anos mais tarde mandou construir uma propriedade de luxo que ofereceu ao Partido Nazi.

Quando se deu a derrota hitleriana Flick detinha a produção de 12 milhões de toneladas de carvão e uma percentagem elevada de aço, na Alemanha. Ao retomar os seus negócios, em 1950, depois de ter continuado a dirigi-los da prisão de Landsberg, onde estava internado, o financeiro alemão modificou a sua política.

Contentou-se apenas com milhão e meio de toneladas de carvão e 700.000 toneladas de aço e multiplicou as suas actividades ligadas ao Deutsche Bank, do qual em breve obtinha o «contrôle» juntamente com outro financeiro, o célebre H. Abs. Presentemente o seu domínio estende-se á construção aeronáutica, ás prensas hidráulicas e, sobretudo, aos automóveis (Daimler-Benz e Auto-Union) e autocarros (Krauss-Maffei). Possui em Düsseldorf a mais importante fábrica de papel da Europa Ocidental e, apropriou-se de um grande lote de acções da «I. G. Farben» e obteve o domínio total da «Dynamit», filial do grupo Nobel. Finalmente, conseguiu ainda introduzir-se nas principais companhias de seguros o que lhe permite orientar e vigiar as coisas financeiras de um lugar privilegiado.

Desde a sua saída da prisão, Flick, o nazi, tornou-se também um fanático «Europeu» e provou-o através dos seus negócios. Foi ele quem vendeu as minas de carvão de «Harpener» ás grandes empresas siderúrgicas francesas. Em troca utilizou os lucros obtidos nessa operação adquirindo importantes participações nas accarias francesas de «Neuves-Maisons» e nas belgas «Hainaut-Sambre».

Com Flick, o mercado comum pode contar com um parceiro de alto coturno. Se pode...

Quando as forças aliadas se preparavam, na Primavera de 1944, para desembarcar na Europa, pareceu necessário convencer o inimigo que o ataque iminente não seria, necessáriamente, lançado contra a costa que estava próxima da Inglaterra. Foi pedido portanto, a «Intelligence Service» para fazer alguma coisa nesse sentido.

A presença fortuita de um certo comandante Harvey num espectáculo organizado pelas tropas foi a origem de um dos episódios mais interessantes da última guerra mundial. Nesse espectáculo o comandante Harvey reparou particularmente numa imitação notável do general Montgomery. Isso deu-lhe uma ideia: Não podia o «duplo» de Montgomery ir passar revista as tropas na África do Norte? Uma tal revista e visita do «general» a essas forças conduziria certamente o inimigo a uma falsa conclusão e forçaria-se a manter numerosos efectivos na zona em questão para o caso de poder vir a ser lá o teatro das operações de desembarque.

O comandante Harvey descobriu que o imitador era um simples actor que estava agora no exercito como oficial dos serviços administrativos. A sua ideia foi adoptada e o oficial Clifton James — era esse o seu nome — foi incluído no Estado-Maior pessoal do general Montgomery para poder observar-lhe todas as características, e estudar todas as suas inflexões de voz. Ao fim de algumas semanas o nosso homem estava pronto para a aventura.

Num avião militar voou até Gibraltar, visitou aquela base; depois inspeccionou as divisões britanicas e americanas da África do Norte sem que ninguém tivesse a menor duvida sobre a sua identidade. Mas as coisas foram levadas até muito mais longe. Fez-se mesmo capturar pelos nazis num «raid» de comandos, mas propositadamente libertado por um contra-ataque árduo que se seguiu.

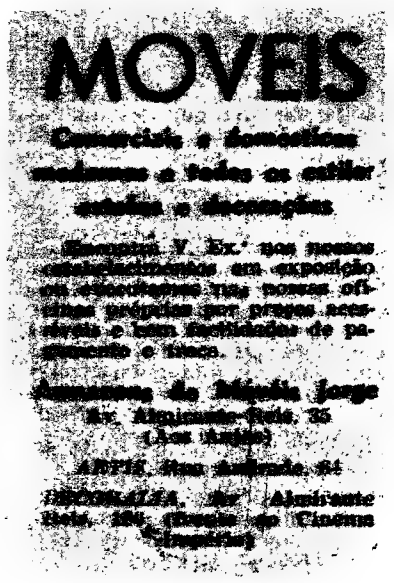
Parece que realmente os Alemães «engoliram» a partida e por isso mantiveram mais efectivos nessas mediações prevendo que o desembarque se daria por aquele lado.

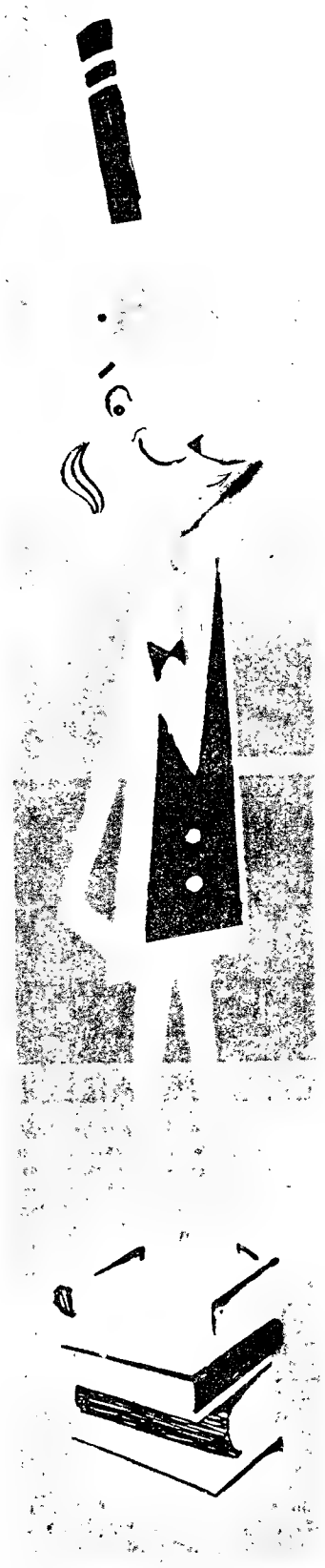
Clifton James, o hábil actor que prestou tão bem a substituir o general Montgomery nessas arriscadas missões conta tudo isso no seu livro «I was Monty's Double» e a Associated British filmou agora o episodio com James a fazer simultaneamente o seu próprio papel e o de Montgomery.

O filme, realizado por John Guilamin, foi apresentado no Warner Theatre de Londres.

Negócio de ferro-velho

Os «Liberty» esses robustos cargueiros americanos que sulcavam os mares durante a guerra, continuaram a navegar apesar da sua pouca velocidade e do seu aspecto pouco agradável. Eram, contudo, solidos e económicos. Mas os anos vão passando e os «Liberty» envelhecem. A administração maritima americana acaba de vender mais de 1000 desses barcos para ferro-velho. Custavam dois milhoes de dólares por unidade, ou seja 600 contos em dinheiro português. Os ferro-velhos pagaram-nos agora a 21 contos cada. Bom negócio.





Em

O LIVRO DE BOLSO

— biblioteca completa de obras ficção, história, viagens, ensaios, divulgação e arte — vai sair dentro de dias

de

Roger Vailland

e

Raymond Manevy

É uma empolgante reconstituição histórica que inaugura a série

O LIVRO DE BOLSO HISTÓRICO

*

Na já famosa série de ficção contemporânea é apresentada, pela primeira vez em Portugal, a grande escritora russa

Vera Panova

no mais belo romance até hoje escrito sobre a infância

O LIVRO DE BOLSO

Textos integrais

E' COM CERTEZA UMA CASA JAPONESA

(Continuação da 1.ª página)

biente é também o elemento de primeira importancia. Primeiro de tudo é ele que determina o material a empregar. Ora no nosso país onde não há pedra nem argila a madeira é o material de construção preferido. A madeira corresponde maravilhosamente ao imperativo fundamental do nosso clima em que a casa japonesa tem de ser ampla e bem aberta para estar defendida de um inimigo tão perigoso como os tremores de terra e os tufões: ou seja a humidade. País marítimo por excelência o Japão tem sofrido desde sempre a tirania da humidade que faz cobrir de bolor os móveis, os fatos e todos os objectos da casa onde não haja suficiente arrefecimento de madeira os elementos de construção são o tabuado e os barrotes e não as paredes como na Europa. Na casa japonesa as separações fixas são reduzidas ao mínimo. Longas portas de correr separam o exterior do interior, deslocam-se com facilidade, e, em caso de necessidade, levantam-se.

No interior também este processo é muito usado o que permite uma utilização muito larga do espaço. Não é, afinal, isto o que se procura conseguir na arquitectura europeia?

Mas para resistir a esta humidade tenaz do nosso país não bastam as correntes de ar nas casas. E' necessário também arejamento por debaixo da própria casa para assim evitar o apodrecimento da madeira, pelo contacto com o chão humido. Assim, a casa japonesa, que é geralmente um rés-do-chão, está assente em estacaria o que permite uma livre circulação de ar por debaixo da construção. Estes pilares, como vemos, não têm o mesmo fim imaginado por «Le Corbusier que visava apenas o aproveitamento pelo homem do espaço ocupado pelo imóvel, além da obtenção de um feliz efeito estético.

A existência destes pilares erguendo a nossa casa basta por si para desmentir a lenda de que os Japoneses dormem no chão. E' verdade que nas nossas casas não há camas do tipo europeu. Dormimos sobre «futon» espécie de colchão directamente assente sobre o sobrado que está coberto de «Tatami», espessa esteira de palha. Mas não é verdade que basta o soalho estar já acima do chão alguns decímetros praa poder ser dispensada cama ocidental?

Em lugar de se dizer que os Japoneses dormem no chão é mais justo referir que vivemos, trabalhamos e comemos sobre essa imensa cama que é a casa japonesa E isto é tanto mais exacto quanto é verdade que a ninguem é permitido entrar em casa calcado. Todos nos descalçamos á entrada. Aliás, na linguagem corrente, nunca dizemos «entre para a nossa casa», mas sim «suba...».

A utilização do «tatami» com que se cobrem todas as divisões principais é uma característica da nossa arquitectura. Sem falar do nosso hábito tão admirado dos ocidentais, de nos assentarmos sobre os calcanhares em cima dessa esteira de palha, o «tatami» desempenha um papel muito importante na nossa arquitectura. De facto, esta simples esteira, de formas e dimensões bem determinadas serve como medida de base de «modelo», como diria Le Corbusier, na nossa construção. Todos os compartimentos são concebidos em relação ao numero de «tatamis» que contêm. Quando se diz que uma divisão tem tantos «tatamis» sabe-se logo a sua forma e dimensão. Não só as divisões principais mas outras partes da casa, o corredor, o «hall»

de entrada, a cozinha, etc., são feitos em função da dimensão do «tatami», a tal ponto que se pode desenhar um plano de uma casa sem a ajuda de metro.

Esta «standardização» vai até aos pequenos pormenores o que possibilita o uso de construção pré-fabricada e em serie. Todo este problema na ordem do dia no Ocidente, está já resolvido no Japão desde há mais de mil anos.

Estas características da casa japonesa não tem deixado de influenciar e até certo ponto determinar, o nosso modo de vida. O facto da casa ser muito aberta, com poucas paredes e de portas interiores móveis, torna difícil a independência de cada compartimento. Os nossos antepassados nunca sonharam usar fechadura em qualquer porta interior. O acesso a qualquer compartimento era inteiramente fácil a qualquer criança. A vida desenvolve-se colectivamente baseada na confiança mutua, mais que na independência individual.

E' a esta luz que é necessário compreender o lugar importante que tem ainda hoje no nosso país o símbolo de família. A família é a célula, a unidade da vida social, e a casa japonesa ao mesmo tempo que é o símbolo dela, é também uma solução engenhosa do problema do alojamento do homem.

MUDANÇA DE ARES

Toda a gente se recorda que o Estado britanico era importante accionista da Companhia do Canal de Suez. Depois da nacionalização, a companhia transformou-se numa sociedade financeira internacional e o Governo inglês decidiu vender as acções que tinha.

Um primeiro lote foi cedido a um potente grupo financeiro por 1,8 milhões de libras esterlinas. Este grupo, a Locana representa toda a alta finança internacional e dedica-se particularmente a questões coloniais. Questão de ares...

É tudo accionista...

Segundo o presidente da Bolsa de Nova York, em cada doze adultos, um possui, actualmente valores mobiliários. E, aliás, mais frequente ser uma mulher que um homem e a idade do detentor dos títulos anda á volta dos 49 anos.

O CONGO

(Continuação da 1.ª pagina)

muito inclinada a essa aventura, mas o rei insistia... Mandou o famoso explorador Stanley estudar o assunto e este depois de algumas viagens recomendou-lhe a bacia central do rio Congo, que não era desejada nem pela Inglaterra nem pelos Estados Unidos

Em 1885 o «Estado do Congo Belga» era criado, mas o Parlamento de Bruxelas esteve renitente e por isso o novo estado durante algum tempo pertencia, práticamente, á pessoa de Leopoldo II. Foram necessários 23 anos para que o Parlamento belga se decidisse finalmente, a votar a anexação e a ligar o Congo a um Ministério das Colónias».

O Congo Belga não parecia destinado a um futuro brilhante e os cidadãos belgas apesar dos incitamentos governamentais para o povoamento hesitavam em ir afrontar os exércitos da mosca Tsé-Tsé que infestam ainda hoje metade do território. Mas entre as duas guerras mundiais, descobriram-se consideráveis jazigos de cobre, de estanho, diamantes e mineral radioactivo. Depois da entrada em guerra com o Japão, que privou a industria americana de alguns dos seus recursos em materiais, apelou-se para o Congo. Sobretudo, o uranio congolês, secretamente expedido para além Atlantico com ferro velho, permitiu a fabricação da primeira bomba atómica. Foi assim que o Congo belga anichado no coração de Africa, se tornou um país muito industrial — e também a fonte de riqueza de muitas companhias e bancos.

Contam-se, actualmente, no Congo 700 centros mineiros e duas vezes mais empresas industriais e comerciais que em 1939. Há 140.000 operários nas minas e 160.000 nas outras industriais, o que é considerável para esta população pouco numerosa e numa colónia africana.

O cobre, já antes da guerra explorado pela poderosa Companhia do Alto Catanga», sai do Congo na proporção de um décimo de toda a produção do Mundo Ocidental. Nos diamantes o Congo tem largamente o primeiro lugar e deu origem ao aparecimento da célebre industria diamantina de Anvers que emprega 30.000 assalariados.

São 70 as minas do oiro que estão a ser exploradas e a extracção de estanho passou de 10.000 toneladas em 1939 para 100.000 actualmente. Citemos ainda o cobalto, o manganés, numerosos metais raros, sem falar do mineral de ferro, muito abundante mas pelo qual as companhias ainda não se mostram muito interessadas. Quanto ao uranio que dá uma celebridade muito particular ao Congo Belga, é «segredo» bem guardado e as estatísticas sobre as suas reservas não aparecem em parte nenhuma. Tem-se como certo que [illegible] foram vendidas aos Estados Unidos 1.000 toneladas em 1940 e [illegible] em 1945. Os tratados feitos entre Bruxelas e Washington sobre [illegible] foram publicados e parecem serem unicamente do conhecimento do senhor Spaak, do governador Rykmans, de um director da União Mineira e de mais duas ou três pessoas que os terão negociado...

Conhece-se, no entanto, mais ou menos que a mina (Shinkolobwe) se encontra a mais de 1.000 metros de altura perto da cidade de Kaintove; e sabe-se também que graças a este uranio, vendido em dólares, a Bélgica conseguiu rápidamente depois da guerra uma próspera situação financeira.

Grandes empresas europeias exploram ainda uma outra riqueza: — os produtos agrícolas. A madeira, a borracha, as oleaginosas dão lugar a uma imensa actividade de exploração e exportação. Nesse domínio quem reina é o «trust anglo-holandês «Unilever», o tal do Omo e dos sabonetes Lux.

Esta intensa actividade criou no Congo Belga uma situação paradoxal em Africa. Os homens deixam as aldeias para se amontoarem nos centros industriais e nas plantações falta sempre a mão-de-obra. Um milhão de homens estão hoje assalariados, 47 % na província de Catanga e 53 % na de Leopoldeville. Falta mão-de-obra nas culturas de géneros alimentícios o que cria problemas de abastecimento graves só possiveis de resolução com a mecanização da agricultura nas aldeias.

*

Um dos aspectos mais curiosos deste movimento social é a desproporção máxima existente nos centros urbanos e industriais entre o elemento masculino e feminino. Há em geral 3 homens para 2 mulheres nas cidades e uma proporção inversa na selva, o que dá ao país uma taxa de natalidade extremamente baixa.

Em Leopoldville o numero de assalariados passou de 41.000 em 1946 para 70.000 em 1949 e há ali 2 homens para 1 mulher! Este fenómeno resulta dos baixos salários do assalariado que não lhe permitem trazer com ele a família. Deixa a mulher na aldeia para manter e cuidar do resto dos seus que de outro modo se não poderiam manter.

Eis, portanto, o Congo Belga, uma colónia que ao contrário das outras foi fortemente industrializada e que não conhece, práticamente, o desemprego. Colónia que muito em breve o deixará de ser, pois se anuncia para não muito longe a sua independência numa festa que será presidida pelo próprio rei dos Belgas, o jovem Baldumo, que pelos vistos se não sente nada impressionado e influenciado pelo ardor colonial de seu avô.

TRAGÉDIA DUM PATRIOTA QUE ERA «ESTRANGEIRO»

A revelação dum liberal

por AUGUSTO DA COSTA DIAS

O fim de quatro nos de luta nas fileiras do exército russo, Gomes Freire de Andrade regressa finalmente ao País, em Setembro de 1793. O cavaleiro andante (como a si próprio se chamará mais tarde, quando espera regressar ao País depois de amortalhada a epopeia napoleónica) não terá tempo para dependurar a espada. O carácter reaccionário da política dos ministros de D. Maria, a sua incompreensão dos verdadeiros interesses nacionais, leva-os a atrelar, os destinos do País á Cruzada que a Inglaterra e a Austria dirigem contra a jovem República francesa. Em 20 de Setembro daquele mesmo ano parte de Lisboa o corpo expedicionário português que emparceirará com os espanhois na tristíssima Campanha do Russilhão. Nele segue Gomes Freire, o que está certo: até quase ao fim da vida palmilhará, entre chacinas e destruições, todos os campos de batalha da Europa.

Agora, porém, com uma diferença: a tarefa é mais espinhosa. Enquanto servir estrangeiros, Catarinha II ou Napoleão, a sua competência, a sua bravura, o seu espírito decidido terão sempre olhos que os registem e mãos que os galardoem; hoje, todavia, que combate ombro a ombro com os seus compatriotas e comanda soldados portugueses que o adoram, a tarefa é na verdade mais espinhosa: os que chefiam as operações não se chamam Kulusov ou Bonaparte: são pequenos generais domésticos que nada mais enxergam para além dos três palmos da sua miopia cortezã.

E' na campanha do Russilhão que Freire de Andrade começará a colecionar os ódios mortais que o ajudarão a subir os degraus da forca; é nela que, a peito descoberto, se manifestará um aspecto incómodo do seu carácter: homem de língua tão corajosa como a espada, incapaz de acomodar um protesto ou uma crítica, por mais graves que sejam; espírito leal e impulsivo, fácilmente a arder em transportes justiceiros; desarmado em face dos calculistas; de coração a flor da boca e, ainda por cima, homem de ideias liberais, tocado pelas luzes do século. Falta-lhe tacto para se inteirar de que á sua beira nem todos são soldados. Há quem tenha aprendido outras artes e de espada no conchego da bainha apreciam muito mais o tricot ortodoxo em que se amestraram na Corte da Senhora D. Maria.

O primeiro espanto de Gomes Freire, ao chegar a Espanha foi a recepção feita aos Portugueses. Em 18 de Outubro, escreve a seu primo, o marquês de Pombal:

«Eis-me chegado desde ontem, aqui, e ao serviço do Rei de Espanha, segundo afirma a Gazeta de Madrid, pois em semelhante situação consideram os seis mil portugueses; de tal forma, que o povo (espanhol) nem sequer lhes presta a honra de os considerar como tropas auxiliares: em seu entender vieram para completar os regimentos espanhóis».

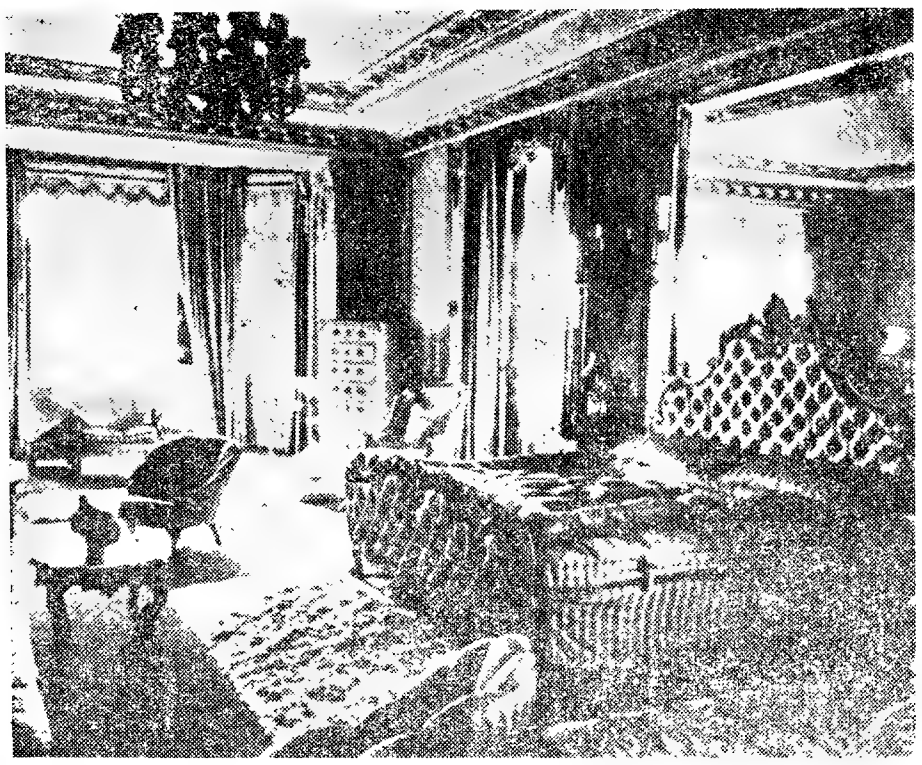
Em Rosas, porto de desembarque, como aliás em todos os locais onde as tropas portuguesas bivacaram, nada se tinha feito para os receber; faltavam hospitais e quartéis: e mal haviam posto pé em terras de Espanha logo seguiram, sem repouso, encharcados até aos ossos, para a frente de batalha que lhes destinaram — Ceret, posto fortificado da maior importância. A espionagem francesa soubera do estado de esgotamento das nossas tropas e o ataque do adversário não demorou (26 de Novembro de 1793). Surpreendidos, tomados de panico, os pobres expedicionários recuam; Gomes Freire restabelece, porém, a situação ao contra-atacar decididamente, á frente de alguns reforços. Este êxito é aproveitado, pelo conde de Union comandante das tropas espanholas, que passa á ofensiva. O papel que o nosso compatriota desempenhou nestas operações vem expresso no relatório do conde de Union ao general supremo, Ricardo:

«Não esqueço Gomes Freire

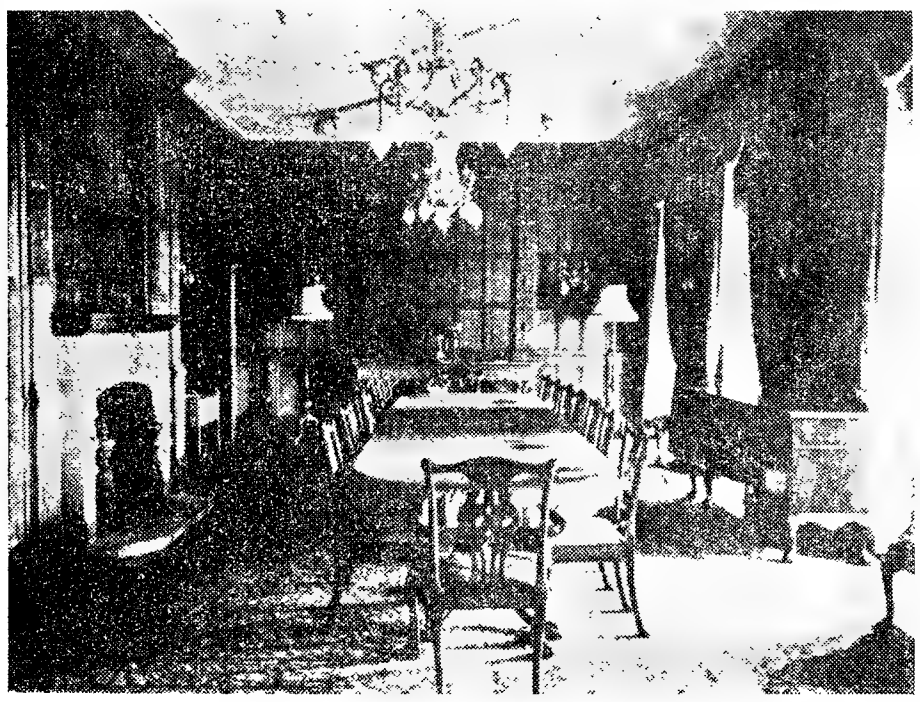
(Continua na 6.ª pagina)

Estão asseguradas as três necessidades vitais da Princesa

As notícias que dia a dia nos chegam num ritmo de catarata dão-nos a consoladora ideia de que a princesa não vai reduzir o seu programa de casada ao amor e à cabana. Já sabemos que poderá dispôr de cem contos por mês o que lhe permitirá uma existência livre de sobressaltos com o merceeiro, o padeiro, a Companhia do Gás e Electricidade, a Companhia das Águas, a Companhia dos Telefones, a praça, os criados, as compras a prestações e os rolos de películas para o seu efeito. O Mundo, que é como quem diz as ouvintes dos folhetins sentimentais e radiofónicos, andava preocupado com o futuro da princesa: primeiro porque os anos iam passando e a jovem tinha chegado à idade limite onde as solteiras são promovidas a solteironas; segundo porque os pretendentes eram muitos e ela era só uma, e poderia dar-se o desenlace trágico de ter de ficar de mal com el-rei por amor dos noivos ou mal com os noivos por amor del-rei, finalmente porque a popuação sentimental do nosso planeta estava interessada mais do que ler, em colaborar num romance de amor. O público colaborou, sentiu-se autor; e embora não receba direitos pela obra sempre lhe fica a substancial satisfação de ter escrabado um romance em carne e osso. Seria interessante saber como cada cabeça feminina recheou a vasilha do romance, que diálogos, que situações imaginou. De lá vai o tempo em que um enamorado raspava do seu íntimo esta frase sonante:



Quarto de dormir de Burkhurst Park



A casa de jantar do mesmo palácio

— Sabes tu, Hermengarda, o que é andar dez anos amarrado ao próprio cadáver?

A princesa e o noivo terão dito confissões mais comedidas; ali não houve tragédias. Mas o que pensarão os milhões de figurantes do romance espalhados por este Mundo, com a cabecinha cheia de frases de Delly ou Magali?

O mistério reside neste ponto apenas.

No entanto, para apaziguarmos os seus sobressaltos queremos hoje noticiar-lhes que as necessidades vitais da princesa — comer, dormir e banho — estão providencialmente asseguradas. Sua irmã, a rainha, cedeu-lhe, num gesto fraterno que cala fundo no nosso íntimo, a residência palacial de Buckurst Park. Eis, a cabana que faltava. A princesa não terá já que sofrer os dramas com o senhorio: o fatal dia 8 ficou afastado das suas preocupações.

A rainha visitara Buckhurst Park há doze anos; achara bonito o sítio, bons os comodos, e como, além disso, ficava a poucos minutos do Castelo de Windsor ela pusera nos seus sonhos que aquela era a moradia ideal para si e para o real consorte.

Acabou por oferecê-la à irmã.

A residência é um dos mais belos solares do Sul de Inglaterra. Pelas fotos pode a leitora ajuizar dos pormenores fundamentais: uma sala de jantar pantagruélica, um quarto onde ainda se podem alimentar sestas à antiga e uma casa de banho encapada em mármores furta-cores com todos os requisitos aquícolas. Um mimo em ponto grande.

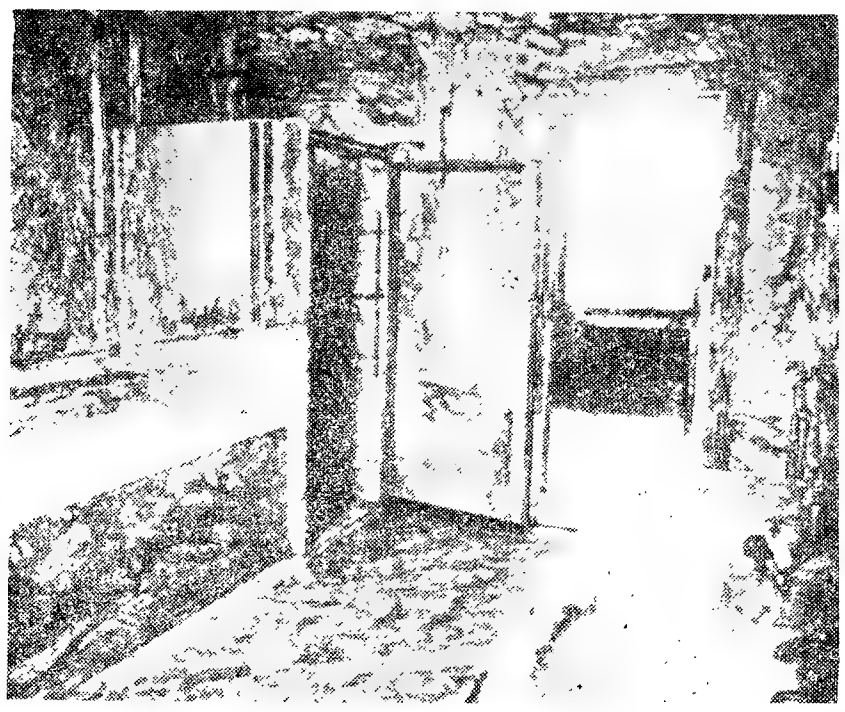
Ali dirão os noivos aquelas coisas pessoais e intransmissíveis que os noivos, desde o começo do Mundo, dizem uns aos outros. Verão a paisagem com óculos cor-de-rosa, sucessivamente menos cor-de-rosa. Nessa altura o Mundo deixará de pensar neles: a rotina da felicidade não da matéria a romances. Os comedores de intrigas sentimentais possuem regras por onde se pautam: o romance tem de acabar com o nó, o enlace, o epitalamio; depois, vitória, vitória, acabou-se a história.

Em todo o caso, fica desde ja salvaguardado que o post-scriptum do romance da princesa decorrerá num ambiente condigno: boa casa, bons jardins e bons ares. O resto ficará no album que o seu subito noivo, como excelente fotógrafo não deixará de preencher.

E pronto.

Agora esperemos o novo alarido que os jornais farão na data dos esponsórios. Ficaremos então a saber pormenores meticulosos sobre o guarda-roupa da princesa, as prendas e tudo o mais que compete à situação. Quando o sacerdote perguntar à noiva: é de tua vontade que ligas o teu destino ao de teu quase-marido? — a princesa, com voz sumida pelo enleio, dirá o sim com voz trémula e baixa; ele responderá em tom varonil e audível nas estações radiofónicas.

E assim se acabam as coisas neste Mundo.



Casa de banho

E a bomba atómica! — disse-me, logo que a conversa recaiu sobre o assunto, preocupado na ordem das estações.

E será mesmo? É bem sabido que as explosões nucleares podem ter as consequências mais nefastas, principalmente, no campo biológico; mas não está de modo algum provado que sejam elas as responsáveis pelas estranhas perturbações meteorológicas dos últimos anos.

Durante algum tempo, apesar das incansáveis investigações dos sábios de todos os países, fraternai-

O T SEM RE

[illegible] Ano Geofísico [illegible] a um resultado satisfatório. Entre os fenómenos [illegible] dos, certamente era [illegible] de explicar [illegible] a perturbação da ordem natural das estações. Os relatórios recebidos de todos os lugares do Mundo, num total impressionante de 40 000 páginas, foram inutilmente aos arquivos.

Foi o «Sputnik III» que conseguiu colocar os investigadores na boa pista. Este satélite artificial, que há dezanove meses percorre os caminhos do céu, lança continuamente para as nossas estações de escuta um número fantástico de informações, e assim os sábios vão desvendando aqueles segredos do Universo que escapavam até mesmo aos nossos observatórios mais bem equipados. Durante 500 milionésimos de segundo, as mensagens do «satélite» permitem assinalar a sua posição. Logo em seguida, durante 150 milionésimos de segundo, ela [illegible] informações da maior importância, por meio dos instrumentos [illegible] de que está munido. E [illegible] o pormenor, o sistema de telessinais [illegible] máximo [illegible], graças a um radio-emissor denominado «farol» no espaço, cujas engenhosas baterias convertem a luz solar em electricidade.

Todos os sábios do Mundo concordam em classificar de sensacionalíssimas as informações desse extraordinário robot criado pelo genio humano. Mas, afinal, o que nos ensina ele de novo?

Em vez de seguir a sua trajectória matemática, o «Sputnik III» começou a transgredir as leis da astronomia. Dois sábios americanos, Pearse e Jastrow, sugeriram então que, a desoito da rota teórica, só poderia atribuir-se à electrificação do satélite no contacto das mais altas zonas da atmosfera terrestre. Ficava por saber, no entanto, qual era a misteriosa geradora de a electricidade [illegible].

Era necessário levar mais longe as investigações. Ora sucedeu que, no dia 8 de Julho de 1959, o satélite sofreu um salto imprevisto. Na véspera, havia sido observada uma formidável explosão sobre o Sol. Era impossível não relacionar os dois fenómenos, embora ficasse por explicar esse estranho atraso de cerca de vinte e quatro horas. Os raios, visíveis e invisíveis, que nós conhecemos, propagando-se à velocidade da luz, levam oito minutos para chegar à Terra e gastariam ainda menos tempo para atingir o «Sputnik». Trata-se, por consequente, de um agente absolutamente desconhecido, muito provàvelmente de gases quentes ou de partículas eléctricas viajando bem mais lentamente que a luz.

Chega-se assim à conclusão de que o Sol, como um canhão gigante, exerce uma verdadeira acção balística sobre a Terra. Trata-se de um bombardeamento irregular de corpúsculos infinitamente pequenos capazes de modificarem a densidade da atmosfera terrestre e a marcha matemática dos satélites artificiais.

O nosso planeta, que [illegible] o bombardeamento de corpúsculos electrizados, análogos aos que descobrem as imagens nos nossos televisores, desencadeados pelas explosões [illegible]. São pois os desastres atómicos sofridos pelo Sol, como a explosões atómica, provocada pelos homens, as responsáveis pela verdadeira desordem das nossas estações, as alterações do regime das chuvas e dos ventos e outras perturbações meteorológicas ultimamente verificadas.

É certo que as «protuberâncias»,

SAIBA COMER

O problema da formação óssea não é, apenas, uma questão de cálcio, como muita gente julga. Claro que o cálcio é necessário para a construção dos ossos; mas o fósforo é-o igualmente. O mecanismo de utilização só pode ser levado a efeito, simultaneamente, por estes dois elementos, em proporções especiais. Há, digamos um equilíbrio fósforo-cálcio que condiciona os processos ósseos.

De todos os alimentos, são os peixes que melhor respondem a esta exigência mineral; e entre eles, o bacalhau distingue-se de forma especial.

Os sais de cálcio e de fósforo do bacalhau assimilam-se fácilmente. Por isso o devemos aconselhar a todo aquele cujo organismo tem necessidade de tais elementos: jovens em crescimento, mulheres grávidas, tuberculoses pulmonares ou ósseas, as vítimas de fracturas, os velhos com osteoporose, etc.... Nos raquíticos, o bacalhau será cada vez mais aconselhado, sob a forma de óleo de fígado de bacalhau

A riqueza em proteínas do bacalhau salgado explica as propriedades anti-fadiga deste. Mas é talvez á presença, em doses infinitesimais, de numerosos elementos, metais e metaloides, que o bacalhau soube trazer do meio marinho, que melhor justificam esta acção contra a fadiga.

Com efeito, as mais modernas descobertas mostram o papel importante dos oligo-elementos no funcionamento dos nossos tecidos. O ferro, o cobre, o iodo, o manganésio, o potássio, etc., participam intimamente na maioria das trocas celulares e até mesmo, na maior parte dos casos, condicionam estas trocas.

O bacalhau oferece-nos estes elementos sob uma forma assimilável e por isso mesmo contribui para a activação da nossa vida fisiológica, isto é, para a luta que sem cessar desencadeamos contra a fadiga.

No plano cerebral a necessidade de ácido glutámico, chamado «a vitamina da inteligência», encontra-se largamente satisfeita no bacalhau. As proteínas do bacalhau contêm cerca de 14 %. De resto, o fornecimento de fósforo junta-se ainda á estimulação dos centros superiores.

Quanto ás vitaminas, o fígado contém a A e a D; mas tambem em outras partes do corpo deste precioso peixe se encontram em quantidades elevadas.

Não era, pois, em vão, que se denominava ao bacalhau «o fiel amigo»...

Ferver o bacalhau e conservar a água. Numa terrina, deitar fatias de pão, bem polvilhadas de coentros e alho picado. Levar ao lume a água do bacalhau, deixar ferver, deitar dentro tantos ovos quantos se queira, deixar cozê-los e lançar tudo sobre o pão. Abafar um pouco e servir imediatamente. Pode também desfiar um pouco de bacalhau e deitar na sopa.

Aproveitar o bacalhau que se cozeu, tirar-lhe todas as espinhas e a pele e esmagar; depois misturar com igual porção de massa para fritos bastante líquida. Juntar salsa, alho, cebola, pimentos, tudo finamente picado. Quando o óleo estiver bem fervente, ir deitando colheradas desta massa e deixar dourar. Escorrer e servir bem quente com salada ao gosto.

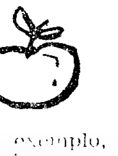
Cortar o bacalhau demolhado em pequenos bocados e cozê-los em azeite. Por num tacho com cebolas em rodelas. Cobrir com pedaços de tomate bem maduros, pimentos e pimenta. Agitar bem para misturar. Cobrir e deixar em fogo brando durante meia hora.

[illegible]

Muitos aborrecimentos, pequenos ou grandes, podem vir-nos da alimentação. E' [illegible] que vulgarmente chamamos alergias. E, com efeito, trata-se de uma doença alérgica.

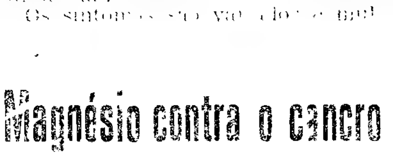
Certas substancias chamadas alergenas, introduzidas no organismo humano, provocam modificações dos tecidos e dos humores de tal maneira que uma segunda dose pode desencadear uma verdadeira série de fenómenos patológicos.

São, em geral, substancias complexas, possuindo, de qualquer forma, uma personalidade bem defin-



do, como por exemplo, as albuminas e as proteínas.

Em que condições as proteínas alimentares, [illegible] pelos sucos

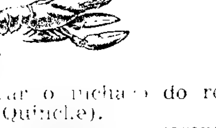


dige[illegible], podem tornar-se alérgicas.

Como se manifesta a intolerância alimentar.

Os sintomas são variados e mul-tiplos e surgem após a ingestão de alimentos alergicos.

[illegible] de forma [illegible] o rosto e o corpo, acompanhadas de viva comichão: é a urticaria. Também se



pode observar o inchaço do rosto (eczema de Quincke).

As formas graves apresentam vómitos, dores abdominais e, por vezes, diarreias de sangue nas formas graves.

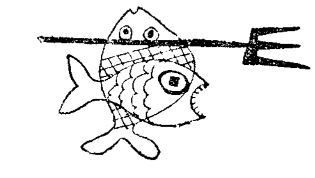
A dor de cabeça, se segue a uma refeição, pode ser um sintoma de intolerancia alimentar. Que fazer neste caso?

Primeiro, claro está, convém vigiar o regime alimentar. Ingerir quantidades mínimas de tal ou tal alimento é ás vezes suficiente para desencadear uma crise. E' de toda a prudência a completa abstinência do alimento que provoca essa sensibilidade.

A [illegible] os ovos, os mariscos, crustáceos são alimentos que podem provocar alergias. De resto, todos os alimentos, excepto o açucar, são capazes de dar acidentes alérgicos: em especial os alimentos [illegible] de origem animal.

Os ovos podem revelar-se nocivos [illegible] como a clara, sobretudo se se comerem crus.

Enfim, as carnes, são as de porco e de vitela de má reputação, neste ponto de vista.



Os mariscos e os crustáceos, os peixes (raia, atum, cavala) devem ser evitados por muitas pessoas.

Os alimentos vegetais terão um lugar de escolha no regime das pessoas predispostas para a alergia; contudo, atenção á cebola, pimentos, morangos, ananás, melão, castanhas.

A cozedura diminui de maneira notável o poder anafilático de todos estes alimentos. Ela destrói as proteínas, e pode dizer-se que as predigere.

Magnésio contra o cancro

O professor Delbet é de opinião que a alimentação pobre em magnésio seria um [illegible] mento a favorecer o aparecimento do cancro. Isto foi antes da guerra; mas, hoje, esta consideração toma um aspecto de terrível actualidade. Todas a terras empobrecem em magnésio e os alimentos, por isso mesmo, tornam-se cada vez mais pobres desse elemento. E a marcha em frente, do cancro, prossegue, inexorável.

Assim, para combater esta carência, são necessários alimentos elaborados longe das nossas regiões empobrecidas. Os peixes e sobretudo o bacalhau podem garantir-nos o magnésio que trazem das ondas marinhas 100 gramas de bacalhau salgado oferecem-nos 50 miligramas de magnésio, enquanto que a carne apenas nos dá 30, o leite, 11 e o pão, 12!...

Mais uma vez fica o bacalhau á cabeça de qualquer alimento, com a vantagem ainda de, com ele, se fazerem inumeros e variadíssimos pratos.

(Continuação da 3.ª página)

de Andrade, que fazia de brigadeiro de dia no da acção, coronel do regimento do seu apelido, pelo bem que se comportou, subindo prontamente e com denodo ao reduto atacado».

Até finais de Dezembro estiveram as tropas portuguesas empenhadas em vários ataques; depois, de um e de outro lado, recolhe-se aos quartéis de inverno, á espera de tempo mais propício á guerra. O compasso de espera fornece melhores ócios para se avaliar a que ponto de abandono e miséria haviam chegado os nossos expedicionários: não têm sapatos, nem meias, nem chapéus, nem capotes; a comida é pouca e a assistência médica quase nenhuma. As baixas por doença avolumam-se. Começam então a chover em Lisboa ou ao comandante da expedição as violentas cartas de protesto, corajosamente subscritas por Gomes Freire: contra os Espanhóis, em primeiro lugar, que «destinam os piores lugares aos Portugueses, por serem fazenda mais barata»; contra a inépcia e a falta de brio patriótico dos nossos generais; contra a desorganização e o derrotismo que asfixiava os contingentes portugueses; contra os recuos constantes e as deserções no exército espanhol.

Conforme o tempo vai correndo mais audaciosas e duras são as críticas. Outros oficiais (como José Narciso e Pamplona, este companheiro de Freire de Andrade nas campanhas napoleonicas) engrossam o cabedal dos protestos. E' evidente, porém, que Gomes Freire tomou a chefia do movimento. O general Forbes, comandante da expedição, oficia nos seguintes termos para o seu Governo:

> **«A insubordinação d'alguns inimigos do meu commando vae infestando e grassando de maneira que se Sua Magestade não atalhar ao incêndio e cortar, de todo, pelas raízes, esta mania, veremos crescer e tomar corpo, talvez formar uma espécie de insurreição revolucionárias, capaz de causar terríveis resultados».**

Depois individualiza as suas queixas. E' Gomes Freire o revolucionário; tudo o que se está passando resulta

> **«da indole desinquieta do coronel Gomes Freire d'Andrade... Vendo que elle tem abusado da minha nímia paciência e que o crescimento do seu génio inquieto e turbolento poderia para o futuro produzir funestas consequências resolvi-me a fazer a vossa excellência um fiel apontamento das imprudentes acções d'este official, que quer atacar, affectar de brigar e insultar todos».**

O mesmo general acomodatício denunciara Gomes Freire pelo seu patriotismo:

> **«... logo á chegada deste coronel á campanha entrou no partido do ódio contra a nação espanhola, fallando escandalosamente contra ella em todas as conversações publicas.»**

Falava ás claras, o que era grave pecado. Luta contra a derrota, as debandadas, a miséria dos soldadinhos rasos. Forbes e a sua comitiva (na qual, bem na sombra, se encontra D. Miguel Pereira Forjaz, um dos principais responsáveis pelo enforcamento de Gomes Freire) não perdoam a sua enérgica intervenção nos sucessos da guerra. Tal como sucedera em Ceret e na retirada de S. Lourenço de Muga, em Oms, no triste descalabro do dia 1 de Maio de 1794, é Freire de Andrade quem salva a situação trágica: á frente dos reduzidos 281 soldados que já se contagiavam com a fuga geral, ele faz um desesperado apelo nestas palavras simples que o povo podia perfeitamente entender.

> **«Camaradas, se os hespanhoes, fugiram, devemos mostrar-lhes que um portuguez vale uma duzia d'elles. Se o perigo é grande, tanto maior será a nossa glória. Porém se vocês querem ser tão fracos e cobardes como elles, vão-se já a todos os diabos, que eu cá ficarei só com as bandeiras, e vocês passarão pela infamia de as terem desamparado e de deixarem ficar á sua vista em pedaços o seu coronel».**

O povo correspondeu fulminantemente ao apelo.

O soldado Bento de Sousa grita: «Aqui ficamos todos!»

E nem mais um dos seus homens cedeu um passo.

A atitude de Gomes Freire — convirá acentuá-lo — era uma questão de dignidade, pois ele não acreditava na causa por que combatia. Referindo-se aos nossos soldados prisioneiros (em carta ao marquês de Pombal) ele mostra clara simpatia pelos adversários:

> **«Os franceses dão-nos a honra de afirmar que somos dignos de ser feitos prisioneiros pelos Republicanos, pois as nossas tropas fazem a Guerra como Soldados e não como Salteadores, como os espanhoes (...) As cartas dos nossos que transportaram para Nimes (prisioneiros, deve não esquecer-se), dizem que os tratam com distinção e respeito (...) Contudo é bem um Curso de Liberdade que eles lá seguem!».**

Estas ultimas palavras medem bem a isenção do seu carácter: combate digna e heróicamente o adversário, pois a isso se comprometeu; mas, no fundo da sua consciência liberal, é ás ideias deles que reconhece razão. Essas ideias, que partilha, avolumadas pelo prestigio que grangeou no povo, levá-lo-ão á forca, em 1817.

Já se não apanham juncos

Uma máquina muito curiosa e complicada acaba de ser construída na Checoslováquia. Destina-se, parece, a trabalhar na Roménia onde servirá para, cortar, atar e transportar os juncos que chegam a atingir quatro metros de altura no delta do Danubio.

Uma fábrica importante está a ser montada nas imediações onde a máquina vai trabalhar, para transformar os juncos em celulose. Por cá ainda vamos tendo muito pinheiro, mas também há muitos juncos sem utilidade.

Depois de um ano inteiro de intensas investigações, tecnicos hungaros do som encontraram de novo o «eco de Tihany» perdido há já bastantes anos.

O «eco de Tihany», lugar de passeio muito conhecido perto do logo Balaton, era uma das maiores atracções turísticas da Hungria e muito popular no País. A certa altura, de um dia para o outro desapareceu sem que ninguem soubesse porquê.

A primeira hipotese para o fenómeno foi que talvez o crescimento das árvores tivesse «matado» o eco, mas há pouco tempo acabou-se por descobrir que afinal, o «culpado» dessa morte tão chorada era simplesmente o telhado especial de uma habitação alpina situada junto da colina.

O telhado foi rebaixado e realmente o eco voltou a fazer-se ouvir com grande alegria de todos e a bem das receitas do turismo.

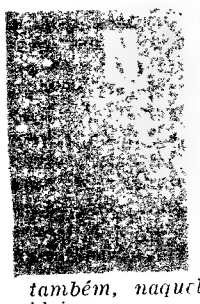
NÃO HÁ PERIGO

As grandes companhias petrolíferas americanas agrupadas na ARAMCO, que explora as riquezas da Arabia Saudita fazem alarde acerca de um gesto verdadeiramente histórico que acabam de fazer.

Trata-se simplesmente da entrada para o conselho de administração da sociedade, do cheik Hafez Wahba. E' efectivamente a primeira vez que um cidadão árabe terá direito a olhar pelos negócios petrolífero do seu próprio país e as companhias apresentam a coisa como uma «importante concessão» resultado de «vários meses de negociações» entre a ARAMCO e o Governo saudita. Convém, no entanto, acrescentar que o cheik tem mais de 70 anos de idade e que passou a maior parte da sua vida em Londres.

Os proprietários da ARAMCO podem dormir descançados porque não é dali que poderá soprar qualquer tempestade.

ELAS TAMBÉM FIZERAM HISTÓRIA



ÃO pode surpreender ninguém o facto das primeiras manifestações sérias e organizadas das mulheres em defesa dos seus direitos de cidadania, tivessem aparecido á luz do dia na cidade de Paris — centro do Mundo, e, também, naquela data, centro de ideias novas.

Contudo, parece que nessa altura poucas pessoas previam que as mulheres — metade da nação — pudessem desempenhar algum papel nos acontecimentos que se preparavam. Mas, em 5 de Outubro, deu-se uma manifestação das mulheres parisienses que conduziram, vitoriosamente, a Paris o rei e a rainha e pôs fim ao «complot» da corte.

Enquanto M.me Mouret, descendente de La Fontaine fundava o «Jornal das Raparigas» e a bela M.me Kerálio se tornava a directora do «Jornal do Estado e do Cidadão», vários clubes femininos se fundavam em Paris. Olimpe de Gouges escrevia num deles: «a mulher nasce livre e torna-se igual em direitos».

Théroique de Mericourt e Rose Lacombe tiveram um grande papel incitando os cidadãos a manifestarem-se contra a tirania real. Esta agitação acaba com o Directório e o Primeiro Império: «Há uma coisa que não é francesa» — diz Napoleão — «é a mulher poder fazer aquilo que lhe der na cabeça».

Foi preciso esperar até 1832 para se ver aparecer um pequeno jornal feminino, «A Mulher Livre», que pede bastante tímidamente para o seu sexo a liberdade de trabalho e o direito á instrução. Um «Jornal da Mulher» fundado no mesmo ano por Fanny Richoume, tem como colaboradoras George Sand e M.me de Girardin, mas evita prudentemente as reivindicações políticas.

A revolução de 1848 vai permitir aos feministas revelarem-se. Em 20 de Março aparece «A Voz das Mulheres», onde Eugénia Niboyet reclama para as suas companheiras, o direito de voto, e em 4 de Abril, o Governo Provisório admite na Camissão de Trabalho delegados encarregados de organizar o trabalho feminino. Mas algumas tentativas infelizes vão provocar o escandalo e a ironia. No «corpo das Vesuvianas», criado pelo cidadão Borme, as suas 5000 mulheres-soldados exigem o direito de usar cabelos curtos (terrível escandalo!) e também a obrigatoriedade do casamento para os dois sexos, para as mulheres aos 21, e para os homens aos 26.

O «Clube Feminino», fundado por Eugénia Niboyet, abre as portas em Maio, com grande movimentação. Os homens intrigados e furiosos vinham em massa todos os dias e davam-se constantes tumultos. Uma mulher declara: «Somos nós que fazemos o homem, porque é que não havemos de ter voz deliberativa nos seus conselhos?». Então foi o fim do mundo. A 3 de Junho, bandos armados invadem a sala e expulsam as mulheres.

O clube muda-se para outro sítio mas os perseguidores não o largam e a 16 do mesmo mês dá-se a interdição das reuniões femininas e do jornal «A Voz das Mulheres».

Mas foi um homem que havia de vir em seu auxílio, Leon Richer, revoltado pela injustiça das leis francesas. Torna-se o defensor das liberdades femininas e por isso chamam-lhe «O homem das mulheres».

A principal barricada feminista nessa época é «O Direito das Mulheres», jornal saído pela primeira vez em 10 de Abril de 1869. Mas o seu nome teve de ser mudado, pois a palavra «direito», que não agradava ao Governo do senhor Thiers, foi substituído e o jornal passou a chamar-se «O Futuro das Mulheres».

Bem cedo a associação fundada ao mesmo tempo que o jornal recebe a valiosa adesão de Vítor Hugo, que escreve: «A mulher não vota, não conta. Mas há cidadãos e cidadãs: é um estado de injustiça que precisa de terminar». Toda a Imprensa protesta contra essa defesa da emancipação da mulher, classificando a tentativa de coisa carnavalesca.

Mas «O Futuro das Mulheres» continua e passa a reclamar a instrução das jovens, a abolição da incapacidade civil da mulher casada, a delegação de uma parte do «poder paternal» á mulher e o estabelecimento do divórcio. A jovem Hubertine Audert vai, então, mais longe, organizando manifestações publicas pedindo o direito de voto. É ela também que em 1880 se recusa a pagar os impostos explicando numa carta aberta ao Perfeito: «Visto que não tenho o direito de controlar o emprego do meu dinheiro, não lho entrego».

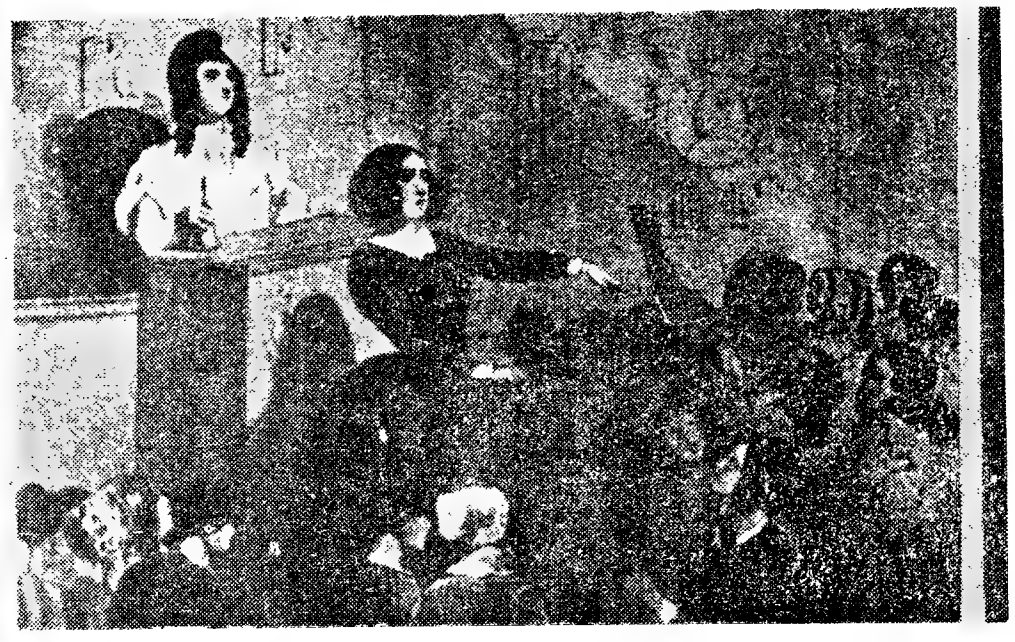
Em Dezembro de 1897 um cartaz atrai a atenção dos Parisienses. Desenhado por uma pintora muito conhecida, anuncia o nascimento de um novo diário «A Fronde», jornal feminista, mostrando uma camponesa, uma operária, uma artista, uma comerciante e uma irmã da caridade, caminhando para a luz da cidade futura.

No primeiro numero proclama-se: «A Fronde» declara guerra não ao antagonismo masculino, mas a esses tiranos que se chamam preconceitos, abusos, velhos códigos e leis arbitrárias». Tem um êxito extraordinário. Cerca de 200000 exemplares do jornal são vendidos, numero enorme para a época. A directora é uma linda mulher de 30 anos chamada Margarida Durand. Entra para a Comédia Francesa, mas abandona-a depois para se casar com o deputado e advogado Georges Laguive. É o primeiro jornal «inteiramente» redigido, administrado e composto por mulheres. Foi «A Fronde», republicano, socialista e laico, que sustentou Zola na sua campanha para a reabilitação do capitão Dreyfus e foi diversas vezes insultado e perseguido pelos adversários do oficial inocente.

Durante seis anos este corajoso jornal trava uma luta quotidiana pela admissão das mulheres nas grandes escolas, nos tribunais de Paris, pela entrada dos sindicatos femininos na Bolsa de Trabalho, contra o trabalho das orfãs nas oficinas dos conventos, pela protecção das operárias ao domicilio, etc.

No fim do século XIX pode dizer-se que foi a Imprensa feminista que representou o essencial da luta pela emancipação das mulheres francesas e, por expansão, outro tanto se vinha a dar em toda a parte do Mundo.

Os direitos da mulher foram sem duvida, em grande medida obra sua, conquistando-os a pulso, e contra muitas incompreensões dos seus «companheiros da vida».



UM HINO AO REI

Este ano vai celebrar-se o bicentenário do nascimento de Rouget de l'Isle, o autor da «Marselhesa». Eis um acontecimento natural. Acaba, porém, de se descobrir em Lons uma partitura inédita do mesmo compositor, com a data de 1790. E' nada mais e nada menos que um «Hino ao Rei».

E' sempre bom estar de bem com Deus e com o Diabo.

(Continuação da 1.ª página)

Iniciou-o não me lembro quem ao perguntar, de indicador virado para uma igreja colonial:

— Com que se parece?

— Com Braga.

— Muito bem.

Mais adiante, franzindo o nariz para acentuar o cheiro típico a especiarias, numa rua suprapovoada de armazéns por grosso, não me lembro outrotanto quem repetiu:

— Com que se parece?

— Com o Porto?

— Sim, com a Rua das Flores.

Até que palmilhávamos certa avenida á beira rio quando um de nós avançou para constranger os outros a parar e apresentando num gesto digno do teatro romantico a paisagem á roda, insistiu:

— Com que se parece?

Julgo que desta feita a resposta não surgiu prontamente e teve até de responder quem perguntara:

— Setubal: esta avenida paralela ao rio...

— Como se chama o rio?, interessou-se alguém.

— Capiberibe.

(Capiberibe?!)

Nesse momento a admiração deve ter encarnado em mim.

Capiberibe?!

«Capiberibe

— Capibaribe.

Lá longe o sertãozinho de Caxangá».

Então Capiberibe não é palavra mágica de algum recreio infantil? Não é um sinal combinado como «pé sangra», «u... u...», «já vale» ou o assobio repetido, semelhante aos ganidos dos cães, com que os do meu grupo da meninice se chamavam e alertavam? Então não é isso Capiberibe?!).

Mas parece que ninguém reparou na minha admiração. De forma que a guardei no íntimo sem os outros verem, suponho.

*

E mal tive oportunidade fui reler «Evocação do Recife». Queria saber como pude pensar tal coisa de Capiberibe. Agora que meditei sobre o assunto parece-me poder apresentar algumas atenuantes do meu erro.

No primeiro verso o autor chama saudoso por «Recife». Depois depura a evocação através de seguidas negações («Não a Veneza americana» «não a Mauritssad»...) com o que afastando as lembranças parentes da que visa vai simultaneamente criando o espaço livre onde a colocará: «Recife sem mais nada / Recife da minha infancia»

Este ultimo verso é o principal da poesia. Todos os seguintes se extraem dele por análise.

«A Rua da União onde eu brincava de chicote queimado», «Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê na ponta do nariz», «Os meninos gritavam: / Coelho sai! / Não sai!...», exprimem apenas pequeninas lembranças que uma reflexão poética retirou da grande, sincrética e inicial recordação: «Recife da minha infancia».

Sob o signo da infancia se chega pois a Capiberibe. Aí, devia eu perguntar-me quando ainda não sabia tratar-se do nome dum rio: mas o que será este Capiberibe? Talvez mesmo a primeira vez que li a poesia se me tivesse feito no pensamento a rarefacção da ignorancia e um mistério pela palavra desconhecida. Mas a brisa da infancia chegada com a leitura concerteza depressa contaminou tudo, seduziu o mistério e de infancia e mistério é que se filhou provávelmente a ideia de Capiberibe grito da garotada, santo-e-senha dos moleques com que Manuel Bandeira arranchava no «Recife da sua infancia...»

Evidentemente, hoje o poema vive duma forma diferente á minha leitura. A descoberta do significado exacto duma das suas palavras desfez várias linhas da rede mental em que eu lhe recriava os versos. E gerou outras novas: uma, representando a contiguidade espacial de Capiberibe e do «cais da Rua da Aurora;» outra, insinuando as águas onde se banhava a «moça nuinha»; outra, descobrindo em que rio se davam as cheias com «barro, boi morto, árvores, destroços e redemoinho...»

Mas temos so falado de Capiberibe. E Capibaribe? Bandeira escreve: «Capiberibe/ — Capibaribe»

Ora Capibaribe... Capibaribe... Capibaribe não sei o que é

Num ultimo esforço ainda recorro aos compêndios de Geografia. Mas apenas encontro: «marginam o Recife os rios Capiberibe e Beribe»...

Rio não é.

Será ribeira? Será canal, bicho, estrelinha do céu? Será mulher?...

Nunca esgotamos o mistério do Mundo.

JO'E FERNANDES FAFE

GOSTO DA MINHA LISBOA

MANUEL VIEGAS e o Conjunto Oliver

GOSTO DA MINHA LISBOA
EU SOU MAU
ONDE ESTÁS AMOR?
É TRISTE CASAR

DISCO DECCA P-DFE 6589

Há quem adivinhe o futuro das outras pessoas pelas linhas gravadas na palma da mão... Contudo, para nós, não é esse o processo mais prático e seguro de adivinhar o futuro (artístico) de Manuel Viegas. Há uma outra forma melhor de prever o futuro deste jovem artista: observando — que é como quem diz, escutando — as linhas gravadas nas duas faces deste disco.

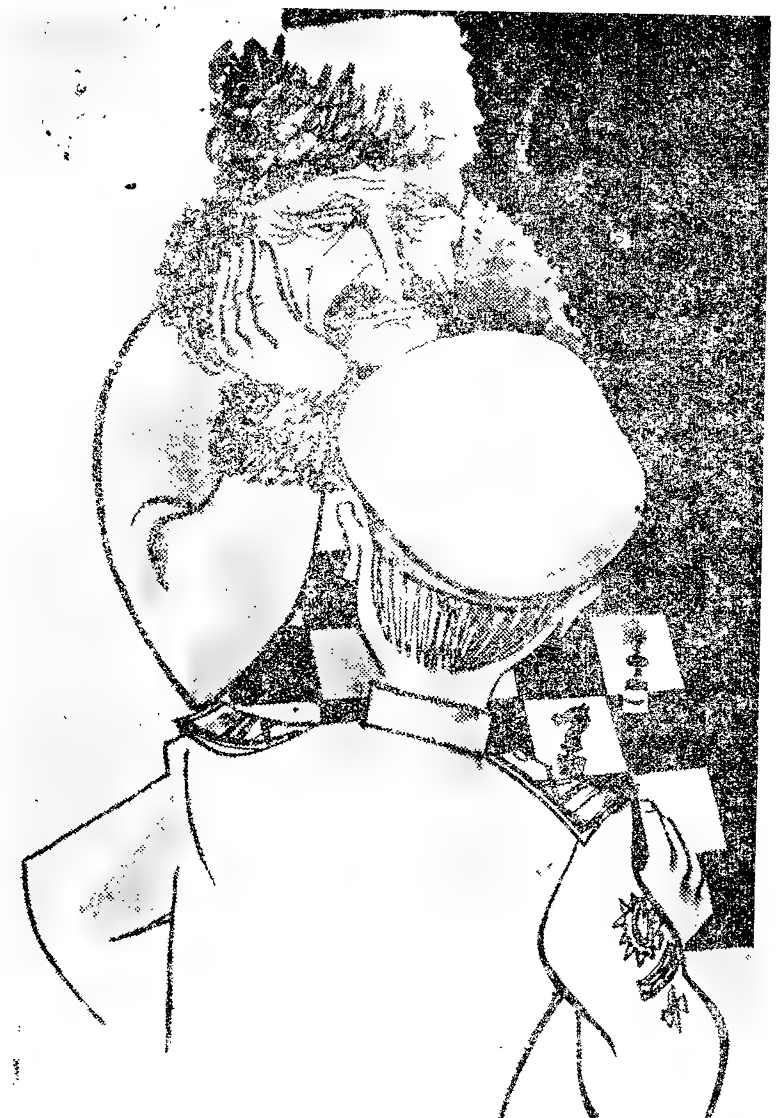
Por aí se verifica, quanto ao presente, que Manuel Viegas é um artista completo, que compõe as suas músicas, escreve as suas letras, toca — muitíssimo bem — piano, vibrafone e acordéon, e canta, de uma forma originalíssima, e com uma das vozes mais agradáveis que têm aparecido ultimamente, composições ligeiras, coloridas, ritmadas, que fazem bem aos ouvidos...

Quanto ao futuro, adivinhamos para Manuel Viegas um sucesso sempre crescente e muito merecido, porque se trata de um artista novo, em idade, em ideias e em estilo, e que, a avaliar por estas gravações, não precisa de «ir á bruxa» para que lhe ensinem o caminho do êxito.

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO, LDA.
R. Nova do Almada, 97

O JOGADOR DE XADREZ

por SCHOLEM ALEYCHEM



ORA aconteceu que um grande senhor se apeou de uma rica carruagem diante da loja de relógios do meu avô. Entrou, seguido por dois camareiros de uniformes constelados de medalhas e condecorações.

– Onde está o judeu chamado Ruben Rubinstein? – gritou o cavalheiro.

O meu avô ficou inteiramente perturbado. Mas dominou-se e respondeu.

– Sou eu mesmo, o judeu Rubinstein.

Imediatamente o grande senhor passou a ser amável e cordial.

– Estou satisfeito por saber que és tu o judeu Rubinstein. Manda-nos servir o Samovar e, ao mesmo tempo prepara o tabuleiro de xadrez. Disseram-me que ainda ninguém conseguiu dar-te xeque--mate.

Uma partida sucedeu a outra. O samovar depressa se esvaziou. Consumiram-se também vários frutos doces, assim como bolos feitos pela minha avó.

Cá fora, á volta da praça, a multidão estava reunida, toda a espécie de hipóteses foi admitida. Um assegurou que o senhor trazia uma ordem de prisão do governador para o relojoeiro acusado de fraude: tinha usado oiro falso nos seus trabalhos, ou melhor, alguém, caluniosamente, o acusara dessa falta. Nenhum dos basbaques ousou penetrar no interior da loja, a despeito da impaciência e curiosidade.

O cavalheiro era um excelente jogador de xadrez. Mas isso não o impediu de ser batido pelo meu avô que infligiu xeque-mate, sobre xeque-mate.

Como tudo tem um fim, também neste caso tinha de o haver. O grande personagem levantou-se, estendeu dois dedos da mão ao parceiro e disse-lhe:

– Escuta, Ruben Rubinstein, bateste-me bem batido de verdade. És o melhor jogador de xadrez; não apenas da área do meu governo mas de todo o Império. Talvez sejas mesmo o melhor jogador de xadrez do Mundo. Pela minha parte considero-me satisfeito por ter tido a honra de me bater com tal campeão. Podes estar certo que de hoje em diante o teu nome sairá da obscuridade. Divulgarei os teus méritos nos ministros, falarei de ti na corte.

– Ministros! Corte!... o meu avô não compreendia.

– Mas quem sois vós, Excelência? – perguntou ele, timidamente.

– Sou o governador desta província – respondeu o nobre visitante, fazendo avançar o peito cheio de enfeites e dourados.

Mas uma vez o medo se apoderou do meu avô! Bater um governador! Se tivesse sabido, certamente arranjaria maneira de perder uma ou duas partidas.

Contudo o governador partiu cortèsmente, levantou-se e foi-se embora.

Foi então que os basbaques invadiram a loja. E quando souberam que era o governador que tinha vindo pessoalmente bater-se ao xadrez, houve gestos e manifestações quase ameaçadoras. Nos dias e nas semanas seguintes e nos meses que se seguiram ainda falava-se do assunto. Depois, esqueceu tudo: outros acontecimentos sensacionais vieram substituir aquele. E o avô também esqueceu porque a atenção foi desviada para outras pequenas coisas sem falar das suas preocupações diárias: a volta do pão de cada dia. Entretanto chegou a véspera da Páscoa. O avô estava sentado, lupa no olho, reparando um relógio. Em casa não havia sequer meios de comprar um pequeno folar para a família e as crianças precisavam de sapatos e camisas. «Como resolver este problema?», dizia consigo o avô, quando a porta se abriu e dois gendarmes entraram.

«Faça favor», disseram eles, e o avô recordou-se imediatamente do governador e das suas promessas. Se a hora da recompensa tinha soado, vinha realmente numa boa altura. Sim, talvez o governador viesse agora cumulá-lo de benefícios. Já não era a primeira vez que se davam casos desses. De um dia para outro um pobre judeu ficava rico, graças ao favor de um nobre e nunca mais, nem ele nem nenhum dos seus, até ao fim dos tempos, passariam mais necessidades. Os gendarmes explicaram ao avô que devia dirigir-se imediatamente á capital, a pé.

– Para S. Petesburgo? A pé?

Sim e porquê? Não sabiam. Era essa a ordem que tinham recebido e que transmitiam: «Com certeza que fizeste alguma patifaria», acrescentavam: vá, confessa, como foi isso? O avô jurou por todos os seus deuses que estava inocente, que durante toda a sua vida não tinha feito mal nem a uma mosca, e que toda a aldeia o podia testemunhar.

Apesar disso foi levado, mas como na ordem recebida pelos gendarmes vinha que se deveria transportar a S. Petesburgo, isso significaria, necessáriamente, que devia juntar-se á leva de forçados com cadeias nos pés. De um modo geral, metade dos efectivos destas levas morria no caminho, de esgotamento ou miséria. Mas o avô, que quase só tinha ossos, era resistente como o diabo. Tinha também por si a força de alma de um verdadeiro crente e a serenidade de um sábio. Todos os habitantes da aldeia lhe desejaram a conduta e se bem que o destino mais provável de uma leva fosse a Sibéria ninguém quis aceitar os seus adeuses nem consentiram que recitasse a confissão dos moribundos. Todos choraram de pena e desejaram ao meu avô que em breve estivesse de volta.

A leva dos forçados durou todo o Verão. Nos depósitos, ao fim de cada etapa, os prisioneiros aguardavam durante semanas, por vezes meses, ... para ... novas levas de condenados. Quando todos aqueles miseráveis atingiram finalmente S. Petesburgo o avô foi fechado numa dessas sinistras masmorras chamadas tumulos, onde não é possível estar nem de pé, nem deitado, nem sentado, nem de cócoras.

Nesta extrema situação deve ter-se, decerto, resignado a dizer a oração dos moribundos, porque o Anjo da Morte pairava constantemente diante dos seus olhos.

Entretanto, os habitantes da localidade ... fizeram diligências ... avô. Reuniram ... quantias e mandaram grossas maquias para advogados e funcionários do tribunal. Estes senhores, depois de guardarem o dinheiro, explicavam, com muito bom senso, a razão por que não lhes era possível tirar daquela situação o meu avô: pode-se fazer passar por inocente — argumentavam eles — um ladrão de cavalos porque se sabe qual é o seu delito. Mas como desculpar um indivíduo que não está acusado de nada, que não dá motivo para qualquer contestação e do qual não se pode discutir nem o assunto nem o processo, dado que não existe? E, quem sabe, uma vez que as autoridades não querem formular a acusação contra o relojoeiro Rubinstein, pode bem ser que se trate de um crime político, de um inexprimível crime do Estado... Ora, nós não podemos intervir num crime político porque uma tal intervenção é, por si própria, um crime político. Mas chegou o dia em que a porta da masmorra foi desaferrolhada. Dois novos gendarmes, armados dos pés á cabeça, depuseram o meu avô, mais morto que vivo, num banco de um fiacre. Iam, sem duvida, julgá-lo. Toda a condenação, inclusive, a forca ou a guilhotina, era preferível á masmorra sem espaço.

O fiacre chegou diante de uma fortaleza. Fizeram descer o meu avô e conduziram-no até um compartimento onde o mandaram despir completamente. Depois mergulharam-no numa banheira e os guardas lavaram-no e esfregaram--no. A seguir teve de subir novamente para o fiacre que o deixou diante de um palácio ornado de águias. Disseram a meu avô para não ter medo, que estava proibido de tremer. Em companhia dos seus gendarmes passou diante de uma fila de generais com dragonas douradas. Soube então que ia ser apresentado ao imperador.

Rapidamente se encontrou numa sala decorada de maravilhosos frescos. Perante ele estava um homem de estatura alta com largas suíças. E ouviu-se o diálogo seguinte:

O IMPERADOR – Como te chamas?

O AVÔ RUBINSTEIN — Ruben Rubinstein.

O IMPERADOR – Que idade?

O AVÔ RUBINSTEIN – Cinquenta e sete.

O IMPERADOR – Quem te ensinou a jogar o xadrez?

O AVÔ RUBINSTEIN – Na nossa família praticou-se sempre o xadrez, de pai para filho.

O IMPERADOR – Dizem que és o primeiro jogador de xadrez do meu Império.

A isso respondeu o avô que mais lhe valia não ser o primeiro jogador de xadrez de tal Império. O imperador perguntou-lhe então «porquê?» E o avô queixou-se da maneira como trataram precisamente o campeão de xadrez da Russia que o soberano fizera questão de conhecer. Mas o tempo fixado para a audiência acabara. O imperador fez um ligeiro sinal com a mão.

Os generais aproximaram-se e os dois gendarmes conduziram o avô para fora da sala. No tribunal disseram-lhe que estava livre e que devia imediatamente voltar para o seu sítio habitual porque os judeus não tinham o direito de viver na capital ...

Contudo ... ter ... em ...

Foi o ano passado que se comemorou o centenario do nascimento de Salomão Rabinowitz, que sob o pseudónimo de Scholem Aleychem, foi o mais popular de todos os escritores da lingua yiddich. Nasceu em Pereyeslav, na antiga provincia de Poltava, na Russia, e, depois de uma vida cheia de experiencias, veio a morrer em 1916, no bairro Bronx, na cidade de Nova York.

Scholem Aleychem é considerado não somente o precursor e o fundador das letras Yiddish mas também e acima de tudo, o seu grande clássico. Fez do velho e pobre idioma judeu-alemão e hebreu-eslavo uma lingua suficientemente expressiva e apta para transmitir as mil e uma variantes do pensamento e sentimento humanos. E depois de ter construído pelas suas próprias mãos esse instrumento de trabalho, criou, ele próprio, uma obra extraordinária considerada por muitos a quinta essência poética duma comédia humana».

Através duma dada sociedade, as personagens de Scholem Aleychem, os seus D. Quixotes e Sanchos Panças da burguesia judaica da velha Russia, reflectem tipos eternos. Depois da sua morte houve inumeras reedições das suas obras mais populares. Ainda que «desertor do hebreu» Scholem está traduzido no hebreu moderno, em Israel, e as suas obras conhecem uma popularidade que, salvo a do poeta Bialik, ultrapassa de longe a de todos os representantes da jovem literatura hebraica. Uma das ruas no centro de Tel-Aviv, tem o nome de Scholem Aleychem.

O teatro de Scholem jogou um papel de muito relevo no desenvolvimento da arte cénica em lingua yiddish e foi, por exemplo, criando as suas ricas personagens que o célebre Paul Muni iniciou a sua brilhante carreira de grande actor.

Mas foi, sobretudo, como humorista, como contista genial do trágico e do cómico que mais se notabilizou. Scholem provoca o riso libertador nas cenas mais tenebrosas. Por vezes a história arrasta-se lenta, grave, adensando-se no negrume do sofrimento e na desventura filha da violência e arbitrariedade. E' o caso do conto que hoje publicamos relatando as vicissitudes dum pobre jogador de xadrez.

Ao longe nas estradas intermináveis pressente-se a caminhada penosa da leva dos condenados ou dos proscritos. Ei-los ao encontro do seu destino que pode muito bem ser o estripido raciocinio dum guarda iletrado, a rigidez e indiferença dum funcionário tacanho ou a contra-ordem dum qualquer Cesar colocado no fim da jornada. Mas assim mesmo o riso salta, desprende-se das situaões e do ridículo das pessoas.

Contudo, as grilhetas ouvem-se entrechocar num sinistro ruido.

Diario de Lisbôa

De uma semana para a outra

REVISÃO HEBDOMADÁRIA DE FIGURAS E FACTOS

DIA 19

EM PORTUGAL — [illegible] concurso público [illegible] para a construção e distribuição de 2.575 fogos em Lisboa. ✱ Foi assinado um acordo de intercâmbio cultural entre Portugal e os Estados Unidos. ✱ O ministro das Corporações inaugurou o Roseiral Infantário para os filhos dos empregados de escritório.

NO ESTRANGEIRO — Adenauer disse em Los Angeles que só pelo armamento poderemos atingir o desarmamento e que se as potências ocidentais cedessem perante a Russia no caso de Berlim o Ocidente ficaria vexado. ✱ A ex-imperatriz Soraya da Pérsia declarou que fixaria residência em Munique. ✱ Em Genebra, os russos disseram aceitar condicionalmente a proposta americana que põe termo a todas as experiências e pesquisas nucleares. ✱ O Governo da Bolivia dominou uma tentativa revolucionária. ✱ Na região do Recife as chuvas e inundações torrenciais causaram prejuízos sem conta. Há 2.000 [illegible] mersos.

DIA 20

EM PORTUGAL — [illegible] do Estado Maior [illegible] Exército brasileiro [illegible] Lima Brayner, [illegible] de Évora. ✱ A Sociedade Estoril-Sol distribuiu mais de 100 contos [illegible] para obras [illegible] por motivo do [illegible] do Estoril. ✱ O [illegible] patriarca presidiu [illegible] comunhão pascal dos estudantes. ✱ No Seixal foi inaugurado o novo edifício do Matadouro. ✱ No Campeonato de Futebol o Benfica venceu a Académica por 5-1; o Sporting empatou em Évora por [illegible] e o Belenenses [illegible] Setúbal por 1-0.

NO ESTRANGEIRO — Eisenhower teria declarado a Kruchtchev que os Estados Unidos não tencionavam partilhar as suas armas atómicas com os aliados da N. A. T. O. ✱ Os soberanos da Pérsia anunciaram que a imperatriz Farah Diba espera um filho. ✱ Houve tumultos em Quito, no inicio da campanha eleitoral. Houve 7 mortos e 25 feridos. ✱ Da Argentina informa-se que se projectava uma semana de terror para sabotar as eleições argentinas, sendo descoberta pela polícia [illegible]

DIA 21

EM PORTUGAL — Para a Guiné seguiu o embaixador dos Estados Unidos que vai inaugurar o monumento ao general Grant. ✱ O coronel Hornung foi agraciado com a comenda do Império Português. ✱ O arquitecto Keil do Amaral recebeu o prémio «Diário de Notícias». ✱ A Câmara Municipal de Lisboa promoveu uma visita ao Matadouro Municipal e á Central pasteurizadora de leite. ✱ Em Goa foi inaugurada a II Feira do Livro Português.

NO ESTRANGEIRO — O general Chang-Kai-Chek foi reeleito presidente da Republica Chinesa. ✱ Nos tumultos da União Sul-Africana houve 51 mortos e 150 feridos. ✱ Na Haia está a ser estudada a queixa de Portugal contra a União Indiana. ✱ Anuncia-se que a princesa Margarida representará a rainha Isabel nas comemorações da independência da Nigéria. ✱ Em Itália, Tambroni foi encarregado de constituir governo. ✱ Uma avioneta americana foi alvejada a tiro e obrigada a aterrar em Cuba. ✱ Dudley Senanayake foi eleito primeiro-ministro de Ceilão.

DIA 22

EM PORTUGAL — Foi inaugurada nova central de telegramas telefonados dos C. T. T. ✱ O prof. Rui Luís Gomes antigo professor da Universidade do Porto foi homenageado com um jantar a que presidiu o dr. Jaime Cortesão. ✱ A assembleia-geral do Sporting aprovou o relatório e contas e reelegeu os corpos gerentes. ✱ Para Paris partiu o sr. secretário de Estado da Agricultura.

NO ESTRANGEIRO — Na União Sul-Africana continua a revolta de 100 mil negros contra o bilhete de identidade. ✱ O ultimo filho da rainha Isabel foi registado com o nome de André Alberto. ✱ Na Macedónia um tremor de terra destruiu mais de 2.000 casas. ✱ No Japão, uma explosão de dinamite causou 21 mortos e 13 feridos.

DIA 23

EM PORTUGAL — O presidente da Republica almoçou em Belém com professores e alunos do Conservatório e das Belas-Artes. ✱ Na S. N. B. A. inauguraram-se quatro exposições de pintura, entre elas a de João Reis. ✱ Para a Argentina, onde vai reger um curso de Algebra Superior, partiu o prof. Rui Luís Gomes. ✱ Começou a ser julgado na Boa Hora o antigo tesoureiro da Casa da Moeda, acusado dum desfalque de 800 contos. ✱ Na C. M. L. tomou posse a Comissão de Estética Citadina. ✱ Portugal e a Etiópia decidiram elevar as suas representações diplomáticas a embaixadas.

NO ESTRANGEIRO — Nikita Kruchtchev chegou a Paris em visita oficial. ✱ O ministro dos Estrangeiros de Espanha pediu em Washington um maior auxílio americano a Espanha. ✱ A calma voltou ao Transval segundo um comunicado oficial do Governo sul-africano. ✱ Na região de Agadir fizeram-se [illegible] novos [illegible] de terra.

DIA 24

EM PORTUGAL — [illegible] inaugurado [illegible] do presidente Craveiro? Assistiu o embaixador dos Estados Unidos. ✱ Regressou a Lisboa o dr. F. Vieira Machado que visitou as províncias ultramarinas portuguesas e as filiais do Banco Nacional Ultramarino. ✱ O Presidente do Conselho recebeu os portugueses de Goa que se encontram de visita à Metrópole. ✱ A estrada entre o Porto e a Foz está inundada, devido ás ultimas chuvadas. ✱ Foi adjudicada a construção do Instituto Calouste Gulbenkian, por mais de 11 mil contos. ✱ A Fundição de Mangualde anuncia que vai construir camiões. ✱ O general [illegible], chefe do Estado Maior [illegible] visitou a Academia Militar.

NO ESTRANGEIRO — Nikita Kruchtchev propôs em Paris um pacto de não-agressão entre a N. A. T. O. e os países comunistas. ✱ O ministro dos Estrangeiros de Espanha disse em Washington que a Espanha resistirá a qualquer agressão da Russia e da China, em Africa. ✱ Na Suécia fez-se sentir um [illegible] sismo de certa intensidade. ✱ Anuncia-se que o embaixador Assis Chateaubriand [illegible] a melhora. ✱ Anuncia-se que o primeiro-ministro Macmillan [illegible] Washington conferenciar com Eisenhower. ✱ Henry de Montherland foi eleito membro da Academia Francesa.

DIA 25

EM PORTUGAL — [illegible] embaixador da Republica Arabe Unida apresentou as suas credenciais. ✱ Na cadeia do Limoeiro [illegible]. ✱ O general Brayner foi a Santarém depor uma coroa de flores sobre o túmulo de Pedro Alvares Cabral. ✱ No [illegible] Alentejo [illegible]. ✱ [illegible] sileiro contemporâneo [illegible] de conferências promovido pela Sociedade Portuguesa de Escritores.

NO ESTRANGEIRO — [illegible] Kruchtchev conferenciou novamente com de Gaulle, em Paris. ✱ O Chile e a Argentina concordaram em que a rainha Isabel II fosse a medianeira na disputa de fronteiras dos Andes. ✱ N. [illegible] Sul [illegible] da [illegible] o Governo tenciona proibir as actividades do Congresso Nacional Africano.

Comentario Internacional

A demorada visita de Kruchtchev a França permitiu ao general de Gaulle adiar algumas dificuldades que os acontecimentos e os homens nas ultimas semanas semearam no seu caminho. São de vária ordem essas dificuldades e não se vê bem por enquanto, como conseguirá resolvê-las sem graves repercussões, para si próprio e para o regime que instaurou naquele país. Dificuldades políticas, económicas e militares, há de tudo isto no passivo do presidente da V Republica ameaçando a sua estabilidade e comprometendo o seu futuro. Esta encontra-se, mais do que nunca, envolta na bruma das previsões opostas que, incessantemente, formulam com fundamento diversos os seus amigos — que são os seus incondicionais — e os seus adversários cujo numero aumenta incessantemente.

As dificuldades políticas resumem-se na transformação do regime e na crise constitucional que ela acarretou. O general de Gaulle, ao promulgar a sua Constituição, mais tarde aprovada em consulta publicitária, fez uma experiência de resultados contingentes. Os factos desmentiram as suas esperanças. Tratava-se de conciliar a sua tendência para o exercício do poder pessoal com a colaboração de um poder legislativo em que as organizações partidárias, que sobreviveram ao golpe de Estado de 13 de Maio, tinham uma importante função a desempenhar. Em vez da colaboração, que certamente esperava, foi a autonomia que resultou da experiência.

Mais do que de um conflito de critérios, trata-se, com a sua recusa a sancionar o pedido da maioria dos membros do Parlamento para este ser convocado em sessão extraordinária, de uma oposição insanável de concepções sobre a verdadeira natureza e funcionamento do regime instaurado pelo general de Gaulle. Essa oposição só será resolvida com uma nova Constituição. Seria ingenuidade supor que bastará, para a resolver, a substituição da Assembleia Nacional actual. Esta insurgiu-se contra o general no momento em que se convenceu de que podia reivindicar os seus direitos sem que ele estivesse em condições de lhe opor uma recusa inconsequente.

Que aconteceria, electivamente, se o conflito, não apenas esboçado, mas em franca evolução, entre o general de Gaulle e a Assembleia Nacional, se agravasse nos próximos meses, tornando-se insanável? Ou o primeiro dissolvia a segunda, ou se acomodava a suas sugestões. No caso de um rompimento, ou realizava novas eleições, nos termos da Constituição que promulgou, ou entrava pura e simplesmente pela senda do poder pessoal indiscriminado e sem peias. A realização de eleições legislativas em França levaria á formação de uma frente popular ou equivalente a qual extrairia das urnas, se não uma maioria pelo menos uma representação da esquerda capaz de tornar impossivel, sem o seu assentimento, o funcionamento da Assembleia.

O que acaba de se passar em Quimper, na Bretanha, constitui uma lição que o general de Gaulle e os seus colaboradores não podem deixar de ter em conta. Naquela localidade, os agrupamentos do centro-esquerda — radicais, socialistas e comunistas — juntaram os seus votos contra os do centro-direita — U. N. R. e republicanos populares. Na segunda volta do escrutinio triunfaram por larga maioria os primeiros. Não deve esquecer-se que o «test» teve lugar na Bretanha onde o sentimento religioso e mesmo reaccionário e monárquico perdurou através de tudo.

Além destas dificuldades, politicas, o general de Gaulle terá de enfrentar, logo que Kruchtchev deixe o território francês, dificuldades económicas graves resultantes do movimento de protesto dos agricultores e da ameaça de inflação — e militares, estas ultimas resultantes da guerra da Argélia. Se, como disse aos militares durante a sua ultima visita ao Norte de Africa esta vai continuar por prazo indeterminado, então não lhe será possível prosseguir, sem adaptar toda a vida do país, desde a política á economia a uma guerra com todas as suas repercussões profundas no moral da população já duramente experimentado por quinze anos de campanhas coloniais incessantes e custosas.

Notícias ainda não publicadas

Não haverá surpresa se antes da conferência de alto nivel marcada para meados de Maio, Kruchtchev anunciar a retirada de todas as forças soviéticas que ainda se encontram na Alemanha Oriental. A seguir [illegible] insistir no valor desse [illegible] para [illegible] negociações [illegible] sobre o futuro da Alemanha e [illegible] de Berlim que o chefe do Governo soviético pede, como condição imprescindível de qualquer acordo [illegible] com as nações ocidentais.

Outra iniciativa [illegible] e a cautelosa que se espera em Genebra da parte da delegação soviética encarregada de estudar o problema do desarmamento [illegible] na qual estão representadas dez nações dos dois blocos e, segundo se diz, uma proposta para a destruição imediata de todos os submarinos existentes. A União Soviética como se sabe possui mais milhares de unidades [illegible] e os Estados Unidos, menos [illegible]. Mas os Russos [illegible] que os submarinos [illegible] em pouco tempo [illegible] com projécteis do tipo «Polaris».

Estão em curso negociações para o fornecimento de novas armas de proveniência soviética ou do bloco comunista á Republica Arabe Unida. A extensão na fronteira israelo-árabe, e a vez de se estabelecer, [illegible] viagem aos Estados Unidos, de Ben Gurion resultasse uma probabilidade, [illegible] de [illegible] termo Nasser [illegible] o seu [illegible] de [illegible] o [illegible] da União Soviética para realizar as suas [illegible].

Os Russos fizeram recentemente uma diligência instante junto do Governo do Panamá para estabelecer relações diplomáticas entre os dois países e para conceder um empréstimo no valor de cinquenta milhões de dólares, a longo prazo e com juro insignificante. Embora o presidente panamiano, La Guardia, se tenha oposto a que as negociações prosseguissem, é dificil dizer se essa decisão se manterá indefinidamente tendo em conta as necessidades económicas do Panamá.

Uma missão constituida por dois peritos financeiros soviéticos visitou recentemente a Suécia onde entabulou negociações com quatro estabelecimentos bancários aos quais fez ofertas de auxilio substancial e em condições altamente vantajosas. Segundo parece, os Russos, para prosseguirem nas conversações entabuladas, propõem-se reforçar essa missão num futuro próximo.

Ha em curso sugestões para mudar o nome oficial do partido comunista jugoslavo — Liga dos Comunistas da Jugoslávia. A razão é simples. A designação levanta dificuldades nas relações entre aquele país e alguns países neutrais da Asia e da Africa que não desejam ver-se considerados como fazendo parte da esfera de influência da União Soviética e para isso querem afastar as aparências que podem comprometê-los.

Fala-se na próxima demissão do ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel a sr.ª Golda Meir. Os motivos da demissão são vários mas o principal é a série de declarações feitas por outras personalidades categorizadas em oposição aos seus pontos de vista e á orientação que tem procurado seguir no desempenho do seu cargo.

JOÃO CÂNDIDO BELO & C.ª, L.da

VILA FRESCA DE AZEITÃO
PORTUGAL

Telefones: 028029 028062-028078

A TRANSPORTADORA SETUBALENSE

Serviço público de transporte de passageiros, na maior rede de camionagem do País: 220 viaturas percorrendo 23.000 quilómetros diários. Aluguer de autocarros para todo o País e estrangeiro.

«BELOS» — AGENCIA DE VIAGENS E TURISMO

Av.ª 5 de Outubro, 52 — Tel. 23291
SETUBAL — PORTUGAL

Excursões para todo o País e estrangeiro em autocarros de luxo. Concessionários exclusivos de circuitos na ZONA TURISTICA DA ARRÁBIDA.

«CIRCUITO TURISTICO DA REGIÃO DOS 3 CASTELOS»
«CIRCUITO TURISTICO DA SERRA DA ARRABIDA»
CONSULTE OS NOSSOS PREÇOS ITINERÁRIOS E CALENDÁRIOS DE VIAGENS

CAFÉ CORUJA

Restaurante tipico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada à Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filetes a Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito á Moda da Casa
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

Jornal dos jornais

Transportes urbanos em Faro

Da pena de Encarnação Viegas, um jovem que se está afirmando no jornalismo, saiu-no nosso prezado colega «Jornal do Algarve» um artigo: «Transportes Urbanos» — integrado na sua habitual *Crónica de Faro* —, que nos interessou pelo que nele se revela de bom senso.

Faro, sendo uma cidade antiga, espraia-se hoje por vasta área, «alongou as suas fronteiras para além dos acanhados limites da Estrada da Circunvalação, estendendo os seus tentáculos até aos arrabaldes outrora desertos», e, por isso, «já se vai fazendo notar a carência de um meio de transporte colectivo que ligue rapidamente, entre si, os bairros mais distantes e estes á «baixa» da cidade» — diz Encarnação Viegas.

O articulista, para justificar qualquer possível observação quanto ás precárias condições de exploração de tal transporte, ajunta: «Se o movimento citadino não comporta ainda o numero suficiente para carreiras contínuas, cremos bem que, desde que se procedesse aos estudos indispensáveis, poderiam circular na nossa capital carreiras de autocarros com horários fixos e a espaços regulares».

E acrescenta:

«Olhando atentamente para o plano geral vemos a necessidade de transportes para os alunos das escolas, liceus e colégios, assim como para aqueles que labutam nas organizações fabris instaladas na periferia que se vêem coagidos a transportar e tomar o almoço ainda da mesma maneira arcaica dos nossos ancestrais, na tradicional cestinha de verga, uma vez que o período destinado áquela refeição é insuficiente para se deslocarem ás suas residências, muitas vezes situadas em bairros opostos áqueles em que trabalham».

A aspiração é legítima: oportuna a apresentação da iniciativa. Daí, a necessidade de o Município farense encarar e resolver o problema; seguindo o exemplo de diversas cidades do País, entre elas Viseu e Viana do Castelo, mais recentemente, que elaboraram já os planos e puseram a concurso este serviço de transportes colectivos nas suas áreas citadinas.

(*«Os Transportes», de Lisboa*)

O monumento

a Norton de Matos em Nova Lisboa

Tomado conhecimento da carta de 6 de Janeiro do escultor Euclides Vaz, professor da Escola de Belas-Artes de Lisboa, em que se agradece a deliberação municipal de 9 de Dezembro de 1959, pela qual foi incumbido de elaborar novo ante-projecto para o monumento a Norton de Matos, subordinado ao parecer da Comissão de Edifícios e Monumentos Nacionais, de Luanda, a Camara de Nova Lisboa, decidiu solicitar áquele artista a execução rápida do citado trabalho, por forma a possibilitar a inauguração do monumento na data do cinquentenário da fundação da Cidade, em 1962.

(**«Notícias», de Luanda**)

Sempre que lhe é possível tem a Madeira, nesta altura do ano, em que a Primavera já se faz anunciar impressivamente a visita de um amigo constante e dedicado: Mr. Alexander C. Thomson, que reside em Leeds Inglaterra, onde desenvolve intensa acção comercial

E, desta feita, assim sucedeu novamente. Mr. Thomson encontra-se, mais uma vez, entre nós. Sempre com uma ideia original (e agradável) sobre a Madeira e a sua gente. Com um gosto crescente de exprimir-se na língua de Camões. E com visível prazer de reencontrar amigos e arranjar novas amizades.

—A Madeira é a terra de contagiante sorriso...

E' este o seu «slogan» deste ano, que propaga intensamente.

Mr. Thomson leu, ontem, neste diário (já compreende muito bem o português) que para as vítimas de Agadir haviam sido enviados medicamentos e roupas desta ilha. Sensibilizou-o particularmente a notícia, até por saber que o nosso hospital funciona graças á generosidade oficial e particular. «Boa gente esta que não se esquece, apesar dos seus naturais problemas, da sorte dos seus semelhantes na cidade-mártir».

E foi assim pensando que entregou algumas centenas de escudos com destino ao Hospital da Santa Casa — dádiva, que, segundo sua expressão, não representa mais do que um pouco da sua admiração pela nossa terra e pela sua gente.

Eis um gesto que se regista — com vincado prazer.

(«Diário de Notícias», do Funchal).

Um pouco por toda a parte surgem os fenómenos mais diversos, perante os quais nós outros, simples homens habituados á banalidade dos factos e das coisas, quase pasmamos de sucpresa. E eles são tantos, aparecem com tamanha frequência, que o Entroncamento parece sériamente ameaçado no seu palanquim de principal centro de fenomenologia nacional. Neste último capítulo, Angola iniciou, há tempo, uma ofensiva em forma: primeiro apareceu, como divulgámos oportunamente, uma vitela com cinco patas; depois, soube-se que em Novo Redondo, uma árvore secular tinha «gerado» em si uma elegante palmeira; e, por último, acaba de aparecer algo que, por ser pouco vulgar, merece figurar entre as «armas» de que Angola dispõe para a sua «luta» contra a simbólica localidade metropolitana

O caso bastante simples, resume-se em poucas linhas: O sr. Pedro Gonçalves, residente no posto administrativo do Rimgoma, concelho de Camacupa e distrito do Bié, possui um vasto pomar naquela localidade onde as árvores, carregadas de frutos apetitosos despertam a curiosidade dos restantes moradores. Mas trata-se, sem duvida alguma, de um pomar vulgaríssimo — isto é, um pomar que dá frutos normais. Ora, há dias, o sr. Pedro Gonçalves foi tomado de natural surpresa ao verificar que uma das laranjeiras ali plantadas — por sinal bastante pequena — patenteava uma enormíssima laranja, de tamanho nunca visto na região. O fruto pesa 1,110 quilos e foi trazido de Camacupa para Luanda, pelo seu proprietário, que o exibiu na nossa redacção. Não há duvida de que, a continuar assim, Angola faz jus a um dos primeiros lugares entre os centros fenomenológicos do País — o que constituirá excelente cartaz turístico...

(«Diário de Luanda»)

Apontamentos de linguística e pitorescos da linguagem

A criação vocabular

Admite-se que um autor, por ansia de exprimir exactamente um cambiante, uma tonalidade que não encontra em qualquer palavra já existente, tente criar novo vocábulo, mas que o faça — impõe-se — dentro do espírito da língua. Fialho de Almeida foi pródigo em tal actividade mas nem sempre terá acertado a lógica dessa criação linguística.

São exemplos desse apelo para línguas estrangeiras ou para a simples fantasia verbal palavras como *constatar, controlar, basanado, bigarrado, chamarrado, merdiflor*, e, até, remontando mais longe, aquelas que a técnica em marcha obriga a compor em geral com elementos já existentes de idiomas mortos — *automóvel* ou *aeroplano*.

Aquilo em que importa assentar é que a derivação, quando se importa a palavra de uma língua estrangeira, deve ser rigorosamente portuguesa. Assim, quem preferir, por simpatia íntima, de natureza rítmica ou artística, a forma *carrilhão* (do francês carrillon) a *sino*, palavra nossa bem castiça, terá de formar, a partir dela, *carrilheiro*, quando muito *carrilhoneiro* (do francês *carrilloneur*), mas nunca *carrilhanor*, que seria o remate mais obtuso da importação.

A cor dos cabelos nos patronímicos

São frequentes entre nós os patronímicos que aludem á cor dos cabelos de um remoto antepassado, a quem a alcunha teria sido dada: «Louro», «Preto», «Castanho», «Ruivo», «Vermelho», «Cão» (encanecido). Em França, porém, a serie equivalente estende-se muito mais longe. Citemos apenas: «Leblond», «Fauvel», «Fauveau», «Bloy» (amarelo brilhante, no francês antigo), «Sor» e «Sorin» (formas também arcaicas, como nomes comuns), «Roux», «Leroux», «Rousseb», «Rousseau», «Lerouge», «Roujon», brun», «Brunet», «Brunot», «Brunel» e ainda «Legris», «Ferrant» (cinzento ferro), «Chenu» (encanecido) e «Canut» (no Sul da França), «Leblanc», «Senoir», etc.

O sufixo inho e o infixo z

Trata-se de uma regra extremamente simples, mas nem sempre, mesmo assim, respeitada quantas vezes por pessoas cujo nível social torna indesculpáveis tais erros. O sufixo *-inu*, indicando seres ou objectos de pequenas dimensoes, com tonalidade frequentemente afectiva, leva á introdução do infixo *z* entre a palavra simples e a terminação, sempre que aquela termine em vogal e quando se mantenha intacta. Exemplos: *cãozinho, pintezinho, leãozinho*, contrastando com *lobinho, gatinho, macaquinho*. Outras regras se podem relacionar com esta, considerando as terminações. — *TIRA TEIMAS.*

A FIGURA DA SEMANA

RICHARD CROSSMAN

O arauto da rebelião dos trabalhistas ingleses que, em grande numero se opõem á linha seguida pelo chefe do partido, Gaitskell, não é um desconhecido, dentro e fora do seu país. Trata-se de um parlamentar de longa data, apesar de não ser velho, com provas dadas. Além disso Crossman é um especialista das questões de política estrangeira e um jornalista de reconhecida categoria e notoriedade que, em mais de uma ocasião, demonstrou a sua coragem cívica e dotes de visão política. Os seus amigos consideram legítimas as suas ambições e não há duvida de que estas visam alto. Os seus adversários, dentro e fora do trabalhismo consideram-no um intelectual sem futuro e sem qualidades políticas especiais.

Seja como for, não há duvida de que Crossman jogou a sua carta no momento que lhe pareceu mais oportuno e favorável. Com Gaitskell assoberbado por dificuldades, havendo a impressão generalizada de que dificilmente corresponderá ás exigências do cargo que ocupa, e Bevan com a saude fortemente abalada, não se sabendo quando nem como voltará ao seu lugar nos Comuns, dificilmente se descortina, no panorama do trabalhismo britanico, quem com mais probabilidades do que Crossman possa ascender ás mais altas posições.

Para isso é preciso fazer uma afirmação categórica da visão política. Foi o que ele procurou fazer ao deixar o gabinete-sombra não hesitando em perder transitóriamente uma situação que muitos ambicionam. Nos grandes partidos ingleses essa táctica constitui o melhor meio de triunfar. Aconteceu isso com Lloyd George e Churchill e, depois deles, com Eden e Bevan. Todos se demitiram, mais ou menos espectaculosamente, das funções que desempenhavam esperando confiadamente que os acontecimentos lhes dessem razão. Os três primeiros chefiaram o partido conservador e governos desse partido e de coligação. As aspirações de Crossman não são certamente menores nem se justificam por motivos menos dignos de atenção do que aqueles que levaram os seus antecessores ao triunfo e ao poder em circunstancias particularmente difíceis.

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito
S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3—Tel. 24448
LISBOA

POLICLÍNICA CAMPO D'OURIQUE

Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-Dt.º
Telefone 66 99 64

Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos.
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos.
Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.
Dr. Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X.
Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas.

HIPOTECAS SOBRE PRÉDIOS

Está a nossa EMPRESA habilitada a fazer qualquer hipoteca, em vantajosas condições, no máximo sigilo. Todos os Ex.mos interessados, no próprio interesse devem-nos consultar e «Colher Referências».

NORTENHA
Praça da Alegria, 58-2.º
Tels. 32228-366812
LISBOA

por HARRY WHITTINGTON

ÚLTIMO EPISÓDIO

RESUMO DOS EPISÓDIOS ANTERIORES — Steve Morrison nem sempre se entendera bem com sua melhor, Florence: o cunhado, Brud, era o pomo da discórdia. Vivia em casa sem nada fazer. Florence e Brud foram a um concerto e a vizinha Jan chamou-o para uma bebida. Apareceu o «marido», Barney, que fica estendido e ferido na luta que se seguiu. Steve afasta-se durante dias. Sabe, depois, que a Polícia o procura, acusado do roubo dos patrões, Fishers. Regressa e tentam matá-lo ao desembarcar. Fala com o patrão Fisher; com um agente da Polícia, seu amigo e encontra-se finalmente com Brud e Jan que tinham desaparecido...

Brud pegou numa mala de mão e atirou-a para cima da cama.

— Eu não te quero matar Brud mas terei de o fazer se a isso me vir obrigado.

Brud olhou-o. Tremiam-lhe os lábios. — Anda para aqui, Florence.

Ela saiu da janela e pôs-se ao lado dele. Brud disse: — E' melhor falar-lhe disto, Florence. E riu: — Fala-lhe Florence. Há-de ouvir-te... e não te matará.

— Sai de ao pe dela! — disse Steve.

Brud apanhou o braço de Florence, pô-la á sua frente, entre ele e a arma de Steve. Riu novamente, e depois: — Dá ao gatilho, anda!—Fez avançar Florence, cobrindo-se com ela. Depois parou de novo, de maneira que Florence ficou contra a boca da arma.

Steve ficou hirto, em frente. Verdadeiramente doente. Afastou a arma. Via apenas os ombros lárgos de Brud aparecerem por detrás de Florence. Tentou recuar, mas não podia. Brud fazia avançar Florence com um braço e com o outro procurou apanhar o pulso de Steve que tinha a arma.

— Vamos, fogo! Prime esse gatilho e mata-a!—E a voz de Brud era selvagem.

Brud torceu-se e com a mão á altura dos joelhos procurava atingir Steve. Este quis recuar ainda, mas achou a parede do quarto. Brud tirou-lhe a arma dos dedos quase inermes.

Foi ao quarto ao lado, tirou as roupas e atirou-as sobre a cama.— Arruma-as por mim, Florence!

E Steve, então: — Florence, está quieta. Não o ajudes. E' preciso dizer á Polícia onde está. Se foge, serás condenada por o teres ajudado...

E Brud: — Cale-se ai! Já estou farto de lhe ouvir a sua voz.

Steve afastou-se e gritou: — Não vais prejudicar mais tua irmã do que já o fizeste.

— Não te mexes. Senão mato-o!

Alguem bateu á porta. Brud disse: — Vê quem é, Florence.

Florence foi á porta: — E' Jan!

Por momentos, Steve ficou petrificado. O rir de Brud o fez voltar a si. Steve viu-o pôr a arma na cómoda. Logo em seguida o punho esquerdo de Brud apanhou-o no estômago, e o punho direito atingiu-o no queixo.

Steve cambaleou. Brud recuou e Steve ajoelhou e caiu junto da cómoda. Brud deu-lhe ainda um pontapé.

E ouviu-se então a voz de Florence em verdadeira agonia: — Brud! E' demais!

Brud encolheu os ombros. Steve ficou como estava. Ouvia a voz de Jan falar por detrás dele. Era a loira desaparecida. Florence e Brud sabiam bem onde ela estava.

— A Polícia está á nossa procura, Brud. Ouvi o nosso médico no hospital. Houve agentes que foram lá, verificando a identidade de Barney.

Jack Whipple mexia-se, pensou Steve. Foi-se erguendo, agarrado á parede. A arma estava na cómoda, bem perto, mas para ele era demasiado longe.

Voltou-se e encarou Jan. Nada tinha de atraente agora essa loiraça, de cabelos frisados e agora muito atados. O olhar de Steve dirigiu-se para o homem que vinha com ela. Era Barney Ellerby. Tinha um adesivo na testa, mas não havia sinal de ele ter partido o crânio.

Jan olhava para ele com asco: —Se tivesses tido um pouco de senso tinhas ficado de fora.

Steve disse então: — Mandaste o homem á doca para me matar.

Jan estremeceu: — Foi Brud. E' a mesma coisa. O que Brud faz está bem feito.

E entao, Brud: — Se tivesses ficado de fora, nada disto se dava. Julguei que ao saberes-te suspeito do roubo dos Fishers tivesses o bom senso de ficar longe.

— Foste tu que roubaste Fisher?

— A culpa foi tua. Ele fartou-se de falar de dinheiro nessa noite, em tua casa. Por isso, a minha fértil imaginação começou a trabalhar. Porque não acrescentar o roubo ás outras acusações contra ti?

E Jan, então: — E' melhor não perder tempo. Vamos sair daqui e depressa.

— Espera um minuto, querida. Quem é que dá as ordens? Eu ou a minha querida loira? Não te esqueças que és disparável, querida.

Jan tentou sorrir: — Tenho medo é por ti, Brud. Mais nada.

As coisas fixaram-se no espírito de Steve. Jan jogara com ele e atraira-o; mas ela sempre fora a mulher de Brud. O plano fora de Brud e ela seguira-o á letra. E Barney Ellerby? Não era homem de Jan mais do que o éra Steve. Era um dos mandados de Brud.

O caso era simples. Steve era a unica pessoa que poderia levar Brud á Polícia por causa do escândalo que causara no publico e que a Polícia tinha de solucionar. Uma palavra de Steve e a Polícia prendia Brud. E Steve nem sequer suspeitara que era a principal testemunha que a Polícia procurava. Ele conhecia o que levaria a Polícia a intervir e que solucionaria o mistério, metendo alguns na prisão e destruindo as ambições de outros dos conjurados. Durante meses ele trabalhara comprando guindastes e ferros e tendo em ordem os livros de Fisher e nunca tendo compreendido que Brud o receava e que planeava matá-lo, um «acidente» fatal. E só Florence o pudera ter afastado disso.

Steve sentia-se doente. Por isso Brud surgira com o seu novo plano. Brud ordenara a Florence para fazer a fome de amor a Steve, em casa, sabendo que ele voltaria para Jan desde que ela facilitasse. Sòmente Steve não fora bastante rápido e o tempo passara, por isso tinha recorrido ao velho sistema da abotoadura.

Brud disse: — Vou sair. Vocês saiam calmamente. Vamos encontrar-nos no lugar que combinámos.

— E, a respeito deste? — perguntou Barney.

Brud encolheu os ombros: — Já deixei de me incomodar com ele. Disse a Florence que seria mais simples arranjar-lhe um acidente.

E depois, encarando Florence: — Bem, disseste-me para o deixar viver e acabou por estragar tudo o que eu arranjara. Pode ser uma boa lição para ti, Florence. Vais ver eu e Barney atar o teu rapaz, tão amigo, o teu amor. Vamos atá-lo e deixá-lo para os polícias que cheguem depois. E' o meu aviso. Não te intrometas agora na minha vida... irmã ou não...

Florence caiu sobre o toucador.

A voz de Bruce foi como um chicote sobre ela: — Eu podia ter sido alguém, o homem mais importante deste Estado, porque tinha quem me seguisse. Podiamos ter organizado o nosso grupo e sermos cada vez mais e mais importantes. E deixei-te falar-me e impedir-me de matar este homem.

Steve olhou Florence. Ao menos sabia que ela o amara. Os olhos magoados dela moveram-se lentamente, encontraram-se com os dele, e desviaram-se.

Ele estava firme contra a parede, esperando Brud e Barney. O sofrimento era terrível; é que esses sujeitos eram duros e faziam gemer as vítimas. Só queria que Florence não visse.

A face de Jan iluminava-se. Havia um fulgor de antecipação nos seus olhos.

Steve voltou-se para Brud e, atrás, ouvia Barney. Atiraram-no e foi cair sobre Barney. A mão de Brud caiu-lhe sobre o pescoço e ele endireitou-se, mas o joelho de Barney impediu-o. Depois o punho de Barney apanhou-o na cabeça.

Florence do outro lado: — Brud, isso já basta!

Por instantes pararam. Ela tinha a arma na mão. Os olhos estavam cheios de lágrimas.

A voz dela foi metálica, quebrando tudo. — Acabou, Brud! Não penses em ter esse poderio e ser seguido assim. Acabou e já!

Brud intimou: — Pousa essa arma.

— Não. Toda a minha vida se passou a julgar que tinhas razão. Fiz tudo o que querias. Atraiçoei o unico homem que amei. Defraudei-o e roubei-o. Procurei refelctir sobre o que fazias, e julguei ajudar-te. Mas tudo acabou, Brud. E's cruel e corrupto! Devias era estar na cadeia onde não pudesses fazer mal a ninguém.

Brud avançou para ela. Ele ergueu a arma. Tinha a cara fria, fria como o gelo.

Chorava. Disse ainda a Steve: — Podes aguentar, querido? Podes chamar a Polícia, agora?

Brud avançou, Florence recuou um passo para a janela. Brud riu, certo de que ela não ousaria fazer fogo, habituado como estava, em toda a vida a obedecer-lhe.

Ela recuou mais um passo. Tremia-lhe as pernas. Encostou-se á janela. Disse ainda: — A Polícia, Steve.

Steve conseguiu erguer-se. Levantou o auscultador: — Dê-me a Polícia. Por amor de Deus, muito depressa!

Barney saltou sobre ele e Brud atirou-se sobre Florence. Houve um estalido, o cheiro acre da pólvora e fumo espalharam-se no quarto. Brud afastou-se de Florence e da arma fumegante que tinha na mão.

Jan gritou e Barney suspendeu-se, intimamente paralisado. Florence chorava. Steve avançava para o lugar em que Brud caía. Este, com a mão, tentava impedir o sangue de correr do peito.

Steve pegou na arma e ela colou-se-lhe. E ele: — Bem, a Polícia chegará dentro de momentos.

Enlaçou-a e apertou-a contra si. Tudo correria bem. Tinham tido as suas quesílias e os maus momentos tinham passado. Mas ela amava-o e amava-o até quando mais o poderia ferido. Poder-se-ia recomeçar depois disso.

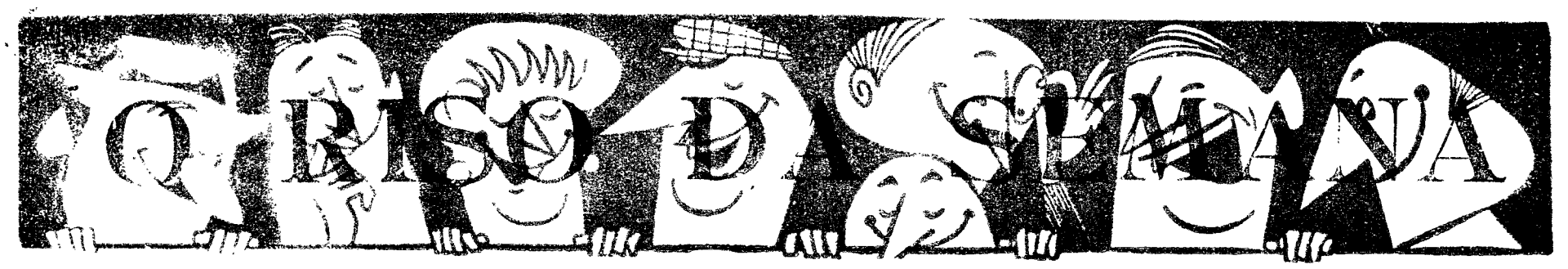
Assim o esperava.

A prova foi decisiva! Todas as donas de casa verificaram que o paladar que a Vaqueiro dá agora a todos os pratos é ainda mais apetitoso, mais requintado! O peixe, a carne, as sopas e os bolos ficam mais apurados, ainda mais saborosos. Saudável e fácil de digerir, a Vaqueiro é feita de óleos vegetais puríssimos que lhe dão aquele sabor agradável e fino. Cozinhe com a nova Vaqueiro! Agora, Vaqueiro vai dar-lhe ainda mais motivos de orgulho e causar novos elogios da sua cozinha!

TORNA TUDO

***AINDA* MAIS APETITOSO**

FABRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA. - SACAVÉM — 60-VA-33



Contradições

Os grandes navegadores da antiguidade descobriram grandes certas pra[illegible] o Mundo [illegible] os inventores [illegible] "Quando mais [illegible] estava".

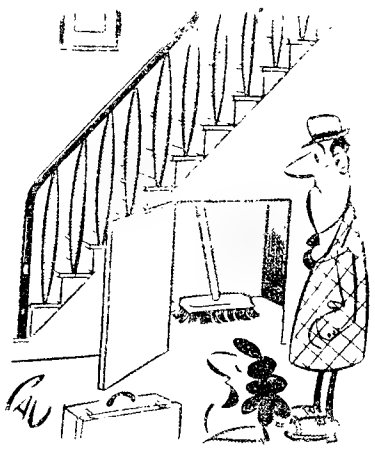
Estratagema

— E' o meu irmão mais novo .. Mas se eu lhe der dez tostões ele vai-se embora!

MENTIRAS

Ha [illegible] de qualquer [illegible] de mentiras. Vamos registando algumas mentiras inocentes, [illegible] piedosas, [illegible] descaradas, estatistica, platafor[illegible] politicas, conclusões [illegible] boletim meteorologico.

À procura de casa



— E' um quarto pequeno e engraçado desde que o senhor não seja muito exigente.

Estava a mão

Um sujeito é preso em lamentavel estado de embriaguez.

— Porque é que o senhor estava batendo, sem motivo algum, na pobre porteira da sua casa? — pergunta-lhe o juiz no tribunal.

— O quê, sr. dr. juiz, pois não era a minha mulher?!

Belo sistema

Era um senhor muito distraido que costumava seguir no comboio das 8 horas. A's 3 da manhã o guarda da gare admirou-se de o ver ali a passear e perguntou-lhe

— Hoje, vai mais cedo?

— Não. E' que sempre me esquecem coisas de que só me lembro quando já estou na estação. De modo que adopto este sistema para ter tempo de voltar atrás a buscar o que me esquece.

ALTERNATIVAS

Aquele sujeito tinha uma boca horrivel que afligia quantos dele se aproximavam. O seu melhor amigo costumava dizer:

— Eu se tivesse uns dentes como E. ou tirava as pessoas de ao pé de mim, ou me tirava de ao pé das pessoas, ou tirava os dentes ..

Namoro pegado e delicodoce.

— Meu amor, preferes uma mulher inteligente e feia ou uma muito linda e estupida?

— Nada disso, minha querida, antes te quero a ti ..

Que saltos

A famosa marquesa de Pompadour, para aliviar a mágoa de ser pequena, inventou os saltos altos, que chegaram ao exagero de — recorde máximo estabelecido em Paris — vinte centimetros de altura. Até fizeram que ela caia ..

Lógica de ferro

A Teresinha, com 5 anos, tinha sido deveras traquina e má, e a mãe declarou que em vez de a castigar, o que ia fazer, era trocá-la por uma menina boazinha.

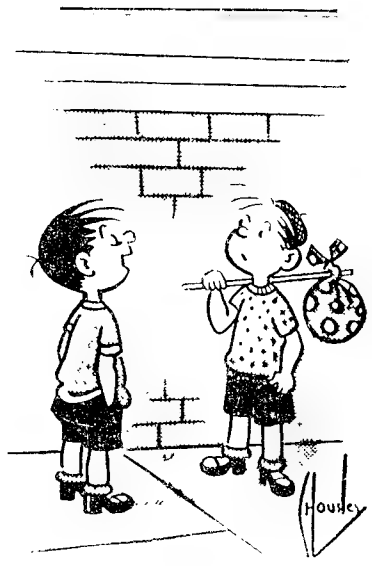
A Teresinha, que não se perturbou nada com isso, disse:

— A mãe não podia fazer isso! ..

— Não? Porque?

— Porque — explicou a garota com toda a calma — ninguém era tão parvo que fosse dar-lhe uma menina boa por outra má.

Ultima resolução



— Desisti de fugir de casa; eles pareciam ficar sempre muito contentes!

Excesso de velocidade

O cão tinha duas pulgas e ia a correr vertiginosamente atrás dum gato, quando uma delas disse para a outra muito apreensiva:

— Vês esta velocidade? Assim o que elas [illegible]

Progresso

A civilização não conseguiu ainda que os antropofagos deixassem de comer os seus semelhantes, mas em todo o caso, fez um grande progresso: já os comem de faca e garfo.

QUE MENINO

Quando o fotografo disse ao menino para estar muito quieto para ver sair o passarinho, ele retrucou prontamente: — Qual passarinho, seu palerma, veja lá mas é essa abertura da objectiva, com um dia destes, que vai estragar a chapa!...

No escritório

— Sim, lembro-me muito bem de lhe ter dito que podia trazer fato de sport aos sábados de manhã, mas ..

PERGUNTAR POR PERGUNTAR

Quando se vê dois [illegible] amigos nos sessões [illegible] ligar os ventoinhas?

Um sujeito muito cuidadoso pode perder o seu tempo?

E' preciso pagar licença p lo radio da perna?

Um [illegible] de muitos [illegible] estado de coisa?

Quem mora na Rua do Quebra Costas anda de muletas?

O rabecão é o violino do novo rico?

Na hora de morrer os enforcados sentem um nó na garganta?

O diabetico pode beber água doce?

Quando alguém corre com uma cana atrás dum pavão ele sente um medo pavoroso?

Esse negócio da floricultura é muito florescente?

Até...

Um moço do Texas querendo demonstrar a uns amigos a grandeza do seu Estado, explicou:

— A gente sobe acima dum morro e, em linha recta, vê terras até daqui a dois dias... E' mais duma semana de paisagem.

— Ou me aumentam o ordenado ou desisto de fazer a limpeza [illegible]

Egoismo nascente

Na véspera de Natal a mãe abre com todo o cuidado um pacote, que acabam de trazer, e a Lilita segue-lhe os movimentos em sobressalto. Sai de lá, por fim, uma magnifica boneca.

Lilita, então, radiante, exclama:

— Ah! mamã, que susto tive! Estava com medo que fosse alguma coisa para ti!

— Não me posso habituar a ideia de que tenho de te dar, minha filha.

TREINO

Ele era um bom homem, calmo, sossegado como um cordeiro, que passava os dias assentado, com a mão no queixo, sem fazer nada, sem dizer nada e quando alguém pretendia proximar-se dele e interrompê-lo naquela divagação logo a mulher lhe tolhia o passo

— Não vá interrompê-lo...

— Interrompê-lo em quê? Ele não está a fazer nada.

— Isso é o que o senhor pensa. Está a treinar-se para o jogo do xadrez

O VINHO

O vinho, diz-nos a lenda, é de origem divina. Na tradição da mitologia grega foi Dionisio quem, descendo do Olimpo, ensinou aos homens a arte de cultivar a vinha e fazer o vinho. Na segunda Idade do Bronze os pré-helénicos já conheciam o vinho. Homero cantou-o nas suas odes.

Ainda hoje, na região de Zanthe, na Grécia, quando uma virgem se casa e não leva consigo flores de laranjeira — são pampanos que lhe cobrem a fronte morena.

Sempre o vinho, claro!

V I

CONCURSO HOUVE UM HOMEM QUE...

Descartes

Houve um genial filósofo, fundador da filosofia moderna, francês de nascimento, que escreveu um livro onde analisava e apresentava as regras que melhores se lhe afiguravam para se pensar de forma lucida e capaz de atingir a verdade. Esse livro começa por uma célebre frase:

«Le bon sens est la chose du Monde la mieux partagée; car chacun pense en être si bien pourvu que ceux même qui sont les plus difficiles à contenter en tout autre chose n'ont point coutume d'en desirer plus qu'ils en ont».

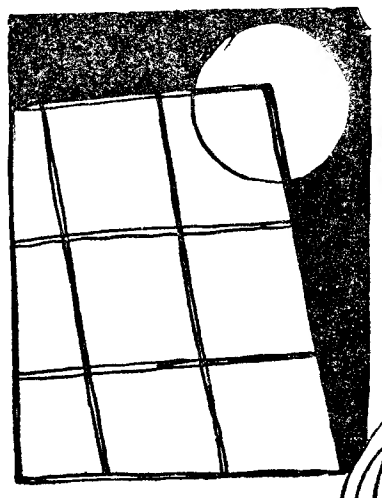
Ou seja (tradução portuguesa de Newton de Macedo):

«O bom senso é a coisa do Mundo mais bem distribuida, porque cada qual pensa ser tão bem provido dele, que mesmo os que são mais dificeis de contentar noutras coisas, não costumam desejar mais do que o que têm».

Quem foi? Dele publicamos o autógrafo para que os nossos leitores o coleccionem com outros que a seguir publicaremos.

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 31 de Março, acompanhadas do nome, morada, idade, data de nascimento e numero de ficheiro dos concorrentes (caso o possuam). É obrigatória, também, a menção da colaboração que mais lhes agradou (três exemplos).

Além dos habituais prémios, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre a frase acima citada.

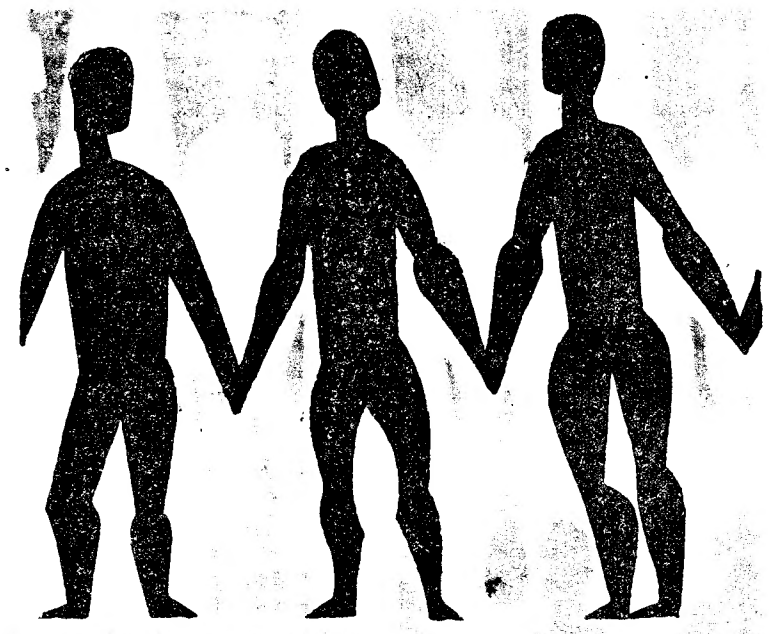


por LAURINDA RODRIGUES
(17 anos)
Amigo n.º 1913

A boneca despintada
pôs-se a olhar
através da claraboia
uma bola de luar.
Tinha os olhos levantados
mas manchados de chorar.
A boneca maltrapilha
desprezada...
Pobre boneca com vida!
— Oh, que vida!
Estava ali abandonada
e cansada
desprezada
espezinhada.
E eu, cá de fora, eu poeta
passei por ela a cantar.
Pobre boneca!
Tinha, nos olhos, uma gota
de luar.

A [illegible]

por **José Augusto dos Anjos Lopes** (18 anos)



A tragédia do homem sózinho acabou. Acenderam-se as luzes. Saio. Na rua a multidão passa.

Como pode haver um homem sózinho, com esta multidão toda que passa?

Como pode um homem ser esmagado pela vida, com tantos para o ajudar?

Cada homem é uma letra, só muitas juntas podem fazer uma palavra. Mas a tragédia do homem só, bem vista, é uma epopeia. Porque ele apesar de sózinho, lutou. Lutou contra qualquer coisa, lutou por uma ideia, por uma melhor compreensão da vida, da morte, de tudo...

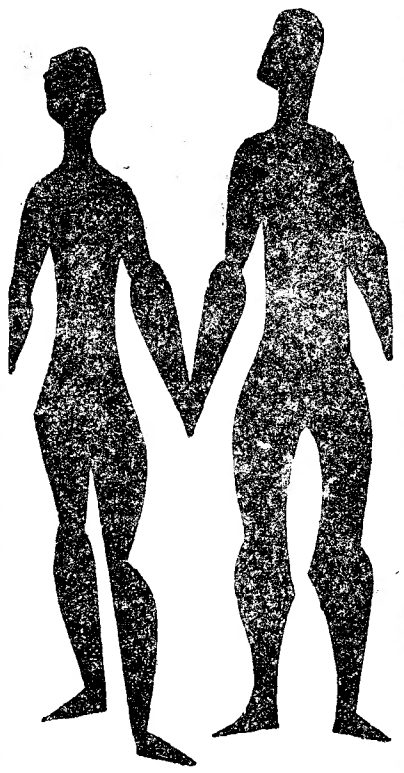
Como moscas fechadas num quarto escuro que zumbem contra a vidraça por onde se vê uma réstea de luz, os homens debatem-se presos da sua condição de homens. Todos os homens querem transcender o Homem e poucos conseguem igualá-lo.

E' cómodo, sentarmo-nos e sermos espectadores passivos e desinteressados duma luta; mas será justo, válido mesmo? A atitude passiva, mesmo quando se reveste dum aspecto de análise cuidadosa, tem sempre a sua faceta de impotência psicológica, de cobardia, da consciência.

Nem todos podem ou sabem pugnar por alguma coisa, mas todos devem querer. Pugnar por alguma coisa, bem entendido, não no sentido de tentar destruir o que está feito total e completamente sem atentar na qualidade e utilidade momentanea, mas sim tentar melhorar, criar o que é necessário e não existe. Não basta dizer: não está bem. Há que dizer: assim estaria melhor. Um só homem nada poderá fazer, talvez, mas 10, 100, um milhão, poderão fazer algo.

O mundo não está, com certeza, em mais aguda crise do que antes

(Continua na última página)



CONVERSA SEMANA

1

Na terceira reunião da Redacção do «Juvenil», presidida por Eugénio Pinto Basto e secretariada por José Carlos de Morais trataram-se dos assuntos seguintes:

1.º — Expediente: leitura, discussão e aprovação de uma carta para os amigos do Porto.

2.º — Crítica do numero anterior do nosso jornal.

3.º — Organização do presente numero.

2

Recebemos uma carta do Vítor Manuel Veloso da Silva (Amigo n.º 911), em que nos informava:

1.º — que tinham procedido à reorganização das reuniões da Delegação do Porto, a fim de lhes conferir maior rendimento.

Não nos esclarece, porém, sobre os efeitos que se procuraram evitar bem, concretamente, que medidas tomaram. Esperamos que nos dêem pormenores sobre o assunto;

2.º — que o ficheiro dos Amigos daquela cidade ia ser preenchido;

3.º — que acabara a organização do Numero Especial. Ainda, porém, o não recebemos. Não poderá, portanto, ser publicado no dia 26. Se nos chegar às mãos até quarta-feira, dia 23, altura em que procederemos, como habitualmente, à constituição do numero da semana seguinte, ele será publicado no dia 1 de Maio.

Agradamos muito esta data: o «Juvenil» pertaz o seu terceiro ano de existência. O acontecimento seria, pois, comemorado da melhor maneira.

3

Pedimos-te que telefones para 77 57 16, qualquer noite, pelas 20 e 30 horas. Combinaremos a forma de falarmos.

4

1) Amigo n.º 1906 — Maria Luísa Ferreira de Sousa (Brunos, de Lis-

(Continua na página seguinte)

PANORAMA DO CINEMA JAPONÊS

por **ALMEIDA FARIA** (16 anos)

I

O facto de o Cinema japonês não ter ainda conseguido vingar no Ocidente é mais uma prova da profunda diferença de mentalidades e da nossa incompreensão pelo que há de básico no pensamento dos povos orientais. Deve ser também isto, em certa medida, o caso do Cinema russo e, de um modo geral dos países nórdicos, que nos têm apresentado, não raras vezes, filmes indiscutivelmente válidos como expressão artística.

Mas, sobretudo, no que se refere ao Japão, haveremos de concordar que se trata de um problema digno de ser analisado, e cuja análise nos parece, aliás, necessária e urgente. Com efeito, estando o Cinema do Japão à cabeça dos produtores mundiais, a par dos Estados Unidos, os nossos cinefilas não têm dele senão uma ideia muito vaga adquirida através de projecção de um ou outro filme, não sei mesmo se dos melhores ou mais representativos. Claro que não é, felizmente, caso único o do nosso País: as restantes nações da Europa, com excepção da França e talvez da Alemanha, se estão, porventura, mais bem informadas acerca da Sétima Arte japonesa, não o estarão, com certeza, muito melhor. Isso não é, porém, razão para que os responsáveis por este ramo da arte — e que é, as mais das vezes, sobretudo um ramo do comércio — se «fecham em copas» muito cómodamente, e não procurem, na medida do possível, divulgar este Cinema, desconhecido entre nós.

Aliás, e segundo a crítica especializada, a indústria japonesa, sendo a indiferença com que os seus filmes eram recebidos nos grandes mercados ocidentais, parece ter-se visto ultimamente obrigada a adaptar os métodos do cinema comercial americano, falsificando assim quase por completo, o espírito intrínseco do Japão. Isto talvez explique — e é confrangedor verificá-lo — a sua melhor aceitação actual na Europa.

II

O Festival de Cinema da Ásia, primeiramente restringido aos países do Sudeste, e realizado todos os anos desde 1951 em vários centros importantes, como Tóquio, Singapura, Hong-Kong, Manila, tem apresentado e premiado muitos filmes japoneses de várias companhias. Assim, no 6.º Festival, realizado o ano passado, foram premiadas as seguintes produções do Japão (título inglês): «His Scarlet Lock», «Three Dolls in College», The Precipice», «Heroes of the Town», «A Man who rule the Typhoon», «Fade Reborn», The Triumph of Tupudise, «Coal — The Almighty», «Story of Artificial Satellite», «Simphony in Steel».

Além de filmes de longa metragem, cuja difusão está a cargo da «Nipjapan Film», tem este país dado uma relevante atenção a documentários com fins puramente

(Continua na última página)

Textos: Maria Helena da Costa Dias e Augusto da Costa Dias. Ilustrações de Tóssan. N.º 151, 26-3-960
Toda a correspondência deve ser dirigida a «Diário de Lisboa» — «Juvenil» — Rua Luz Soriano, 44

MEDO

por Maria Leonarda de Carvalho e Branco (14 anos)

Na noite corro, corro...
De dentes cerrados com medo,
Com destino marcado
Antes de começar
Mas agora não me quero lembrar
Porque tenho medo do destino...
Tropeço em corpos negros
Corpos grandes indefinidos,
É isso...
Quero ver um deles
Fitá-lo sem medo
Ampará-lo sem medo
Amá-lo sem medo.
E eu parei. Mas o corpo negro não se mexeu
Nem sequer abriu os olhos
Indiferente
Inerte
Morto...
E eu caí, sem forças para morrer.

Amigo N.º 1657

DIARIO DE BORDO

Amigo 1786 — Afonso Jorge — Manda urgentemente a morada, para podermos mandar o livro.

Amigo 1680 — António Nunes de Almeida — Manda urgentemente a morada. Estás no mesmo caso do Afonso Jorge.

Amigo — A. Pereira da Silva (Aveiro): Os livros devem ter-se extraviado, pois estão todos em dia. No entanto, manda dizer quais eram; veremos o que se poderá fazer, quanto a isso.

Amigo 1352 — Maria do Rosário de Jesus — Este é que é o teu numero e não o que indicavas. Não voltes a esquecê-lo.

Amigo 1916 — Raul Eduardo Sena Sá Pina — Qual é a tua idade? E a morada?

Amigo 1918 — Aurélio Augusto Pato — Manda dizer a morada, sim, na volta do correio.

Amigo 53 — Maria do Céu Bilet Alves — Manda dizer onde te encontras, pois gostaríamos de escrever-te. E, nunca esqueças, grande Amiga, que sejam quais forem as contrariedades que nos batam á porta, sejam menores ou maiores os desgostos que nos atinjam, há uma coisa que temos de ter bem presente: a nossa Dignidade. E para que isto seja possível, é necessário reflexão, ponderação e bom senso; sem o que corremos o risco de proceder de forma a ter que nos arrepender, mais tarde, quando ás vezes, é já demasiado tarde. Espero que nos escrevas depressa, porque temos uns assuntos pessoais a tratar contigo. Há uma coisa de que não deves desesperar: é da Amizade. E com a nossa podes tu sempre contar, como de velhos amigos que só querem o teu bem.

Vosso amigo sempre pronto,
TROTE.

É na Colecção «Destinos», publicada pela Editorial Estudios Cor que se encontra o melhor conjunto de biografias de grandes vultos traduzido em português:

1 — «A vida de Van Gogh»

2 — «A vida de Dostoievski», por Henri Troyat

3 — «A vida de Toulouse Lautrec», por L. e Elisabeth Henson.

4 — «A vida de Nijinski»

5 — «A vida de Isabel I», por Jacques Chartenet

6 — «A vida de Liszt», por Guy de Pourtalès

7 — «A vida de Átila», por Marcel Brion.

Editorial Estudios Cor publica também a Colecção «Latitudes», de que acaba de sair o volume n.º 41.

Benito Cereno
vítima ou carrasco?

por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Na sua reserva, o Espanhol parecia ser a vítima involuntária de uma desordem mental. Mas, na realidade, esta reserva podia, em certa medida, provir de um desígnio. A ser assim, via-se em Dom Benito mórbidamente levado ao excesso, esta prudência consciencíosa mas gelada, mais ou menos adoptada por todos os comandantes de grandes navios e que, com excepção de condições especiais, destroi qualquer manifestação de autoridade, assim como todo o traço de sociabilidade; transforma o homem num bloco de madeira ou antes num canhão carregado que, a não ser disparado, se conserva sempre mudo.

A considerar o homem sobre este aspecto, não se lhe via mais que um natural indício de hábito perverso, provocado pelo exercício prolongado de um tão completo domínio sobre si mesmo; a despeito da presente condição do navio, o Espanhol teimava em persistir numa atitude que poderia, sem dúvida, ser inofensiva — até mesmo apropriada — num barco bem equipado, como o teria sido o «San Dominick», no início da sua viagem; agora poderia parecer apenas insensata. É possível que o Espanhol pensasse que há capitães semelhantes a deuses e em todas as circunstancias, a reserva deve ser o seu quinhão. Talvez ainda, e mais verosimilmente, esta atitude de domínio sonolento não passava de um esforço para disfarçar uma fraqueza consciente — tomava o efeito não de uma prudência, mas de fútil estratagema. Fossem ou não premeditadas as maneiras de Dom Benito, quanto mais o capitão Delano notava a reserva que as revestia, menos sentia o embaraço; visto ele próprio objecto destas manifestações especiais.

Acostumado á ordem tranquila que reinava entre a tripulação do seu foqueiro (barco que se dedica á pesca das focas) — uma família confortável — a confusão ruidosa oferecida pela tribo doente do «San Dominick» continuamente lhe atraía o olhar. Notou várias infracções graves, não só á disciplina mas á decência. O capitão atribuiu estas infracções á ausência de oficiais subalternos a quem se imputam, entre outras, as funções que podemos chamar de policiamento de um navio populoso. Na verdade, os velhos preparadores de estopa pareciam desempenhar, por vezes, as funções de gendarmes quanto aos negros, seus compatriotas; mas se conseguiam, ocasionalmente, apaziguar as questiunculas sem importancia que se erguiam por vezes entre dois homens, nada podiam fazer para restabelecer a tranquilidade geral. O «San Dominick» estava nas condições de um transatlantico carregado de emigrantes; na multidão deste frete vivo, sem dúvida se encontraram indivíduos tão pouco turbulentos como caixas ou pacotes; porém, as amistosas advertencias que fazem os companheiros mais rudes não têm a eficácia do pulso enérgico de um imediato. Faltava ao «San Dominick» o que possuem os barcos de emigrantes: oficiais superiores rígidos. Ora, neste barco, nem se percebia um lugar-tenente de quarta ordem!

O visitante sentia certa curiosidade em conhecer as circunstancias infelizes que haviam provocado tal ausência, com todas as consequências que isso acarreta; é certo que, pelas queixas que o acolheram no primeiro momento, podia fazer ideia da viagem; mas não conseguia lobrigar, ainda claramente, nenhuma das suas peripécias. O melhor relato iria ser-lhe fornecido pelo capitão, sem dúvida alguma. Mas o visitante hesitara em interrogá-lo, com receio de provocar qualquer resposta orgulhosa. Por fim, tomando coragem, chegou-se a Dom Benito; e patenteando uma expressão do mais alto interesse, acrescentou que, se conhecesse a história dos infortúnios do navio, talvez melhor os pudesse mitigar. Quereria Dom Benito fazer o favor de os relatar inteiramente?

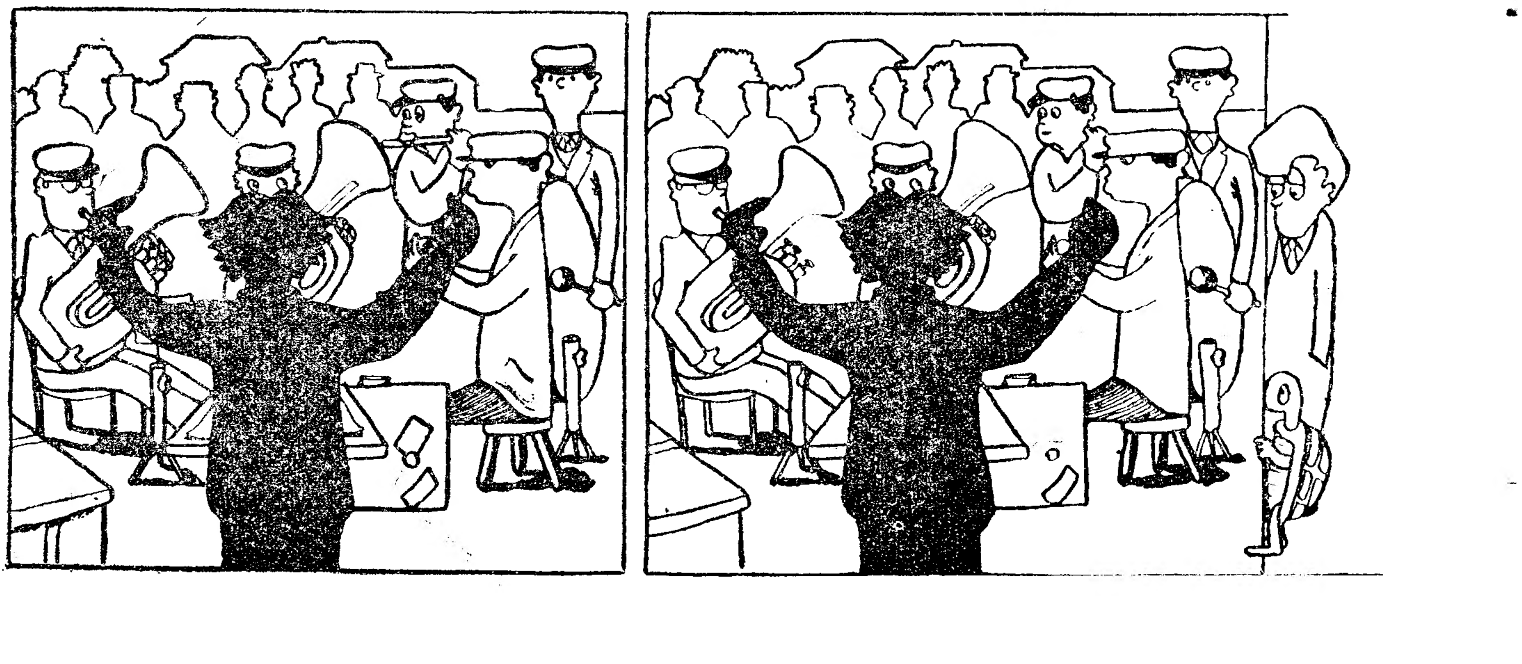
... ...

BENITO CERENO, o mais movimentado argumento e o mais imprevisto desfecho de Herman Melville, o autor de Moby Dick. Um livro que decorre no tempo da escravatura, nas costas do Chile, por entre tempestades terríveis e não mais terríveis sentimentos humanos. Uma história de pirataria sábiamente descrita e superiormente desenrolada no meio de um mistério que só se desvenda no final do romance. Está á venda em todas as livrarias e é mais um êxito da Portugália Editora.

MÚSICA MAESTRO

Estes dois desenhos são iguais? Não, há pelo menos 10 defeitos que modificam tudo. Vejam os amiguinhos se descobrem quais são, e apontem-nos.

As respostas devem estar na nossa Redacção, Rua Luz Soriano, 44, 48, até ao dia 31 do corrente, acompanhadas do nome, morada, idade, numero de ficheiro (para quem já tem), e bem assim da menção dos três artigos de que mais gostaram neste numero.



O CAVALEIRO BELAS MÃOS

O saber da notícia, todos os camponeses que viviam nos domínios de Lançarote rejubilaram. Depois de ter terminado a triste história dos amores de Tristão e Isolda, o menestrel ora convidado pelo cavaleiro a passar uns dias no castelo. Quisera saber mais pormenores da vida de Tristão, cuja estadia na corte do rei Artur fora numa altura em que Lançarote dela estivera ausente. Ouvira falar do caso, mas os acontecimentos chegaram até ele muito alterados.

Palavra puxa palavra, o cavaleiro começara de novo a interessar-se pela convivência humana. Já saía em longos passeios pelos campos. Ouvia daqui; ali permanecia mais de espaço em amena conversa; e no seu íntimo os bons camponeses erguiam palavras de louvor.

Numa dessas sortidas saiu-lhe ao caminho, numa pequena aldeia, um garotinho de cabelos alvos e olhos azuis. Fez-lhe grande festa; estendeu-lhe os braços e quando Lançarote o puxou até si para o beijar já à sua roda se juntava o povo.

— Como te chamas? — perguntou o cavaleiro.

— Bede — respondeu o menino.

O cavaleiro olhou-o em silêncio durante uns momentos e depois disse, muito de manso:

— Então deves ser um belo moço. Conheci um jovem com o teu nome e era bom como mais não se pode ser...

A mãe do menino, chegada ao ombro dele, sorria, embevecida.

— E' a minha mãe — apontou Bede com o dedo.

— A tua mãe? Então parabéns. Ele é mesmo bom rapaz?

A jovem camponesa corou, inclinou a cabeça para os lados num gesto gracioso, a afastar o enleio e acabou por murmurar:

— Já ajuda a mim... e mais ao pai...

— Bravo, Bede! E's um homem.

O garoto olhou-o; meteu-lhe um medo pelas barbas; encostou a cabeça no seu ombro forte e disse baixinho.

— Conta-me uma história! De cavaleiros bons!

Os camponeses riram com gosto, fomentando o desembaraço do moço. A mãe tingiu ralhar-lhe: se era coisa que se pedisse, o atrevido!

— Fizeste bem — interveio Lançarote. Um homem deve ser decidido.

Procurou com o olhar um poiso onde se sentasse, viu um enorme tepo de carvalho, encaminhou-se para lá. Depois de se instalar, com o rapazinho sentado na coxa, perguntou-lhe se conhecia a história do Cavaleiro Belas Mãos. Bede bateu as palmas de contente, pois o nome do cavaleiro era bonito e ele não conhecia a história. Em pé, ou sentados pelo chão, os camponeses dispuseram-se em leque.

— Um dia — começou Lancarote — apareceu na corte do rei Artur um moço muito alto, muito forte. Tinha o encanto da bondade e as mais belas mãos que um homem possa ter — longas, finas, ágeis, nervosas, escorridas, sem nós. Entrou com desembaraço no salão nobre onde festejávamos o Pentecoste e disse:

— O' rei, vim até junto de ti para te pedir três favores: o primeiro rogar-to-ei já; os outros dois revelá-los-ei daqui a um ano.

Todos nos admirámos com tão estranha proposta. Fitámos em silêncio o desconhecido. Por fim Artur exclamou:

— Por muito esquisito que seja o que está nos teus desejos, pede.

— Obrigado, senhor. Dai-me então de comer e de beber durante um ano.

— Só isso? Nunca dentro de minhas portas se negou de comer e de beber a alguém. Tendes o que desejais. Agora qual é vosso nome?

— Permiti que o cale.

Artur chamou seu quase irmão Kay e falou-lhe nestas palavras:

— Não sei quem seja o nosso visitante. Mas é o mais belo homem que até hoje vi. Tratai-o, pois, como se fosse um grande senhor.

— Grande senhor! — admirou-se Kay — Um grande senhor pedir-vos-ia um cavalo e uma armadura e não de comer e de beber por um ano. Não tenhamos duvidas que é homem do povo. Vou mandá-lo para a cozinha onde lavará marmitas e rodará a carne no espeto. Como não tem nome, chamar-lhe-emos o Belas Mãos.

Assim passou o deconhecido a servir no castelo de Chamalote, também chamado da Jovem Guarda. Ora eu reparei numa coisa esquisita: sempre que havia torneios, Belas Mãos arranjava sempre forma de assistir a eles. «Aqui deve haver coisa» — pensava.

— Era um príncipe? — perguntou o menino, sentado no joelho de Lançarote.

— Por enquanto não sabemos. Ouve, que vais ver. Eu dava-lhe dinheiro e boas roupas. A's vezes fazia-lhe perguntas sobre o seu passado, mas ele calava-se. E assim correu um ano. Festejávamos nós a Páscoa, de novo, quando entrou no salão uma jovem que, ajoelhando aos pés de Artur, disse, em grande aflição:

— Senhor, venho pedir-vos socorro.

— Para quem, nobre dama? Para vós?

— Para minha ama, senhor. Ela está cercada no seu castelo por um tirano — O Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas. Jurou que a havia de render pela fome para depois dela se apoderar.

— Qual é o nome de vossa ama?

— Permiti que não vo-lo diga.

— Não o direis, decerto: não está nas minhas mãos obrigar-vos a isso. Mas sabei então que não vos poderei arranjar um defensor.

Nesta altura entrava na sala o moço Belas Mãos. Trazia a marmita da sopa, depô-la em cima da mesa e disse:

— Senhor, lembro-vos que estou aqui há um ano. Chegou o termo para vos pedir meus outros dois favores. O primeiro é que me deixeis correr esta aventura; o segundo, que digais ao senhor Lançarote que me armeu cavaleiro quando lho pedir.

— Cumprirei a minha palavra — respondeu simplesmente o rei Artur.

A donzela é que não ficou satisfeita, pois gritou:

— Quê? Minha ama não terá como defensor nesta corte senão um moço de cozinha!

E voltando as costas, sumiu-se.

Mal desaparecera da nossa vista quando surgiu um anão trazendo, pela arreata, um lindíssimo cavalo, sobre cuja sela vinha uma rica armadura. Todos pasmaram, menos eu, que, embora não soubesse quem fosse Belas Mãos, suspeitava, no entanto, que seria um jovem fidalgo que obedecia a um voto.

Belas Mãos envergou a armadura, saltou para o cavalo e eu segui-o, pouco depois. Quando consegui alcançá-lo, o desconhecido disse-me:

— Senhor! Chegou a altura de me armardes cavaleiro.

— E vosso nome?

— Meu nome é Gaério de Orcania e sou irmão do cavaleiro Galvão. Agora, senhor, peço-vos que guardeis segredo.

Eu ri.

— Porque ris? — perguntou-me.

— Porque bem me dizia a cabeça que não tinheis vindo à Corte de Chamalote apenas para comer e beber.

— De certo que não. Vim para conhecer os Cavaleiros da Távola Redonda, ter uma prova do meu valor e saber quem eram os meus amigos.

— E como é que vossos irmãos não vos conheceram?

— Sou o mais novo e eles já não me vêem há quinze anos.

Eu armei-o cavaleiro e no fim, depois de nos abraçarmos, despedimo-nos um do outro.

Belas Mãos partiu à desfilada e acabou por apanhar a donzela. Esta, porém, fingiu que não tinha ninguém a seu lado e quando o jovem se lhe dirigiu com palavras cortezes, ela insultou-o: que era um porco sujo de cozinha! Que sua ama preferiria morrer a ter tal defensor.

— Direis o que quiserdes — respondeu Belas Mãos humildemente — Suportarei vossas más palavras, mas não vos abandonarei: vossa ama será salva ou morrerei.

A donzela não respondeu e caminhavam léguas em silêncio. Chegaram então a um ribeiro que dois cavaleiros bandidos guardavam, na outra margem.

— Direis isto era! — zombou a donzela.

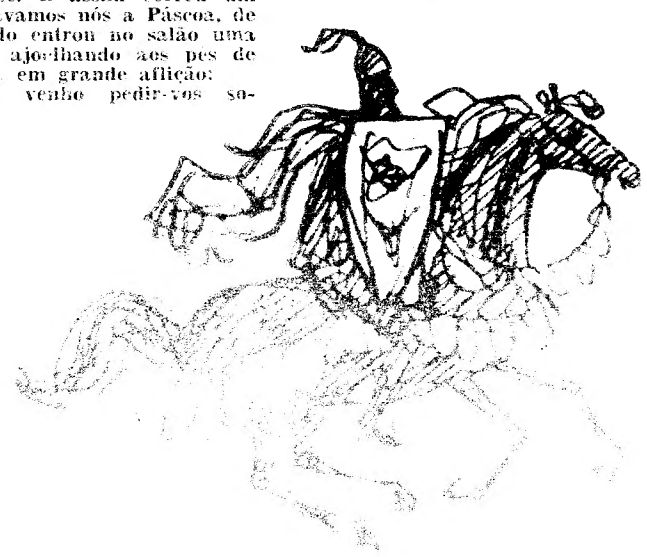
— E' o que direis — limitou-se a responder Belas Mãos.

E fazendo-se a água veio às mãos no meio do ribeiro, com um dos adversários a quem assestou tal cutilada que ele, desmontando, afogou-se. Sem perda de tempo, esporeou o cavalo, galgou a outra margem e enfrentou decididamente o outro cavaleiro. Breves momentos se passaram e já o segundo adversário caía, com o elmo fendido.

A donzela franziu as sobrancelhas, mas continuou troçando:

— Não me admiram vossos feitos: um dos cavaleiros afogou-se e o outro foi ferido por acaso.

Entretanto prosseguiram no seu caminho.



CONVERSA DA SEMANA

(Continuação da pagina anterior)

boa); Poesia «Suplica». Será publicada.

2) Amigo n.º 1832 — Teresa da Cunha Neves Hall (12 anos, do Porto). A tua poesia «Neve» aparecerá proximamente.

3) Amigo n.º 1910 — Jorge Rodrigues (19 anos, do Porto): Também publicaremos a tua poesia «Tempestade».

4) Amigo n.º 1909 — Luís Maria Pinto (17 anos, de Lisboa). As tuas poesias são bastante imperfeitas. Escolheste («Não Escutes» e «Prece Maldita») a forma do soneto, género muito difícil que não está ao alcance de quem começa e com a tua idade. As restantes quadras têm algumas incongruências em que não reparaste, obcecado, umas vezes, pela ideia da rima, outras por não haveres amadurecido na cabeça o que pretendias dizer. Em «Quadras desvairadas», temos por exemplo:

> Quando a morte me levar
> Não chores meu amor, o,
> Pois sei que quando vivi
> Fi-lo só p'ra te querer
>
> ... ...
>
> S'inda jovem, amor, no dia
> A morte me levar
> É sinal de que sofria
> Por deixar de te amar.

Ha aqui uma contradição: ou se morre, amando toda a vida, ou se morre porque se deixou de amar. Publicaremos, todavia, «Chuva e vento» e «Acorda da vida o de tu».

5) Amigo n.º 1907 — Rui Nunes Pedroso (14 anos, de Lisboa). O teu trabalho «História da Arte Antiga» tem o mérito da aplicação, mas sofre de defeitos, de inexactidões próprias da tua idade. Vou enumerar alguns:

a) A arte não surge na «Idade da Pedra Polida»; é da anterior, ou «pedra lascada» e atinge, precisamente aí, no período chamado «Madalenense», o mais extraordinário fulgor. Nas cavernas da Dordonha, de La Pasiega, Aitamira, La Madeleine, etc. encontram-se as mais

(Continua na página seguinte)

O numero nove

Já chegou ao numero nove a melhor colecção de História Universal que se publica entre nós. Tende sempre recomendado aos nossos leitores esta colecção

A VIDA QUOTIDIANA

damos-lhe hoje nota de todos os volumes saídos:

A vida quotidiana...

1) «No tempo dos Astecas, nas vésperas da Conquista Espanhola» — por Jacques Soustelle.
2) «No Egipto no tempo dos Ramsés», por Pierre Montet.
3) «No tempo de Homero», por Émile Mireaux.
4) «No tempo dos Incas», por Louis Baudin.
5) «Em Roma, no Apogeu do Império», por Sérôme Carcopino.
6) «No tempo de Joana d'Arc», por M. Defourneaux.
7) «Em Cartago, no tempo de Aníbal», por G. e C. Charles Picard.
8) «Na Russia, no tempo do ultimo Czar», por Henri Troyat.
9) «Na Alemanha, na Época Romantica», por Geneviève Bianquis.

EDIÇÕES LIVROS DO BRASIL, LDA.

Soluções do Concurso do *Juvenil*

Qual é a coisa, qual é ela? — A FERRADURA.

1. — Amigo 167 — Maria Alda Fanqueiro (Bucelas).
2. — Amigo 1769 — Dina Maria Ribeiro da Silva (Lisboa).
3. — Amigo 1633 — Manuel Sousa Guerreiro Mealha (Loulé).
4. — Amigo 1477 — Maria Manuela Entrudo Viegas (Faro).
5. — Amigo Maria Teresa Seixo (Moita).
6. — Amigo 81 — Maria Irene Santos (Lisboa).

1. — EM CASAMENTO EM FLORENÇA», de Livros do Brasil, Ld.
2. — «COSETTE», da Portugália Editora.
3. — «BENITO CERENO», da Portugália Editora.
4 e 5. — «EM FAMILIA», da Portugália Editora.
6. — «O LEÃO HEITOR», da Portugália Editora.

Prémio para o melhor trabalho do numero anterior: «PORQUE NÃO?»
7. — Amigo 854 — Maria Teresa Santos Martins (Lisboa).
7. — «Férias de Natal», colecção Miniatura de Livros do Brasil e «Cosette», da Portugália Editora.

Prémio para o trabalho mais votado: «CARAVELA»
8. — Amigo 1372 — Maria José Lancastre (Lisboa).
8. — «Cosette», da Portugália Editora.

ATENÇÃO: Os prémios podem ser levantados na Av. de Roma, 78-2.º esq., em Lisboa, todos os dias uteis, das 9 ás 13 e das 15 ás 18 e 30. Os amigos devem levar ou mandar pelo portador o cartão de identidade. Os livros destinados a vencedores da Província seguirão pelo correio. Seguiram ou podem ser levantados os livros até ao numero 149, inclusive. Não estão, portanto, nenhuns livros em atraso. Pedimos aos Amigos da Provincia que acusem a sua recepção e aos de Lisboa e arredores que levantem ou mandem levantar os seus. Os livros podem ser pedidos uma semana depois da sua publicação e antes de um mês, findo o qual os premiados perderão o direito a eles. Os amigos que, por qualquer razão, se vejam impossibilitados de reclamá-los no prazo devido, devem escrever-nos nesse sentido, para que os guardemos até melhor oportunidade.

PANORAMA DO CINEMA JAPONÊS

(Continuação da 1.ª página)

culturais e artísticos. Para isso criou-se a Associação de Produtores de Filmes Educativos, que lança anualmente uma enorme quantidade de suplementos mais ou menos curtos — com uma média aproximada de 25 minutos de projecção — versando vários temas. Predominam, por um lado, documentários sobre a vida doméstica e as ciências sociais, os desportos, as ciências naturais, a engenharia e a indústria; e por outro, a história, a geografia, o turismo e a arte. Paralelamente a estes, têm-se também atendido a desenhos animados e a filmes infantis, o que é, na verdade, digno do maior elogio, até por que são campos do cinema negligenciado na maior parte dos países. São todos estes géneros de produção cinematográfica que têm afluído, desde 1951, embora nem sempre com regularidade, a quase todos os festivais do Mundo. É curioso citá-los, pois, pelo seu grande número, parece que deviam ter contribuído mais para o conhecimento do Cinema japonês. Assim, estiveram filmes japoneses em festivais na Argentina (Mar del Plata), Austrália (Melbourne e Sydney), Bélgica, Brasil, Canadá (Stratford e Vancouver), Checoslováquia (Karlovy Vary), França (Cannes), Grã-Bretanha (Edimburgo e Londres), Índia, Irlanda (Cork), Itália (Veneza e Trento), México, Espanha (San Sebastian), E. S. A. (San Francisco), Uruguai, U. R. S. S. (Tashkent), Alemanha (Berlim) e Iugoslávia (Titula Tito). Apenas os Estados Unidos importam do Japão um número avultado de filmes. São, aliás, também eles os maiores fomentadores da indústria daquele país.

II

Quanto a personalidades destacadas dentro do Cinema no Japão, é difícil julgar acerca do seu verdadeiro valor, pois não temos delas uma visão eclética, e nem sequer total. Em todo o caso, existem realizadores tão famosos já no seu país, que nos deixam adivinhar talentos, sem dúvida, portentosos. Posso citar Kosho Namura, Tadoshi Imai e Akira Kurosawa. Nos filmes artísticos, nomes como os de Toschiro Mifune, tornado célebre em vários filmes, dos quais vimos há pouco «O Homem do Rickshow» (filme, aliás, bem aceite, sobretudo por uma extraordinária técnica), de Hiroyuki Nagato e outros, não nos são já totalmente desconhecidos.

No campo feminino, há actrizes autênticas, com uma arte de expressão muito particular e muito sua, mas cujo valor é frequentes vezes ofuscado pelas beldades representantes do «sex-appeal» americano. Isto é de todos os países, de todos os tempos, e de hoje mais do que nunca, visto que o grande público procura no cinema apenas um prazer e uma distracção!... Claro que, ao aflorar-se este problema, de modo nenhum original, cai-se num círculo vicioso: o Cinema sem o grande público não pode subsistir; o grande público, se não for atraído por filmes que o distraiam, não vai ao cinema. Eu creio que, se o grande público visse filmes bons, certamente se acostumaria a eles, e acabaria por gostar. Mas isto é problema **que não interessa** para aqui, e **que nos levaria**, sem dúvida, **muito longe!...**

José Régio — O dr. Reis

por MANUEL PAULA CAMPOS (16 anos)

— O dr. Reis? Esse é boa pessoa...

Gostei de ouvir o meu tio dizer aquilo. Conheço José Régio como poeta, mas não o conheço como simples homem. Falávamos dos professores do Liceu de Portalegre e sobre o dr. Reis a apreciação era aquela.

Quis saber um pouco da sua maneira de viver, tanto quanto o pode saber quem o conhece unicamente como professor dos seus filhos.

Afinal era tudo como eu previa. Tudo como aparece na sua poesia. José Régio canta nos seus versos o que mostra na sua vida. Respira-se através da sua obra a personalidade forte que possui. Não nos exprime algo de acidental, antes dá a impressão de arrancar do mais íntimo de si mesmo as palavras com que se nos dirige.

Para esse homem, que tendo nascido em Vila do Conde, parecia estar destinado a cantar na sua poesia a beleza excepcional da terra que lhe foi berço, o exterior não conta. Ao poeta basta-lhe o seu drama. Ele mesmo diz:

«Que eu vivo a expor a minha alma nas estradas».

A riqueza que sente no seu íntimo impede-o de procurar motivos para a sua arte, no exterior, no que está fora, no que não é «ele».

Contudo seria uma ofensa enorme duvidar da sua sinceridade. Porque Régio não faz versos de encomenda, não é um profissional da arte, não é um mercenário da poesia. Prova disto são os prosaísmos que se nos deparam na sua obra, autênticos baldes de água fria lançados sobre o embolo do leitor.

«Quem quer pode ver nesses defeitos estudados, o propósito de despertar quem passa pelos seus versos, e de fazer sentir que, para além do ritmo que embala e das palavras que embriagam, o que há naquela poesia é uma alma a querer comunicar-se, uma alma a gritar a verdade do seu caso e a crueza do seu drama».

José Régio é poeta porque nasceu poeta. A poesia torna-se-lhe como que indispensável á vida. E esta necessidade não fica recalcada, não é frustrada.

Na sua obra aparece-nos ele, exactamente como:

« ..... herói
«Daquela história atroz que Deus e eu sabemos».
Esse herói que é
«..... chamado a conquistar
«Os mundos que há no fundo do meu nada».

O poeta teima em se julgar uma excepção. Dum lado, coloca-se a si e ao seu drama, do outro, ficam os outros, o resto, a gente. E o paralelismo entre estes dois campos aparece-nos descrito com uma crueza extraordinária no seu poema: «Cantico Negro».

Lembremos sòmente estes quatro versos que ilustram bem o que dizemos:

«Corre nas vossas veias sangue velho dos avós,
«E vós amais o que é fácil
«Eu amo o longe e a miragem
«Amo os abismos, as tormentas, os desertos...»

Reconhecendo esta antinomia, tem a consciência da sua incompreensibilidade. Por isso não admite que a resolução do seu drama seja dada por outros. Singular no seu drama, quer sê-lo também na solução a dar-lhe.

Como lógica continuação destas ideias, não admira que o poeta julgue indiferentes perante o seu caso tudo o que está fora:

«Mas com isto que têm as estrelas?
Continuam brilhando altas e belas».

Mas não só os seres inanimados assim procedem. Os homens fazem coisa pior:

«Suspeitando-me todos de possesso
«Nos olhos de toda a gente encontro o mesmo grito: — Fora!»

Com estes preconceitos para com os «outros» a atitude do poeta só pode ser uma:

«— Que rumor é aquele? Não sentes?
«— Meu amor, que te importa?
.....
«— É lá fora. São eles. É o Mundo. São gentes...
«— São gentes? Quem são?
«— São colegas, amigos, parentes...
«— Vai dizer-lhes que não! Vai dizer-lhes que não!»

Neste estado de espírito o poeta chega a sentir prazer no seu drama, como que uma certa embriaguês:

«Que bom é ficar só, posto de lado,
«Subir a longa queda até ao fim,
«Chegar exausto, incompreendido, calaniado»

Quem sabe se a escolha de Portalegre para sua residência, não obedeceu a esta vontade de se encontrar só, de se embriagar com o seu drama, longe dos olhares indiscretos?

Portalegre, cidade triste, deve constituir o clima propício para o desenvolvimento do drama de um homem que faz a sua vida normal, que fala com os seus conterrâneos, que nessa terra deixa de ser José Régio para ser o simples e bom doutor Reis.

AMIGO N.º 1140

ANOS NA VIDA OU VIDA NOS ANOS?

POR
ANTÓNIO REBOLO BENTO
(13 anos)

Junto de nós, na sua imortalidade congénita, Sócrates discorre sobre o alto problema filosófico da existência da vida extra-terrena.

Tão embuído está no assunto que nem dá pela nossa presença e é em vão que nós lhe tentamos chamar a atenção.

Resignados sentamo-nos e dispomo-nos a esperar.

Irradiando uma calma extraordinária, o filósofo passeia pela cela, em passo rítmico de vaivém, falando duma maneira arguta e sagaz, num tom convincente e seguro, que predispõe os espíritos a receberem fácilmente a sugestão que baila no ar e já acaricia o amago das consciências individuais.

A sua autoridade, como mortal, é indiscutível, erguendo-se aos mais elevados postos da capacidade humana.

Todos á sua volta mal comprimem as lamentações, que de onde em onde, lhes saem fugidias como meteoros, dos lábios pesarosos; mas o Mestre continua convicto e calmo. Depois de dissertar sobre o modo como encara a morte, aborda o problema dos contrários, primeira prova da imortalidade da alma, em seguida a teoria da reminiscência, segunda prova de que a alma é imortal, as ideias como objecto do pensamento constituem a terceira prova.

Simias e Cebes, seus discípulos, levantam algumas objecções que o filósofo com a sua costumada autoridade anula prontamente. Fala-se agora da causa verdadeira dos problemas da Física, para logo se tornar á teoria dos contrários, como quarta prova da existência da vida eterna. Não falta a descrição da Terra e o mito que corre sobre o destino das almas.

Já o Sol se vai escondendo no horizonte e já um cheiro irritante a cicuta se espalha no ar, quando Sócrates se prepara para fazer as ultimas recomendações.

Tentamos agora chamar a sua atenção e finalmente o nosso desejo é satisfeito.

Queremos gravar aqui neste jornal umas palavras tuas, ó Sócrates!

E após a tempestade veio a bonança.

E' com um sorriso nos lábios que ele acede de bom grado.

«...E' necessário envidar todos os esforços para se obter, nesta vida, a virtude e a sabedoria, porque é bela a recompensa e grandes as coisas que nos esperam!»

E mui mais nos disse, mas de que nos aconselhou silêncio, pois o sentido das palavras interpreta-se muitas vezes de uma maneira conveniente e não como na realidade foi empregado.

Daí a instantes, entre lágrimas do carcereiro e lamentações de todos nós, onde existia alguém que lhe preparara a fuga se ele assim o quisesse, Sócrates pediu o tripificado da sua ultima alimentação humana e com mão firme e vontade resoluta bebeu tudo dum trago.

Ainda falou. Ainda nos iluminou com a sua voz. Ainda nos encorajou a nós (ele que em breve ia morrer). Ainda desejou a companhia da Divindade.

E quando recomendava a dádiva dum galo a Asclédio, como era costume sempre que um enfermo era salvo, Sócrates, numa convulsão fez tremer a consciência da Humanidade, libertava-se do seu fardo mortal.

O quadro é belo. O Sol brilho de novo. A Natureza sorri orgulhosa do seu rebento.

«Morreta» SÓCRATES!

Amigo 1331

(Continuação da 1.ª página)

estive, simplesmente, os problemas mudariam.

Poderemos não ser capazes de resolver o grande problema, sim, mas na medida em que ajudarmos muito humildemente à sua solução ficaremos fazendo parte nela.

Um homem sózinho continuará preso, mas um homem unido, infinitamente solidário com os outros homens, poderá libertar-se.

Se não for o cume mais alto, a pedra do fecho da pirâmide que todos admiram, será a pedrinha da base, para que ninguém olha, mas que ninguém tirará sem comprometer o equilíbrio do sistema.

A luta será ridícula, gritarão os que, confortavelmente instalados, vêem os outros lutar; mas D. Quixote era ridículo e nem por isso é menos admirado.

Ser batido depois da luta é muito melhor que nunca ser batido.

AMIGO N.º 1197

(Continuação da página anterior)

da das representações da arte pré-histórica. No Neolítico, ou «Idade da Pedra Polida», verifica-se uma decadência.

b) As reproduções de mamutes são do Paleolítico e não do Neolítico. No primeiro é que encontras as condições geográficas que constituem o habitual do mamute, ou seja as das idades glaciares.

c) Os animais dessas idades — a rena, o citado mamute, etc. — não são representados apenas nos objectos de osso ou de marfim; os melhores espécimes artísticos a que deram origem encontram-se nas pinturas parietais das cavernas.

d) A arte primitiva tinha funções mágicas. Não era, pois, pura distracção intelectual. As pinturas foram feitas em locais muitas vezes inacessíveis, onde só iam raros «espectadores».

Ao pintar um animal, o artista tinha em vista proporcionar abundantes caçadas á horda de que fazia parte.

Tem um excelente livro sobre a Pré-História, traduzido em português: é «O homem faz-se a si próprio» de Gordon Childe.

5) Amigo n.º 1902 — Maria Carla Calhau Silvestre, Colégio de São José (Ramalhão): O teu conto será publicado.

7) Amigo n.º 1903 — António Moutato de Almeida: A tua poesia «A Fonte» tem bastantes contradições, tal como sucedeu no exemplo atras apontado (Amigo n.º 1909).

Que que: fizer:

Sabe que o caminhante
Sem ela morreria
E o amor do amante
Por terra caíria.

Porque caíria?

«És juiz dos namorados
Que nas noites de luar
Choram contigo encantados,
Que o futuro é sempre amar.

Que tem que ver o ultimo verso com os restantes?

Tenho a impressão que deves tentar outros géneros literários.

8 — Amigo 1883 — Jaime Pereira da Silva (16 anos, Caldas da Rainha) a tua poesia «D. Henrique» termina de fórma absolutamente não-poética:

Tal foi o resultado
E o êxito que obteve,
Que é a ele que se deve
O náutico prestígio do passado

Procura meditar melhor o que escreveste e talvez o publiquemos.

9) Amigo 1919 — Maria Luísa Garcia Afonso (15 anos, de Lisboa). Publicaremos a tua poesia «O amanhã».

10) Amigo 1140 — Manuel Paula Campos (Castelo Branco): Publicaremos ambos os novos artigos. «Páginas dum diário» é bastante bom.

11 — Amigo 1328 — José António Rhodes Sérgio Coelho (Lisboa): «Sagres» aparecerá brevemente nas colunas do «Juvenil», embora estejamos certos de que poderás fazer melhor.

12) Amigo 1699 — Adelino Fernandes Soares (Vila Franca): A tua poesia é muito confusa. A que «Vitória» se refere?

5

Por falta de espaço não veio a menção dos artigos mais votados no n.º 148. Venceu, como leram na lista dos prémios, o Pedro Foyos.

Esta semana os mais votados foram:

1 — «Caravela», por Maria José de Lancastre, Amigo 1172	98
2 — «História duma noite»	85
3 — «Alguém»	73
4 — «O mundo do silêncio	73
5 — «O patinho feio»	73
6 — «Os Cavaleiros da Távola Redonda»	69
7 — «Por que não?»	69

A' Maria José cabe, pois, o habitual prémio para o artigo mais votado.

6

Contràriamente aos nossos desejos este numero saiu mais fraco, sem a paginação costumada. Nele sobressai a poesia de Maria de Lourdes Teresa dos Santos Martins — «Porque não?» — que mereceu o voto unanime de toda a Redacção.